



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – CAMPUS CAJAZEIRAS
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

EVANDRO ALVARES DE LIRA

**Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino
Fundamental**

Cajazeiras – PB

2015

EVANDRO ALVARES DE LIRA

Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino Fundamental

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras-PB, como exigência para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Professor Doutor Jorgevaldo de Souza Silva.

Cajazeiras – PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

L768r Lira, Evandro Alvares de
Redes sociais: possibilidades mediadoras de produção de texto de
opinião no ensino fundamental. / Evandro Alvares de Lira. -
Cajazeiras: UFCG, 2015.
127f. : il.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva.
Dissertação (Mestrado) – UFCG.

1. Tecnologias. 2. Letramento digital. 3. Produção textual. I. Silva,
Jorgevaldo de Souza. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –37.018.43:004(813.4)

EVANDRO ALVARES DE LIRA

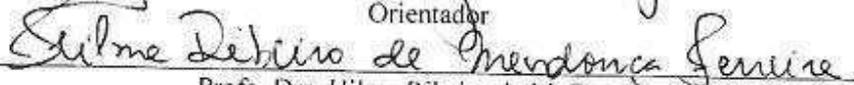
**Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no
Ensino Fundamental**

Aprovada em 16 de junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

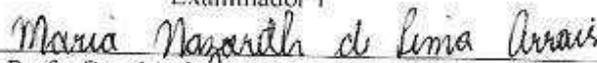


Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva
Orientador



Profa. Dra. Hilma Ribeiro de M. Ferreira

Examinador 1



Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais

Examinador 2

Cajazeiras – PB

2015

Dedico este trabalho à minha esposa; aos meus filhos; ao meu neto; às minhas noras e aos meus irmãos pelo incentivo, credibilidade, orações, compreensão e paciência nas constantes ausências.

Dedico, especialmente, à minha irmã Quinha, que partiu para a Casa do Pai, por sempre acreditar em meu sonho e me incentivar com suas palavras amorosas e suas orações.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade concedida de realizar o sonho de cursar o mestrado, mesmo em meio a tantas adversidades.

À minha família, que sempre acreditou em meu sonho, motivou-me a superar as dificuldades, o desânimo e o cansaço e suportou pacientemente as recorrentes ausências durante esse período.

Ao professor doutor Jorgevaldo de Souza Silva, meu orientador, pela paciência, competência, dedicação e valiosas contribuições.

Aos professores do Profletras, por todas as contribuições e orientações que foram transmitidas e serão refletidas em nossa prática pedagógica.

À coordenação e secretaria do Profletras, por toda assistência concedida.

Aos colegas do mestrado, pelo companheirismo e grandes aprendizagens, que obtivemos uns com os outros, a partir das experiências pedagógicas socializadas.

Aos colegas professores da escola que sediou a pesquisa, pela generosa ajuda em participar da mesma, respondendo ao questionário e pela motivação.

Aos prezados alunos, pela valiosa contribuição em participar da pesquisa, respondendo aos questionários e interagindo nas atividades propostas de produção de texto no Facebook e no Blog.

Aos amigos, por acreditarem no meu sonho e me motivarem através de suas palavras e orações.

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. (Paulo Freire)

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (Paulo Freire)

RESUMO

LIRA, E. A. **Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino Fundamental.** 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

As novas tecnologias adentraram de forma perceptível e definitiva em todos os segmentos sociais, numa velocidade ímpar, viabilizando mais precisão e agilidade na execução das atividades cotidianas. A educação não pode ficar à margem desse contexto. Existem várias possibilidades pertinentes de inclusão das novas tecnologias nas propostas pedagógicas. Este trabalho analisou os impactos positivos causados na aprendizagem, a partir da utilização das redes sociais, com foco no Facebook e no Blog, em atividades pedagógicas de produção textual no Ensino Fundamental. Teve como objetivos proporcionar aos discentes eventos de letramento digital e atividades para otimização do desenvolvimento das habilidades em leitura, compreensão e produção de texto. Nessa perspectiva, realizamos a presente pesquisa com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual, situada na cidade de Vitória de Santo Antão, estado de Pernambuco. A pesquisa supracitada foi organizada através da aplicação de um questionário com os professores da Instituição de Ensino que sediou os trabalhos e dois questionários com os alunos que participaram da atividade. Propusemos aos referidos discentes a leitura e a produção de texto de opinião no Facebook e no Blog, criados com esse fim específico, possibilitando a interação entre eles. Essa atividade de intervenção está pautada nos postulados de Braga (2010), Coscarelli (2012), Lévy (1993, 1999), Marcuschi (2010), Moran (2013), Xavier (2010), dentre outros, que nos forneceram embasamento teórico e reflexões acerca da relevância do uso das tecnologias na escola. Os resultados da atividade pedagógica sob a mediação dos recursos tecnológicos, observados ao longo da execução da mesma, através dos constantes monitoramentos e do segundo questionário respondido pelos discentes, revelaram uma considerável motivação na realização dessas tarefas de produção textual.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias, letramento digital, produção textual.

ABSTRACT

LIRA, E. A. **Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino Fundamental.** 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.

New technologies stepped into in a perceptible and definitive way in all segments of society, in a unique speed, enabling more precision and agility in the execution of daily activities. Education cannot remain outside this context. There are several relevant possibilities for inclusion of new technologies in pedagogical proposals. This study analyzed the positive impacts on learning, from the use of social networks, focusing on Facebook and Blog, in pedagogical activities of textual production in Elementary Education. It aimed to provide students events of digital literacy and activities to optimize the development of reading skills, comprehension and text production. From this perspective, we conducted this research with students from 9th grade of Elementary Education of a public state school, in the city of Vitoria de Santo Antao, State of Pernambuco. The aforementioned survey was organized through the use of a questionnaire to teachers of the Educational Institution that hosted the work and two questionnaires with students who participated in the activity. We proposed to those students the reading and the text production of opinion on Facebook and Blog, created with this specific purpose, enabling the interaction between them. This intervention activity is guided in the postulates of Braga (2010), Coscarelli (2012), Levy (1993, 1999), Marcuschi (2010), Moran (2013), Xavier (2010), among others, who provided us the theoretical basis and reflections on the relevance of the use of technology in school. The results of pedagogical activity under the mediation of technological resources, observed during the execution of it, through constant monitoring and the second questionnaire answered by students, revealed considerable motivation in making these textual production tasks.

KEYWORDS: Technologies, digital literacy, textual production.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 – Apresentação do problema.....	16
1.2 – Justificativa	17
1.3 – Objetivos: geral e específicos	18
1.4 – Descrição dos capítulos	18
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	20
2.1 – Linguagem, interação e produção	20
2.1.1 – Concepções de linguagem.....	20
2.1.2 – Interação, dialogismo e produção textual.....	23
2.1.3 – Práticas de produção de texto na escola	29
2.1.4 – Considerações sobre gêneros textuais	32
2.1.5 – Artigo de opinião: Um gênero textual em evidência.....	34
2.2 – Tecnologias na sociedade e na educação	35
2.2.1 – Presença tecnológica na sociedade.....	35
2.2.2 – Uso das mídias na escola.....	37
2.2.3 – Influência das tecnologias na aprendizagem	39
2.2.4 – Gêneros virtuais: Uma realidade contemporânea.....	41
2.3 – Letramento digital.....	44
2.3.1 – Uso das redes sociais na educação: Eventos de letramento digital	46
2.3.2 – Facebook e Blog: Origem, características e funcionalidade	50
2.3.2.1 – Facebook	51
2.3.2.2 – Blog	52
2.3.3 – Uso pedagógico do Facebook e do Blog: Ferramentas motivadoras de.....	57
2.3.4 – Presença do hipertexto no cotidiano social e escolar	60
3. METODOLOGIA.....	64
3.1 – Considerações sobre a metodologia.....	64
3.1.1 – Abordagem e tipo da pesquisa.....	64

3.1.2 – Contexto da pesquisa.....	67
3.2 – Caminhos da pesquisa.....	69
3.2.1 – Descrição e análise dos dados coletados: professores e estudantes.....	69
3.2.2 – Grupo no Facebook: Discutindo e Construindo Opiniões.....	81
3.2.3 – Blog: Discutindo e Construindo Opiniões.....	92
3.2.4 – Uso do Facebook e do Blog nas aulas de produção de texto.....	97
3.2.5 – Interação e aprendizagem nas redes sociais	99
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS	100
4.1 – Visão dos alunos	100
4.2 – Visão do professor-pesquisador	104
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sexo dos docentes	70
Gráfico 2 - Faixa etária dos docentes	70
Gráfico 3 - Tempo de serviço dos docentes	70
Gráfico 4 - Instrução dos docentes	71
Gráfico 5 - Situação profissional dos professores	71
Gráfico 6 - Carga horária semanal.....	71
Gráfico 7 - Formação acadêmica e continuada.....	72
Gráfico 8 - Uso das tecnologias.....	73
Gráfico 9 - Frequência de uso do computador e da Internet.....	73
Gráfico 10 - Uso de recurso tecnológico nas aulas	74
Gráfico 11 - Relevância e motivação acerca do uso das tecnologias.....	74
Gráfico 12 - Motivo do não uso das tecnologias nas atividades pedagógicas.....	75
Gráfico 13 - Acesso ao computador e à Internet	77
Gráfico 14 - Frequência de acesso à Internet	78
Gráfico 15 - E-mail, Blog e Facebook.....	79
Gráfico 16 - Frequência de acesso ao Facebook.....	79
Gráfico 17 - Possibilidades de uso das redes sociais, e-mail e blog em atividades escolares.....	80
Gráfico 18 - Melhoria da aprendizagem com uso das tecnologias.....	80
Gráfico 19 - Interesse dos alunos no uso pedagógico do Facebook	100
Gráfico 20 - Motivação acerca da produção no Facebook.....	101
Gráfico 21 - Realização de outras atividades mediadas pelas redes sociais.....	101
Gráfico 22 - Dificuldades na realização da atividade no Facebook.....	102
Gráfico 23 - Dificuldades na realização da atividade no Blog	102
Gráfico 24 - Aprovação do uso do Blog.....	103
Gráfico 25 - Otimização do interesse e da aprendizagem dos alunos através das tecnologias	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página principal do Blogger.....	54
Figura 2 - Página do Blogspot para criação do novo Blog.....	55
Figura 3 - Página do Blogspot para definição das configurações do Blog.....	56
Figura 4 - Realização de postagem.....	56
Figura 5 - Publicação de postagem.....	57
Figura 6 - Visualização do Blog.....	57
Figura 7 - Página inicial do grupo no Facebook.....	82
Figura 8 - Texto de motivação à participação no grupo do Facebook.....	83
Figura 9 - Exemplo 1 - postagem no grupo do Facebook.....	84
Figura 10 - Exemplo 2 - postagem no grupo do Facebook.....	84
Figura 11 - Exemplo 3 - postagem no grupo do Facebook.....	85
Figura 12 - Exemplo 4 - postagem no grupo do Facebook.....	86
Figura 13 - Postagem de motivação pelo professor-pesquisador.....	86
Figura 14 - Exemplo 1 - artigo de opinião no Facebook.....	87
Figura 15 - Exemplo 2 - artigo de opinião no Facebook.....	88
Figura 16 - Exemplo 3 - artigo de opinião no Facebook.....	89
Figura 17 - Exemplo 4 - artigo de opinião no Facebook.....	90
Figura 18 - Texto de motivação para o segundo tema.....	91
Figura 19 - Exemplo 1 - postagem sobre segundo tema.....	91
Figura 20 - Exemplo 2 - postagem sobre segundo tema.....	92
Figura 21 - Tela principal do Blog.....	94
Figura 22 - Postagem de elementos interativos e comunicativos no Blog.....	94
Figura 23 - Postagem de elementos interativos e informativos no Blog.....	95
Figura 24 - Exemplo 1 de publicação no Blog.....	96
Figura 25 - Exemplo 1 de comentários no Blog.....	96
Figura 26 - Exemplo 2 de publicação no Blog.....	97
Figura 27 - Exemplo 2 de comentário no Blog.....	97

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar a vivência do homem hodierno, inserido na era eletrônica, cuja sociedade, informatizada, se apropria das novas tecnologias que se expandem com velocidade, conquistando um espaço definitivo nos diversos segmentos e na vida das pessoas e têm provocado mudanças significativas. Estão presentes nas mais simples atividades que realizamos no cotidiano. Como postula Silva, Maria (2012, p. 121): “As novas tecnologias da informação e de comunicação provocaram, e ainda o fazem, inúmeras mudanças em todos os setores da sociedade. A informática, cada vez mais, está presente nas atividades sociais, inclusive na educação”.

A inserção das TICs nos diversos setores sociais tem trazido inúmeros benefícios à vida contemporânea, tais como otimização do tempo; interação e comunicação a longa distância com rapidez; comodidade na realização de diversas atividades bancárias, comerciais, pessoais etc sem precisar sair de casa; possibilidades de ressignificação das práticas pedagógicas, a partir da utilização das mídias como recursos didáticos; entre outras.

A educação também está inserida nesse processo de inserção das tecnologias, no entanto, alguns educadores ainda resistem às mudanças, preservando a metodologia tradicional, na qual o professor detém o saber e o deposita em seus educandos, conforme Freire (2005). Essa prática pedagógica não encontra mais respaldo por não representar o contexto de diálogo necessário ao processo de aprendizagem, necessitando de um redirecionamento. O processo educacional deve estar centrado no aluno, como protagonista da sua própria aprendizagem, em constante diálogo com seus colegas e educadores, também segundo Freire (2005). Quanto ao professor, deve exercer a relevante função de mediador competente e criativo, conforme Moran (2013).

Pesquisadores na área educacional, tais como Braga (2010), Coscarelli (2012), Kenski (2012), Komesu (2010), Marcuschi (2010), Masetto (2013), Moran (2013), entre outros, têm realizado estudos, objetivando viabilizar novas direções para a educação com ênfase na mediação das tecnologias, como possibilidades pedagógicas cada vez mais presentes na vida dos jovens.

Assim, a utilização das tecnologias na educação constitui contribuição significativa para a inclusão digital dos alunos na Sociedade da Informação, que tem buscado, sobretudo, amenizar a exclusão provocada por motivos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Não queremos sugerir que a aprendizagem, na perspectiva tradicional, deixa de acontecer. Conforme Moran (2013, p. 11), “é possível ensinar e aprender de muitas formas, inclusive da forma convencional”. Também não há garantia de aprendizagem pelo simples fato de utilizarmos as tecnologias, pois “não são os recursos que definem a aprendizagem, são as pessoas, o projeto pedagógico, as interações, a gestão” (MORAN, 2013, p. 12). Entretanto, as novas tecnologias apresentam outras possibilidades de construção do saber, sua concretização dependerá da maneira de utilização dos recursos.

Por outro lado, Moran (2013, p. 30) postula que as tecnologias digitais “desafiam as instituições a sair do ensino tradicional, em que o professor é o centro, para uma aprendizagem mais participativa e integrada [...]”. As tecnologias possibilitam estratégias diferentes e instigantes de aprendizagem e suscitam mudanças na estrutura pedagógica das escolas.

Nessa perspectiva, realizamos com os quinze alunos do 9º ano de uma escola pública estadual¹, atividades de produção de texto de opinião, utilizando como suporte de escrita digital redes sociais, como o Facebook e o Blog, na pretensão de viabilizar condições de interação entre os interlocutores (alunos), aguçando, desta forma, seu senso crítico. Acreditamos, portanto, que os gêneros virtuais podem ser fortes aliados da educação contemporânea, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem no que se refere às atividades de leitura e produção de texto.

As atividades receberam influência de postulados de Braga (2010), Coscarelli (2012), Lévy (1993, 1999), Marcuschi (2010), Moran (2013), Xavier (2010), dentre outros, que motivaram as reflexões e embasaram nossas concepções acerca da relevância do uso das tecnologias na educação, enquanto elementos motivadores do processo de ensino e aprendizagem. Quanto aos procedimentos técnicos para a efetivação da dissertação, utilizamos a pesquisa-ação, visto que aplicamos atividades junto aos alunos, na intenção de investigar a viabilidade das hipóteses sugeridas, como a possível contribuição com o processo de ensino-aprendizagem, através da utilização das redes sociais na Internet. A pesquisa se propôs contribuir para a redução dos problemas educacionais relacionados à evasão, à repetência e ao desinteresse pelos estudos, a partir da aplicação desse procedimento pedagógico.

¹ A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual, situada na cidade de Vitória de Santo Antão, Pernambuco.

A primeira ação da atividade foi a aplicação de questionários, visando sondar os interesses e expectativas dos alunos em relação à utilização das TIC's² na escola e detectar os professores que já faziam uso das tecnologias nas aulas, as pretensões de uso e as dificuldades.

Em seguida, iniciamos os trabalhos no Facebook, necessitando que todos os alunos possuíssem uma conta nessa rede social. Criamos um grupo secreto para realizarmos a atividade e determinamos os temas que suscitaram as discussões.

Tais discussões foram iniciadas em sala de aula, a partir de textos previamente selecionados, para aguçar o desejo da interação, sendo essas levadas para o grupo do Facebook. Por um período determinado, os alunos postaram nesse ambiente suas opiniões acerca do assunto em foco e fizeram comentários sobre as postagens dos colegas, concordando ou refutando. Ao final desse período, após as discussões, eles produziram o artigo de opinião e postaram nesse mesmo ambiente virtual, possibilitando novas interações.

Após essa primeira etapa, estes mesmos textos produzidos pelos alunos, os artigos de opinião, foram também publicados no Blog, criado com o objetivo de subsidiar a atividade, possibilitando novas interações. Para finalizar, aplicamos novo questionário com os alunos, visando avaliar os resultados da intervenção.

1.1 – Apresentação do problema

Em meio a era digital, propor aos alunos uma educação exclusivamente vertical, na qual o professor é protagonista e, por conseguinte, detentor do conhecimento, não produz mais os resultados almejados, conforme Freire (2005). Diante desse panorama em que muitas escolas se encontram, evidenciamos alguns problemas recorrentes, tais como a evasão, a repetência e o desinteresse dos discentes pelos estudos, em particular, pela leitura e produção de texto.

Os jovens encontram na sociedade possibilidades de interação e respostas precisas e imediatas aos seus questionamentos, através dos meios virtuais e das tecnologias de ponta espalhadas em todos os ambientes sociais. Oferecer-lhes, por isso, apenas atividades escolares com metodologia tradicional, pode desmotivá-los, gerando desistência e desinteresse.

² TIC's: Tecnologias de Informação e Comunicação.

A leitura e, por extensão, a produção de texto têm uma conotação negativa para uma boa parcela dos alunos do Ensino Fundamental, especialmente porque nós, professores, apresentamos propostas pouco interessantes, resultando em baixo nível de proficiência nesse quesito. Os resultados das avaliações externas, como Prova Brasil, IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), PISA, entre outras, estruturadas em habilidades de leitura, compreensão e produção de texto, confirmam essa informação.

1.2 – Justificativa

Estudos e pesquisas são realizados regularmente em nosso país acerca de políticas educacionais inovadoras, objetivando solucionar ou atenuar problemas na escola contemporânea, tais como a evasão, a repetência e o desinteresse dos discentes pelos estudos. Verificamos, no entanto, em plena era digital, propostas pedagógicas ultrapassadas, que não atendem mais às expectativas dos estudantes que cada vez mais anseiam pelo uso proficiente das novas tecnologias. Isso nos levou a desenvolver uma pesquisa, mediada pela adoção das TICs, com ênfase nas redes sociais, como possibilidades de letramento digital, numa perspectiva de inclusão social e digital.

A opção pelas redes sociais para subsidiar este trabalho, deu-se pelo fato de que os jovens alunos usam cada vez mais tais ferramentas com bastante interesse, frequência e desenvoltura em seu cotidiano. Pretendemos, então, quiçá, com a aplicação desta proposta de intervenção pedagógica, motivá-los no ambiente escolar a uma utilização do Facebook e do Blog como ferramentas auxiliares nas práticas de leitura e produção textual. Nesse caso, adotando o texto digital para esse fim, caracterizado como gênero digital, conforme Marcuschi (2010).

Consideramos, pois, que as redes sociais, utilizadas com fins pedagógicos, contribuem para a motivação dos discentes, minimizando, por conseguinte, problemas de aprendizagem, uma vez que a familiaridade com o Facebook e o Blog aguçam as habilidades de leitura, compreensão e produção de texto, tão necessárias à formação do leitor criativo-crítico. Desta forma, acreditamos que a aprendizagem aconteça com mais espontaneidade e haja melhoria nos resultados internos e externos.

Destacamos ainda, que existem várias ferramentas tecnológicas interativas e dinâmicas, podendo ser utilizadas em nossas propostas pedagógicas, como o *e-mail*³ e a *webquest*⁴, viabilizando o processo de ensino e aprendizagem.

1.3 – Objetivos: geral e específicos

O objetivo geral deste trabalho é analisar os impactos positivos causados na aprendizagem, a partir da utilização das redes sociais, com foco no Facebook e no Blog, em atividades pedagógicas de produção textual no Ensino Fundamental.

Nessa direção, os objetivos específicos são os seguintes:

- Identificar as habilidades, interesses e expectativas dos discentes em relação ao uso das novas tecnologias no contexto escolar;
- Traçar o perfil dos docentes acerca de sua formação e de suas práticas pedagógicas;
- Proporcionar aos estudantes eventos de letramento digital a fim de que eles se percebam protagonistas de sua aprendizagem;
- Utilizar o Facebook e o Blog como ferramentas pedagógicas de interação no processo de leitura, compreensão e produção de textos de opinião;
- Analisar a otimização da motivação dos alunos a respeito das atividades de produção de texto, mediadas pelas redes sociais.

1.4 – Descrição dos capítulos

³ E-mail é uma ferramenta que permite compor, enviar e receber mensagens, textos, figuras e outros arquivos através da Internet. (Disponível em: http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_web2/parada_01/para_saber_mais/diferenca.htm. Acesso em: 15 jun. 2015.)

⁴ Webquest é uma metodologia de pesquisa na Internet, voltada para o processo educacional, estimulando a pesquisa e o pensamento crítico. (Disponível em: <http://futuro.usp.br/portal/Pesquisa/Projetos.view.ef?id=48>. Acesso em: 15 jun. 2015.)

O presente trabalho foi estruturado em cinco capítulos, cada um contendo análises, reflexões e especificidades relacionadas ao tema.

Neste primeiro capítulo, fizemos a introdução, destacando os problemas que definiram e justificaram a opção pelo tema e a indicação dos objetivos da pesquisa.

No segundo capítulo, abordamos as bases teóricas que norteiam o trabalho, com especial atenção para as concepções de linguagem, interação, dialogismo, produção de texto, gênero textual e artigo de opinião, bem como as metodologias de produção de texto utilizadas na escola contemporânea. Abordamos, ainda, a presença das tecnologias na sociedade e na educação. Refletimos sobre a influência das TICs na aprendizagem e a presença do hipertexto no cotidiano social e escolar. Refletimos, também, sobre o uso das redes sociais no processo de reconhecimento e prática de eventos de letramento digital, delimitando o Facebook e o Blog como ferramentas indispensáveis a esse propósito. Sobre essas ferramentas apresentamos a origem, principais características e funcionalidade.

No terceiro capítulo, discorremos sobre a metodologia, especialmente no que se refere à coleta e análise dos dados que fundamentam a presente investigação.

No quarto capítulo, analisamos os resultados obtidos com a pesquisa e a relevância da aplicação da atividade mediada pelas redes sociais, para fins de melhoria na aprendizagem.

Nas considerações finais, destacamos a efetiva contribuição do uso das TICs, em especial, o Facebook e o Blog, para a formação do leitor requerido pela sociedade atual.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 – Linguagem, interação e produção

2.1.1 – Concepções de linguagem

A presente seção se debruça sobre algumas reflexões linguísticas, para isso, elegemos os teóricos Bakhtin (2009), Vygotsky (2008), Saussure (2012), Chomsky (1975), Geraldi (2011), entre outros.

Para começar, mostramos que, segundo Geraldi (2011), podemos entender a linguagem sob três concepções básicas: como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como processo de interação verbal.

Na perspectiva de expressão do pensamento, conforme Pinheiro (2010), a linguagem é concebida como uma ação meramente individual e psíquica, exteriorizando-se de forma objetiva para o outro através de um código de signos exteriores conhecido por todos os que fazem parte do processo de interlocução. A linguagem acontece, pois, no interior do indivíduo e sua expressão representa uma espécie de tradução do pensamento. Nessa dimensão, entende-se a língua como um produto acabado, inflexível. O ser humano já nasce, por esse modelo, com a habilidade de exteriorizar o pensamento que é formado em sua mente. Para essa concepção, conforme Geraldi (2011, p. 41), as “pessoas que não conseguem se expressar não pensam”.

A segunda concepção, que toma a linguagem como instrumento de comunicação, é vista, segundo Geraldi (2011), como um conjunto de regras (gramaticais) a serem observadas e seguidas pelos interlocutores para que se estabeleça a comunicação. Aqui, a língua também é entendida como uma atividade imóvel, individual e imutável, em que o desconhecimento das normas que a regem por um dos interlocutores (emissor ou receptor) compromete a concretização da transmissão da mensagem.

Já a terceira concepção adota a linguagem como processo de interação verbal, contrariando as visões anteriores. Não vê a linguagem como uma ação individual ou simplesmente um conjunto de normas linguísticas, mas como possibilidade de estabelecer entre os interlocutores uma interação verbal, ou seja, promover a comunicação concreta a partir do convívio social, respeitando o contexto em que os sujeitos estão inseridos. Nessa tendência, a

linguagem é entendida como propulsora da efetivação das relações humanas, conforme Geraldi (2011).

Essa última concepção de linguagem, apresentada por Bakhtin (2009), chamada de enunciativo-discursiva, considera o discurso como uma atividade social, a partir da qual os indivíduos materializam pela palavra as representações sociais que os constituem. A enunciação é, pois, aqui concebida como matéria-prima para que um sujeito se dirija ao outro e ambos promovam a interação. Bakhtin (2009, p. 67) corrobora tal ideia ao defender que: “A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”, ou seja, a palavra que se faz enunciado é a consequência da interação social. Geraldi (2011, p. 41) coaduna com essa concepção, ao se referir à interação: “Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala”.

Ainda para Bakhtin (2009), as relações interpessoais e o contexto social imediato no qual os sujeitos estão inseridos são fatores preponderantes e indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico possa ser adicionado à língua, à fala e possa ser caracterizado um fato de linguagem. A realização da linguagem como mecanismo de interação entre os pares está atrelada às experiências por eles vivenciadas e suas relações sociais. Essa concepção da linguagem de Bakhtin apresenta discrepância com duas correntes teóricas: o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato.

Para Bakhtin (2009), o subjetivismo idealista, que tem como principal representante Humboldt, considera a linguagem como uma criação individual; e o objetivismo abstrato, representado por Ferdinand de Saussure, considera que a linguagem está organizada exclusivamente no sistema linguístico, a partir das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua.

Para Borin (2004), a enunciação tem um caráter social e para entendê-la devidamente precisa-se perceber que ela acontece sempre dentro de um contexto de interação. Esse pensamento confirma a ideologia de Bakhtin (2009, p. 127 [grifos do autor]), ao afirmar que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Partindo desse postulado, podemos afirmar que a linguagem, enquanto uma ação social de interação, contribui para o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que a convivência e a socialização de suas experiências possibilitam o crescimento mútuo.

Bakhtin (2009) ressalta, pois, a relevância dos interlocutores na perspectiva interacional e dialógica da linguagem, visto que a palavra é proferida por um locutor e se dirige a um interlocutor, sendo o teor do discurso diretamente influenciado pelos sujeitos que dele participam. Logo, diversas variações podem ocorrer, levando em consideração os aspectos sociais, históricos e pessoais que afetam a dinâmica da enunciação.

Conforme Bakhtin (2009, p. 117 [grifos do autor]), então, o direcionamento da palavra tem grande relevância tanto para o locutor quanto para o interlocutor, visto que:

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor.

Entendemos, portanto, que a palavra é objeto materializado da linguagem, ou seja, é o resultado da interação e é determinada pelas relações interpessoais existentes entre os interlocutores.

Essa visão de Bakhtin (2009) em relação à linguagem é também partilhada por Vygotsky (2008), que a entende como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos. Vygotsky (2008) postula duas funções básicas da linguagem: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. O intercâmbio social é considerado pelo autor como exercendo função principal, visto que o homem cria os mecanismos de linguagem para se comunicar com o seu semelhante.

Isso porque, para que essa comunicação com o semelhante ocorra, conforme Borin (2004), é necessário que se estabeleçam signos compreensíveis por todos e que transmitam emoções, pensamentos e ideologias sobre situações diversas. Já a segunda função da linguagem, a de pensamento generalizante, pressupõe o objetivo de tornar a linguagem um instrumento de materialização do pensamento.

Segundo Vygotsky (2008, pp. 189-190), “[...] o pensamento nasce através das palavras”, ou seja, é por meio das palavras que o ser humano pensa. O autor criou o conceito de pensamento verbal, definido pela capacidade do indivíduo de relacionar a linguagem ao pensamento para melhor extrair os significados das palavras, conforme Vygotsky (2008, p. 6):

“Uma vez que o significado da palavra é simultaneamente pensamento e fala, é nele que encontramos a unidade do pensamento verbal que procuramos”.

Se para Bakhtin (2009) a linguagem é vista como instrumento dialógico, para Saussure (2012), a linguagem é dividida em duas partes: a língua (parte social, essencial e independente do indivíduo) e a fala (parte individual, considerada secundária). Esse autor seleciona a língua como o seu objeto de estudo, formada pela junção do sentido e da imagem acústica. Nessa concepção, Saussure defende que esses dois elementos formadores do signo “estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 107), isto é, um depende do outro.

Segundo Saussure (2012, p. 47), “a língua é um sistema de signos que exprimem ideias”, devendo ser concebida e analisada separadamente da fala do sujeito. O contexto social de interação dos indivíduos, responsável pela ocorrência da fala, não é priorizado.

Para Chomsky (1975, p. 83), “a teoria linguística tem antes de mais como objeto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente [...]”. A abordagem primordial do autor está no falante-ouvinte de uma sociedade, sendo que o mesmo “[...] não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou característicos)” (CHOMSKY, 1975, p. 83). Por isso, partindo dessa premissa, o autor defende a ideia de que o sujeito, ao aplicar o seu conhecimento acerca da língua, numa situação concreta, não é influenciado por elementos irrelevantes ou inadequados.

Contrário ao estruturalismo como defendido pelas ideias de Saussure (2012), Chomsky (1975) foi um estudioso do gerativismo, concepção defensora da ideia de que a linguagem é inata à natureza humana e não ao seu contexto social. Segundo Chomsky (1975), a capacidade de comunicação é inerente à pessoa, realizando expressões complexas a partir de expressões simples.

Essas concepções de linguagem defendidas pelos referidos linguistas nos possibilitam concluir que cada uma apresenta sua relevância, contribuindo para o estudo e a compreensão da linguística. A visão sociointeracionista, porém, defendida por Bakhtin, é a que nos parece mais coerente para a contemporaneidade, ou seja, é aquela que atende às expectativas e às necessidades das pessoas nos dias atuais.

2.1.2 – Interação, dialogismo e produção textual

Apresentamos neste tópico os postulados de Bakhtin (2009), entre outros teóricos linguísticos, sobre os conceitos de palavra, enunciado, responsividade, dialogismo e interação, objetivando estabelecer referências acerca de produção textual proposta nesta pesquisa.

Para Bakhtin (2009), o ato de comunicação não é simplesmente uma organização linguística nem apenas transmissão de mensagens, mas, principalmente, a busca da construção de sentido a partir dos discursos diversos dos interlocutores para que se estabeleça a interação por meio do diálogo ou de qualquer outro tipo de comunicação verbal. Justifica-se, dessa forma, a condição dialógica da linguagem, conforme Duque (2013).

Para que esse ato de comunicação construa sentido e estabeleça interação, espera-se uma postura responsiva da parte dos interlocutores, isto é, que haja concordância, discordância, objeção, refutação, enfim, que haja o posicionamento de um perante o outro.

Embasando esta concepção sobre diálogo e interação, Bakhtin (2009, p. 127) nos diz que “a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua”, isto é, o principal objeto de análise e estudo de uma língua é a comunicação entre os indivíduos. Essa interação realizada pelos sujeitos no cotidiano viabiliza as práticas discursivas, conforme postula Cavalcante (2013, p. 17): “A interação verbal, oral ou escrita, faz-se pelo uso efetivo da língua pelos sujeitos em suas práticas discursivas, realizadas por meio de textos com os quais as pessoas interagem”. Significa dizer que a comunicação, ou seja, o dialogismo é a essência da língua.

Bakhtin (2009) apresenta dois modos de pensar o dialogismo: o diálogo entre os interlocutores e o diálogo entre os discursos (dialogismo textual).

Na perspectiva de diálogo entre interlocutores, entendemos a importância da vivência e do contexto social dos sujeitos para que se estabeleça a interação. Portanto, para que haja a interação, é necessário que ocorram o diálogo, o enunciado, a palavra e a responsividade, pressupondo as relações de convivência social.

O diálogo, nessa abordagem de pensamento, tanto pode estabelecer alianças como rupturas, harmonia ou conflito entre os sujeitos inseridos nesse contexto de relação interpessoal. Nessa perspectiva, Brait (2005, p. 95) confirma a concepção de Bakhtin (2009) sobre dialogismo ao afirmar que:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos.

Segundo a autora, o dialogismo tanto pode ser entendido como os diversos discursos que estão inseridos em um determinado grupo social, como pode ser entendido acerca das relações de interação estabelecidas entre os sujeitos do discurso.

Em se tratando de diálogo entre os discursos, observamos a presença da polifonia textual, ou seja, a existência de várias vozes que os textos possuem e a relação entre os mesmos. Um texto sempre dialoga com outro, sofrendo interferências ideológicas. Não existe um enunciado totalmente puro, sempre recebe influência de outros. Conforme postula Bakhtin (2011, p. 379), “[...] todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro”. As palavras e enunciados de um indivíduo sempre refletem, de certa forma, as palavras e enunciados de outro (s) indivíduo (s).

Entendamos enunciado ou enunciação, segundo Bakhtin (2009, p. 116), como “[...] o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados [...]”, ou seja, a partir das relações sociais entre os indivíduos acontece a interação, resultando na enunciação ou na palavra. Ainda, de acordo com o autor, a palavra “[...] constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (BAKHTIN, 2009, p. 117 [grifo do autor]).

Diante das concepções abordadas acerca de dialogismo e interação, concordamos com Duque (2013), ao afirmar que a escola é o lugar ideal para o desenvolvimento da linguagem e do aluno enquanto sujeito em constante processo de construção da aprendizagem. O professor deve se posicionar como mediador e estimular nos alunos o senso crítico. No diálogo e na interação os alunos se completam e constroem seu conhecimento, numa participação ativa na sociedade e no contexto escolar. Conforme Freire (2005, p. 67): “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo e com os outros”. A “educação bancária” abordada e refutada por Freire (2005, p. 66), ainda praticada em muitas escolas, não viabiliza o dialogismo, tampouco a construção da aprendizagem pelo próprio sujeito.

Em harmonia com o pensamento de Freire (2005) sobre a completude dos sujeitos a partir da interação entre si, Geraldi (2010, p. 36) postula que “[...] os sujeitos se constituem à medida que interagem com os outros, sua consciência e seu conhecimento do mundo resultam como produtos deste processo. [...] Trata-se sempre de sujeitos se completando e se construindo em suas falas e nas falas dos outros”. Significa dizer que os indivíduos, representados pelos nossos alunos, formam-se, constroem-se e completam-se a partir da interação e da socialização dos conhecimentos pessoais e de mundo que levam para o ambiente escolar, possibilitando que aconteça uma aprendizagem individual e coletiva.

Partindo dos pressupostos aqui abordados, acerca da interação e do dialogismo, analisamos que as práticas pedagógicas, na perspectiva tradicional, não têm contemplado coerentemente tais concepções, uma vez que muitos educadores ainda valorizam a educação vertical, posicionando-se em sala de aula como o detentor absoluto do conhecimento, conforme Freire (2005). Desta forma, os alunos não encontram possibilidades de interagirem naquela comunidade, composta por colegas e professores, nem expressarem seus pensamentos de forma crítica e democrática.

Sentimos, portanto, a necessidade de ressignificar nossas práticas pedagógicas, adotando a educação horizontal, pautada na valorização de todos os sujeitos (educadores e educandos) que fazem parte do contexto educacional, como protagonistas da aprendizagem. Educação essa que viabilize a interação e o diálogo em sala de aula. Acreditamos, desta forma, que a utilização das tecnologias na escola facilite a ocorrência dessas práticas. A esse respeito, Moran (2013, p. 30) afirma que as tecnologias “desafiam as instituições a sair do ensino tradicional, em que o professor é o centro, para uma aprendizagem mais participativa e integrada, com momentos presenciais e outros com atividades a distância, mantendo vínculos pessoais e afetivos, estando juntos virtualmente”. As tecnologias digitais propiciam o diálogo e estreitam os vínculos pessoais e afetivos, tão relevantes no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, são estes pressupostos, a interação e o diálogo, que viabilizam o processo coerente de produção textual.

Conceituamos, até então, a interação segundo a visão de Bakhtin (2009) e de outros teóricos que participam de seu Círculo, entendendo que ela gera a enunciação através da qual os sentidos são formados, levando em consideração os conceitos, as ideologias e as experiências dos interlocutores.

Refletimos também, acerca de algumas concepções de produção textual como consequência da interação estabelecida entre os membros de uma comunidade, focando nesse estudo, a comunidade escolar.

A princípio, precisamos enfatizar que falar e escrever são duas atividades linguísticas distintas. A linguagem utilizada na fala nem sempre é pertinente utilizá-la na escrita. Da mesma forma, a linguagem utilizada na escrita nem sempre é conveniente utilizá-la na fala, dependendo do contexto social em que o autor do texto esteja inserido. No entanto, às vezes colocamos em nossa produção escrita marcas da oralidade, com um propósito definido ou mesmo de forma imperceptível. Concordamos com Bakhtin (2009), ao dizer que a interação possibilita a produção, porém devemos adequar o discurso, fruto da interação, ao tipo de produção (oral ou escrita).

Podemos afirmar também que a produção textual é uma ação de dialogismo, pois o autor dialoga com os prováveis leitores, no momento da escrita. Nessa perspectiva o texto, em produção, conforme Koch (2013), dialoga sempre com outros textos com o objetivo de fazer alusões, de ratificar ou refutar informações contidas neles, sendo todo texto, portanto, um intertexto. Nesse plano, entendemos que todo texto é permeado por informações externas e que alude a outros textos que fazem parte do mundo existencial e cognitivo do sujeito enquanto escritor. Essas concepções acerca de dialogismo estão em consonância com os postulados dos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A produção de discursos não acontece no vazio. Ao contrário, todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos. Nesse sentido, os textos, como resultantes da atividade discursiva, estão em constante e contínua relação uns com os outros, ainda que, em sua linearidade, isso não se explicita. A esta relação entre o texto produzido e os outros textos é que se tem chamado intertextualidade. (BRASIL, 1998, p. 21)

Não existe texto isento de interferências de outros textos. Acontece, portanto, nessa perspectiva, o dialogismo intertextual.

Ratificando as ideias de interação e dialogismo, Koch (2013, p. 26) afirma que “textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, de conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza”. Todo indivíduo participa de um contexto social, logo, interage com outros indivíduos, resultando no dialogismo e, conseqüentemente, na produção de textos com objetivos sociais específicos.

Comungando das mesmas ideologias acima apresentadas, Bakhtin (2011, p. 333) afirma que “todo enunciado tem sempre um destinatário (de índole variada, graus variados de proximidade, de concretude, de compreensibilidade, etc.), cuja compreensão responsiva o autor da obra de discurso procura e antecipa”. Havendo sempre um destinatário, toda produção textual acontece na perspectiva do dialogismo, objetivando a interação e compreensão por parte do leitor. Enfatizamos que na produção escrita a linguagem é o único elemento de interação, portanto o autor precisa escrever bem para que seu texto seja inteligível. Nessa perspectiva, queremos analisar dois tópicos abordados neste parágrafo: o papel dos interlocutores no processo de produção de texto e o domínio da escrita, ou seja, o ‘escrever bem’.

Segundo Menegassi⁵ (2010 *apud* Duque, 2013), na atividade de produção textual existem três interlocutores possíveis. O primeiro é o próprio autor; o segundo é o destinatário, aquele a quem se dirige o autor do texto e o terceiro é o destinatário superior (ou supradestinatário). Esse último possui características subjetivas, por tratar-se de uma pretensão do autor em escrever seguindo as normas linguisticamente prestigiadas pela sociedade de acordo com o gênero solicitado. O autor postula que o supradestinatário é “um representante oficial responsável por constituir padrões e regras que são respeitados no meio social em que o produtor do texto convive” (MENEGASSI, 2010 *apud* DUQUE, 2013, p. 70).

Quanto ao segundo tópico, escrever bem significa possuir um domínio de aspectos linguísticos, semânticos, gramaticais etc, mas sobretudo, um bom acervo de informações e conhecimento de mundo, proporcionados principalmente pela leitura. Segundo Bakhtin (2009, p. 116 [grifo do autor]), “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo, *pela situação social mais imediata*”. As experiências de vida acumuladas pelo leitor, bem como o contexto social no qual está inserido são elementos preponderantes para determinar sua produção.

Conforme Oliveira (2010), existem três conhecimentos necessários para a escrita: linguísticos, enciclopédicos e textuais. Os linguísticos caracterizam o domínio suficiente para compreender os mecanismos de uma língua; os enciclopédicos indicam a vivência de mundo, as experiências do sujeito escritor, o domínio de assuntos diversos presentes no contexto social e os textuais são representados pela identificação das características de elementos que compõem os diversos gêneros textuais.

Para produzir um texto o escritor precisa de motivações reais, no seu íntimo e no seu entorno; precisa ter o que expressar; precisa de argumentos e informações acerca do tema proposto e precisa saber para quem vai se dirigir a sua produção. Enfim, necessita estar com os elementos citados bem definidos em sua mente. Sobre essa acepção, concordamos com Geraldi (2011, p. 40), ao questionar: “Para que ensinamos o que ensinamos?” e “para que as crianças aprendem o que aprendem?”. As motivações mencionadas anteriormente são de grande relevância em qualquer atividade dentro do contexto escolar e estão imbricadas com os objetivos. Por que ensinar tal conteúdo? Qual a relevância para a vida prática e social do meu

⁵ MENEGASSI, R. J. *O processo de produção textual*. In: SANTOS, A. R. dos.; GRECO, E. A.; GUIMARÃES, T. B. (Orgs.) *A produção textual e o ensino*. Maringá, Eduem, 2010, p. 75- 102.

aluno tal conteúdo? São questionamentos que precisamos fazer com recorrência ao preparar nossas aulas, em particular, de produção de texto.

Concordando com esses pensamentos, Oliveira (2010) postula que a escrita é vista de três formas: produto, processo e processo que leva a um produto.

A produção como produto é caracterizada pela preocupação com a forma, com a estrutura e com os aspectos gramaticais e ortográficos. A produção como processo emprega mais ênfase ao processo de produção textual, ou seja, foca nos aspectos semânticos e no conteúdo, menos preocupação com questões de precisão linguística. Quanto ao processo que leva a um produto, é a terceira concepção de escrita que visa o equilíbrio e a apropriação das duas outras concepções. Essa última é considerada pelo autor como a ideal a ser adotada pelo professor ao afirmar que:

[...] assumir posições radicais, excludentes, no ensino de línguas não é interessante. Não nos esqueçamos de Aristóteles: o equilíbrio está no meio. Por isso, o ideal é o professor se apropriar do que houver de positivo em cada vertente teórica para, na sua prática pedagógica, ajudar os alunos a construir conhecimentos (OLIVEIRA, 2010, p. 121).

Essa posição significa conceber o planejamento como uma prática pedagógica que viabiliza esse equilíbrio, tirando de cada concepção de produção aquilo que existe de bom, objetivando a construção da aprendizagem do aluno, mediada pelo professor a partir de estratégias didáticas capazes de atender às necessidades e expectativas dos discentes. Tratamos, na seção seguinte, das questões pertinentes às práticas de produção textual na escola.

2.1.3 – Práticas de produção de texto na escola

A produção textual é vista por Bakhtin (2009), Koch (2013), entre outros teóricos, como consequência das interações do aluno em seu contexto social e escolar. Pelo texto produzido, conhecemos as características do sujeito, suas particularidades, pois, por essa atividade, o aluno tem a oportunidade de externar seus pensamentos, suas ideologias. É, portanto, uma ação de grande relevância para o desenvolvimento social do aluno, bem como para a construção do seu conhecimento. Ratificando esse pensamento, Geraldi (2013, p. 135) postula que considera “[...] a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e

ponto de chegada) de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua”. A oralidade, o dialogismo em sala de aula e a produção escrita são pontos de ações essenciais no estudo da Língua Portuguesa.

Verificamos, entretanto, uma prática bastante recorrente nas escolas acerca da produção de texto, apenas com um olhar estruturalista, ou seja, preocupada com a forma, com a estrutura gramatical e a correção ortográfica. A liberdade de expressão do aluno e sua criatividade são tolhidas, pois atividades são propostas sem uma preparação prévia, sem planejamento. O professor pede apenas para que o aluno produza um texto sobre determinado tema, com quantidade de linhas e tempo definidos.

Segundo Sercundes (2011), existem duas perspectivas recorrentes nas escolas quanto à prática de produção de texto: a produção sem atividades prévias e a produção com atividades prévias.

A produção sem atividades prévias, conforme Duque (2013), não prepara o aluno com leituras complementares e discussões sobre o assunto proposto, pressupondo que ele possua conhecimento e domínio suficientes para realizar a produção. A escrita é vista nessa concepção como dom. Referindo-se ao ato de escrever sem orientação e discussão do tema, Sercundes (2011, p. 80) afirma que “esse tipo de episódio leva o aluno a pensar que o ato de escrever é simplesmente articular informações, conseguindo fazê-lo da melhor forma aqueles que têm dom e inspiração, sendo esses os premiados”. Essa visão estabelece um enorme abismo entre o aluno e a prática da produção de texto. Imaginando que não possui o dom, acaba criando um bloqueio e desistindo da atividade. Outra análise que podemos fazer a esse respeito é que a concepção da escrita como dom exime o professor do compromisso de formar escritores conscientes, críticos e autônomos, pois é mais cômodo e dá menos trabalho encarar a produção nessa perspectiva.

A produção com atividades prévias oferece aos alunos subsídios necessários para que possam refletir, discutir e formar opinião acerca do tema em foco. Existem várias estratégias que viabilizam as informações prévias, como apresentação de vídeos, filmes, discussões em sala, leituras etc. Conforme Sercundes (2011, p. 87), a produção escrita “[...] permite integrar a construção do conhecimento com as reais necessidades dos alunos”. As atividades realizadas antes da produção permitem, então, que os alunos elaborem seus conceitos, construam seus conhecimentos em conformidade com suas expectativas. O aluno precisa estar, pois, motivado para escrever. Essa motivação advém das atividades prévias e de estratégias lúdicas e diferenciadas propostas pelo professor.

Analisando as duas concepções de produção de texto aqui apresentadas, podemos fazer a consideração de que escrever é uma ação que requer planejamento, conforme Oliveira (2010). O professor precisa elaborar e propor atividades pensando na realidade e necessidades dos alunos para que o objeto de trabalho faça parte do seu mundo, do seu cotidiano. Dessa forma, escrever será uma ação espontânea e atraente. A concepção de que escrever bem é um ‘dom’ não condiz com a realidade, pois grandes escritores produzem seus textos com bastante esforço. Não é uma atividade fácil, exige dedicação, reescrita, porque vários conhecimentos são requisitados. A esse respeito, Scliar⁶ (1995 *apud* SCARTON, 2002, p. 23) postula o seguinte:

APRENDI a rasgar e jogar fora. Quando um texto não é bom, ele não é bom - ponto. Por causa da auto-comiseração (é a nossa vida que está ali!) temos a tentação de preservá-lo, esperando que, de forma misteriosa, melhore por si. Ilusão. É preciso ter a coragem de se desfazer. A cesta de papel é uma grande amiga do escritor.

Concordando com esta concepção, de que o ato de escrever requer empenho, humildade, reescrita, Cunha⁷ (2002 *apud* SCARTON, 2002, p. 25) nos diz:

Já que isso de inspiração é como visita de médico, um aprendiz de escriba tem de penar na dura estiva de desembarcar ideias no teclado, dispô-las numa ordem razoável, dotá-las de algum ritmo, garimpar à procura da palavra precisa, da exata expressão, do claro conceito. Deve ter a humildade da autocrítica, a coragem de podar trechos inteiros, a infinita paciência de recomeçar.

Souza⁸ (1994 *apud* SCARTON, 2002, p. 26) reforça a ideia postulada pelos autores supracitados acerca da tarefa de escrever, ao afirmar: “Fazer, cortar e refazer repetidamente: este é o ciclo. Trabalhoso, mas necessário”. A esse respeito, Souza⁹ (1990 *apud* SCARTON, 2002, p. 28) também afirma que: “Um texto se constrói, às vezes lentamente, muitas vezes penosamente, raras vezes facilmente. Depende do esforço do construtor. E de sua persistência para refazer a obra quando ela desabar [...]”.

Na perspectiva da produção textual, o principal objetivo é expor uma ideologia, não importa o gênero proposto, existe sempre uma ideia a ser transmitida a destinatários “reais ou possíveis”, (GERALDI, 2013, p. 162). O leitor pode ser representado por um sujeito concreto

⁶ SCLIAR, Moacyr. In: Blau – Jornal bimestral de literatura, Porto Alegre, n. 5, agosto de 1995.

⁷ CUNHA, Liberato Vieira da. Crônica: “O clube dos teimosos”, 2002.

⁸ SOUZA, Nilson. Crônica: “No mundo das vírgulas”, 1994.

⁹ SOUZA, Nilson. Crônica: “Escrever é reescrever”, 1990.

ou um sujeito interlocutor provável. Destacando ainda que, através do texto o autor interage com o leitor ao expressar seus pensamentos, deixando lacunas para que esse leitor participe do processo de construção de sentido da escrita, considerando para isso, o contexto social em que os interlocutores estão inseridos. A esse respeito Cavalcante (2013, p. 19) postula: “O texto, então, é tomado como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos”. Desta forma, os interlocutores (autor e leitor) são vistos como participantes ativos no processo de construção de sentido do texto, não apenas no aspecto linguístico, mas também em relação ao conhecimento de mundo dos sujeitos. Ratificando esse pensamento, Cavalcante (2013, p. 18) afirma que:

Para compreender e produzir qualquer texto, é necessário mobilizar conhecimentos, não apenas linguísticos, mas também todos os outros conhecimentos adquiridos com a convivência social, que nos informam e nos tornam aptos a agir nas diversas situações e eventos da vida cotidiana.

A autora afirma que para produzir um texto o sujeito necessita levantar não apenas os conhecimentos linguísticos, mas todos os conhecimentos de vida acumulados ao longo de sua trajetória. O professor deve valorizar as experiências que os alunos levam para a escola e estimulá-los a utilizá-las de forma pertinente nas atividades de produção. Por fim, deve optar pela produção textual com atividades prévias, pois essa prática possibilita aos discentes uma melhor reflexão, discussão e formação crítica de opinião.

2.1.4 – Considerações sobre gêneros textuais

Os atuais estudos linguísticos em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais vêm norteando e viabilizando uma nova maneira de ensinar a Língua Portuguesa, com ênfase no texto. De acordo com tal documento, “as propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem” (BRASIL, 1998, p. 18). Nessa perspectiva, rompe-se com o paradigma de se ensinar a língua apenas pela visão estruturalista, preocupando-se, principalmente, com o seu uso real.

Defende-se, então, que a interação e o dialogismo estabelecidos entre os sujeitos na sociedade, nos diversos contextos comunicativos, acontecem através dos textos, orais ou

escritos, com objetivos variados. Cavalcante (2013, p. 44) reafirma tal ideia ao dizer que “[...] em qualquer sociedade, há uma variedade considerável de motivos que fazem os indivíduos interagirem uns com os outros para, por exemplo, informar, persuadir, reclamar, gerar uma ação, solicitar, contar uma história, anunciar, ensinar etc.”. O propósito comunicativo do autor é que irá determinar o gênero discursivo a ser utilizado como base para a produção do seu texto.

Nessa perspectiva, os gêneros são caracterizados pelo propósito comunicativo, como defende Cavalcante (2013, p. 44):

São padrões sociocomunicativos que se manifestam por meio de textos de acordo com necessidades enunciativas específicas. Trata-se de artefatos constituídos sociocognitivamente para atender aos objetivos de situações sociais diversas. Por esse motivo, eles apresentam relativa estabilidade, mas seu acabamento foi (e continua sendo) constituído historicamente.

Entendemos assim, que os textos se enquadram em determinadas estruturas de acordo com os seus objetivos e necessidades específicas. Segundo o pensamento bakhtiniano, gênero textual é, sobretudo, estabilidade e mudança, isto é, existe um padrão, caracterizando uma certa estabilidade, porém não há rigidez ou inflexibilidade. Um texto pode assumir formas de um determinado gênero, mas pertencer a outro de acordo com o conteúdo e a pretensão comunicativa. Reconhecendo as características e peculiaridades dos gêneros discursivos, o leitor compreenderá, então, com mais precisão o propósito comunicativo do texto e, por conseguinte, do seu interlocutor. A esse respeito Bronckart (2012, p. 103) afirma que “a apropriação dos gêneros é, por isso, um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Dessa forma, o domínio de suas características e funções é relevante para uma melhor interação comunicativa. É importante ter consciência de que para cada propósito comunicativo, existe um gênero textual específico, conforme assinalam os Parâmetros Curriculares Nacionais: “É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social” (BRASIL, 1998, p. 24).

Sobre a atividade sociocomunicativa das pessoas e a constituição dos gêneros, Bakhtin (2011, p. 282 [grifos do autor]) postula que:

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). *Em termos práticos*, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas *em termos teóricos* podemos desconhecer inteiramente a sua existência.

Esse postulado do autor ratifica a ideia de que os gêneros discursivos dão forma padronizada, eventualmente estável, ao texto oral ou escrito no processo de dialogismo e interação entre os sujeitos.

Segundo Koch e Elias (2013, p. 107), na perspectiva bakhtiniana, “todo gênero é marcado por sua esfera de atuação que promove modos específicos de combinar, indissolivelmente, conteúdo temático, propósito comunicativo, estilo e composição”. Os gêneros textuais apresentam formas de composição, estilo e conteúdo específicos, de acordo com o propósito comunicativo, atendendo às necessidades dos interlocutores.

2.1.5 – Artigo de opinião: Um gênero textual em evidência

Nesta seção, faremos uma abordagem acerca do artigo de opinião, que é o nosso objeto de estudo e análise na presente pesquisa, objetivando apresentar as características inerentes a esse gênero textual e identificar a relevância de seu uso no contexto social e escolar dos alunos.

A princípio, queremos destacar a função interativa do artigo de opinião, como postulam as autoras Boff, Köche e Marinello (2009, p. 1 [destaque das autoras]): “O gênero textual ‘artigo de opinião’ desempenha importante papel na sociedade, pois é um meio de interação entre o autor e os leitores de jornais e revistas impressas e de circulação online”. Através desse gênero textual, o autor dialoga com outras pessoas, ao expor sua opinião e receber um retorno (concreto ou esperado) de concordância ou refutação.

O artigo de opinião é um texto de caráter expositivo-argumentativo, veiculado normalmente em jornais e revistas, que costumam contar com um grupo fixo de articulistas. As autoras Abaurre, Abaurre e Pontara (2008, p. 611) definem artigo de opinião como:

[...] um gênero discursivo claramente argumentativo que tem por objetivo expressar o ponto de vista do autor que o assina sobre alguma questão relevante em termos sociais, políticos, culturais, etc. O caráter argumentativo do texto de opinião é evidenciado pelas justificativas de posições arroladas pelo autor para convencer os leitores da validade da análise que faz.

Trata-se de um texto em que o autor expressa sua opinião acerca de um assunto de interesse popular, sustentando-a através de informações relevantes e coerentes. É geralmente publicado na mídia, em jornais e revistas e tem o objetivo de persuadir os leitores com os argumentos apresentados sobre a veracidade de sua tese, na tentativa de convencê-los a adotarem sua opinião.

Vale salientar que as ideias defendidas no texto são de inteira responsabilidade do articulista, isentando a direção da empresa que veicula o texto de quaisquer responsabilidades. Por isso, deve ser assinado pelo autor.

São diversos os assuntos que suscitam os articulistas a produzirem artigos de opinião, como saúde, educação, política, esporte, economia, cultura etc e os leitores, com recorrência, identificam-se com o estilo de determinados escritores, tornando-se assíduos e fiéis leitores.

O autor necessita de um problema para que seja impelido a produzir o artigo, buscando argumentar, construir sua opinião e apresentar uma proposta de solução. O artigo de opinião não possui uma estrutura fixa, mas precisa conter partes que desempenhem funções específicas desse tipo de texto que é convencer o leitor de que a tese analisada e adotada pelo autor é a mais aceitável.

Conforme Boff, Köche e Marinello (2009, p. 5), “o artigo de opinião pode ser estruturado da seguinte forma: situação-problema, discussão e solução-avaliação”. Na situação-problema, o autor aborda a problemática que será analisada e expõe sua opinião com clareza e coerência. Em seguida, discute o tema, abordando argumentos com o objetivo de sustentar sua tese e persuadir o leitor. Finalizando, retoma a opinião levantada e apresenta uma proposta de solução. É um texto escrito, geralmente em primeira pessoa (com indícios de subjetividade), visto que expõe as opiniões do autor, porém pode ser escrito em terceira pessoa (com indícios de objetividade).

Outra característica relevante do artigo de opinião diz respeito à linguagem utilizada que deve estar em consonância com o público a que se destina, mais simples ou mais rebuscada. Conforme Antunes (2003, p. 46 [grifos do autor]), “quem escreve, na verdade, *escreve para alguém*, ou seja, está *em interação com outra pessoa*. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo”. É o destinatário do texto que irá determinar o tipo de linguagem a ser utilizada para que a interação ocorra de forma adequada.

2.2 – Tecnologias na sociedade e na educação

2.2.1 – Presença tecnológica na sociedade

A presença maciça das novas tecnologias na sociedade hoje, em diversos segmentos, é inquestionável. Sua função tem sido otimizar as ações desenvolvidas no cotidiano, proporcionando agilidade, segurança e comodidade. Podemos observar a interferência das tecnologias nas indústrias, nos hospitais, nos estabelecimentos bancários, nos escritórios, no comércio, nos lares e nas escolas. Por conseguinte, tais ferramentas têm contribuído significativamente para a caracterização de um novo perfil de sujeitos.

Na sociedade contemporânea, qualquer ação para ser desenvolvida necessita de um meio tecnológico para a sua efetivação, conforme Moran (2013, p. 12), “[...] não há dúvida de que o mundo digital afeta todos os setores, as formas de produzir, de vender, de comunicar-se e de aprender”. Todos os setores sociais têm sido afetados por esse processo de mutação, em função da inserção das tecnologias nas nossas vidas. Braga (2013, p. 40 [destaques da autora]) reitera tal ideia ao dizer que:

Nossa vida já é direta ou indiretamente afetada por esse tipo de tecnologia. As declarações de imposto de renda, hoje feitas obrigatoriamente no formato digital, comprovam esse fato. As transações comerciais na internet, por serem realizadas sem sair de casa e terem um custo mais baixo, ilustram como os “analfabites” acabam sendo “forçados” a aprender como usar essas tecnologias de modo a evitar diferentes tipos de prejuízo.

Entendemos, então, que as tecnologias fazem parte da nossa vida cotidiana. Nós as usamos nas atividades mais corriqueiras. Sua veloz propagação deve-se ao fato de propiciarem facilidades à vida moderna e exercerem grande fascínio sobre as pessoas, especialmente as mais jovens. O computador e, por extensão, a Internet apresentam um leque de possibilidades de comunicação, de interação e de informação rápida e eficiente. Podemos observar crianças e adolescentes de diferentes espaços e segmentos sociais utilizarem com desenvoltura gêneros de suportes como E-mail, MSN, Blog, Twitter, Facebook etc. O interesse dos jovens está bastante voltado para esse contexto tecnológico contemporâneo. Resistir à utilização das novas tecnologias significa ficar alheio ao atual panorama social e às suas exigências. Segundo Marcuschi e Xavier (2010, p. 14): “Em breve, ninguém poderá mais ficar à margem do uso desse poderoso meio de organização e gerenciamento da vida diária em algum momento de suas atividades mais corriqueiras”. Entendemos, portanto, que a inserção das mídias na cotidianidade é um fato inquestionável. Devemos, por isso, estar atentos e abertos às mudanças que ocorrem para nos adequarmos ao contexto contemporâneo.

No entanto, nem todos os cidadãos têm acesso a essas ferramentas tecnológicas por questões sociais, políticas e econômicas, o que caracteriza a exclusão digital. Partindo dessa

premissa, foi lançado no Brasil o Programa Sociedade da Informação¹⁰, objetivando a disseminação do uso das novas tecnologias por pessoas de diferentes contextos sociais, evitando assim, a exacerbação das desigualdades sociais e a exclusão digital.

2.2.2 – Uso das mídias na escola

Autores e pesquisadores como Behrens (2013), Braga (2010, 2013), Coscarelli (2012), Freitas (2009), Kenski (2012), Lévy (1993, 1999), Marcuschi (2010), Mattar (2012), Moran (2013), Recuero (2011), Xavier (2010), entre outros, têm se dedicado ao estudo da utilização das possíveis tecnologias na educação e suas possibilidades pedagógicas, encontrando nessas ferramentas motivações de interação e construção de conhecimento. Entretanto, o cenário que encontramos na maioria das escolas é de uma prática tradicional e obsoleta. A metodologia educacional na perspectiva tradicional vem apresentando grandes sinais de desgaste e de aversão por parte dos estudantes, necessitando de um redirecionamento. É preciso isto, desconstruir os antigos conceitos pedagógicos para construir novos conhecimentos e “práticas libertadoras”, conforme Freire (2005, p. 78).

Estamos vivenciando a era tecnológica, a Sociedade da Informação com todas as possibilidades de interação, comunicação e aquisição de conhecimento de forma simples, rápida e dinâmica em qualquer ambiente social. Nesse sentido, observamos uma batalha existente entre a escola com metodologia tradicional e as novas tecnologias oferecidas no cotidiano. De um lado encontramos uma sociedade totalmente modernizada pelas mídias, com acesso a informações e conhecimentos, de forma rápida e precisa; com interações que quebram a barreira do espaço físico. Do outro lado encontramos os nossos alunos, que participam dessa sociedade da informação, inseridos em um contexto educacional tradicional, cujo professor é o centro do processo e utiliza a didática de uma “educação bancária”, depositando neles seus conhecimentos, segundo Freire (2005, p. 66), deixando-os totalmente alheios à modernidade tecnológica observada no meio social.

¹⁰ Lançado oficialmente pela Presidência da República em dezembro de 1999, sob a coordenação do Ministério de Ciência e Tecnologia. Seu objetivo foi integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação, de forma a contribuir para que a economia do país tenha condições de competir no mercado global e, ao mesmo tempo, contribuir para a inclusão social de todos os brasileiros na nova sociedade. (Disponível em: http://www.dgz.org.br/out00/Art_02.htm. Acesso em: 12 jun. 2015.)

Enquanto a sociedade, representada por seus diversos segmentos, assimila a inserção das novas tecnologias e acompanha o ritmo acelerado de mutação, a educação demonstra pouco interesse pela utilização das mídias em seu contexto pedagógico. A esse respeito, Marcuschi (2010) postula que as escolas não podem ficar à margem das inovações tecnológicas. Comungando tal pensamento, Moran (2013, p. 12) diz que: “Enquanto a sociedade muda e experimenta desafios mais complexos, a educação formal continua, de maneira geral, organizada de modo previsível, repetitivo, burocrático, pouco atraente”. É essa previsibilidade na educação brasileira que tem afugentado os alunos da escola, por não oferecer atrativos encontrados em outros ambientes, como por exemplo, nos tecnológicos e virtuais.

Inserir as mídias nas atividades pedagógicas possibilita um “norte” para motivar a participação e assiduidade dos alunos nas aulas, porém alguns paradigmas precisam ser quebrados, na pretensão de estreitar a interação entre professor / aluno e atingir os objetivos almejados. Segundo Moran (2013, p. 71): “Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais da educação escolar, que mantêm distantes professores e alunos”. Não adianta introduzirmos as TICs em nossa prática pedagógica, se continuarmos utilizando as mesmas metodologias tradicionais que distanciam o professor do aluno, inviabilizando ou dificultando o processo de aprendizagem, pois, conforme Braga (2013, p. 59), “não é a incorporação da tecnologia que determina as mudanças nas práticas de ensino, mas sim o tipo de uso que o professor faz das possibilidades e recursos oferecidos pelas TICs”.

O primeiro paradigma que precisa ser rompido é a concepção do professor como detentor do saber, para assumir a postura de mediador ou facilitador no processo de construção da aprendizagem pelo próprio aluno. O segundo paradigma é o fato da vivência exclusiva da educação vertical, ou seja, o conhecimento ser transmitido do professor para o aluno, para vivenciar também a concepção da educação horizontal, a aprendizagem ser construída a partir da interação dos alunos entre si, conforme Bianchessi (2010). Essa concepção acerca da quebra dos paradigmas é ratificada por Paiva¹¹ (2001 *apud* MARCUSCHI, 2010, p. 66 [grifos nossos]), ao afirmar que:

Nas comunidades virtuais de aprendizagem, abandona-se o modelo de transmissão de informação tendo a figura do professor como o *centro do processo* e abre-se espaço para a construção social do conhecimento através de *práticas colaborativas*. Assim as

¹¹ PAIVA, V. L. M. (org.). *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

dúvidas dos alunos são respondidas pelos colegas e deixam de ser responsabilidade exclusiva do professor.

Entendemos, portanto, que a utilização dos recursos tecnológicos na escola não só proporciona aos alunos outros caminhos para a construção do conhecimento de forma colaborativa, mas também aproxima o professor do aluno, condição de grande relevância para a concretização da aprendizagem.

Este é o novo formato da educação, possibilitar que o estudante determine o que e como irá aprender, seja protagonista de sua aprendizagem e colabore também com a aprendizagem do outro, praticando assim, a educação horizontal, mediada pelo professor e subsidiada pelas tecnologias.

Pesquisas têm sido realizadas no sentido de viabilizar a indicação desses novos caminhos para a educação na contemporaneidade, com a interação das novas tecnologias no contexto escolar e a reconfiguração do uso das antigas, numa abordagem pedagógica. Estender a educação para outros ambientes diferentes da escola, utilizando as ferramentas midiáticas tem sido um norte para muitos pesquisadores, como Silva, Marco (2012), quando afirma que a aprendizagem está cada vez mais independente da sala de aula. Trabalhar com as mídias em ambientes fora da escola possibilita atribuir mais responsabilidade e autonomia aos alunos, contudo requer um trabalho acirrado de conscientização e mediação do professor, visando a ocorrência do protagonismo juvenil.

Não temos a pretensão de apresentar os recursos tecnológicos como a ‘salvação’ e resolução para todos os problemas educacionais vivenciados na atualidade, seria utopia. Apresentamos, porém, possibilidades de as mídias contribuírem de forma positiva, a fim de que os professores e estudantes se apropriem das ferramentas midiáticas e possam construir ou desenvolver sua aprendizagem de forma colaborativa.

A educação tem a missão de formar cidadãos conscientes e contribuir para que os alunos possam utilizar as ferramentas midiáticas com criticidade, responsabilidade e criatividade, impedindo que se transformem em simples consumidores.

2.2.3 – Influência das tecnologias na aprendizagem

Políticas educacionais são pensadas e discutidas regularmente em nosso país, na tentativa de solucionar alguns problemas recorrentes, como evasão, repetência, desinteresse dos alunos pelos estudos. Observamos, entretanto, em plena era digital, com tantos avanços

tecnológicos e possibilidades de aprendizagem com rapidez e interação, práticas pedagógicas obsoletas, que não respondem mais às necessidades das crianças, adolescentes e jovens.

A proposta desta pesquisa não foi apresentar uma solução pronta para os problemas vivenciados nas escolas, mas propor uma reflexão sobre o atual modelo das aulas, geralmente descontextualizadas da realidade dos estudantes, sem oferecer muitos atrativos e mostrar possibilidades diferenciadas a partir da utilização das mídias, fazendo relação de suas práticas sociais com as práticas educacionais. Mostrar também os impactos positivos que as tecnologias podem causar na educação, desde que aplicadas de forma coerente e planejada. Como diz Braga (2013, pp. 58-59), “[...] a tecnologia traz para a prática pedagógica formas mais dinâmicas de implementar modos colaborativos ou reflexivos de ensinar e aprender”. No entanto, é necessário que haja um planejamento que defina a melhor maneira de utilização desses recursos, para que não seja apenas mais um recurso didático descontextualizado da realidade e das necessidades do aluno. Novas propostas pedagógicas devem ser elaboradas e aplicadas sob a ótica da mediação das novas tecnologias para que sejam eficazes e colaborem com o processo de ensino-aprendizagem.

A nossa sociedade passa por grandes mudanças estruturais com a inserção das novas tecnologias. Todos os setores fazem suas adaptações para se adequarem ao novo padrão exigido pela modernidade. A educação não pode ficar alheia a essas mudanças pelas quais todos os segmentos passam, correndo o risco de ficar ultrapassada e desacreditada. A esse respeito Moran (2013, p. 67) diz que: “As mudanças que estão acontecendo na sociedade, mediadas pelas tecnologias em rede, são de tal magnitude que implicam, a médio prazo, reinventar a educação, em todos os níveis e de todas as formas”. Reinventar a educação é a grande necessidade para mudarmos o atual panorama educacional brasileiro, valorizando e preservando aquilo que é positivo e substituindo aquilo que não produz resultados satisfatórios.

Em harmonia com o pensamento do autor anteriormente citado, Silva, Marco (2012, p. 84) postula que: “A escola não se encontra em sintonia com a emergência da interatividade. Encontra-se alheia ao espírito do tempo e mantém-se fechada em si mesma, em seus rituais de transmissão, quando o seu entorno modifica-se fundamentalmente em nova dimensão comunicacional”. Portanto, como já foi previamente mostrado, a escola precisa romper com alguns paradigmas e oferecer novas propostas educacionais aos alunos que atendam às suas necessidades e estejam em sintonia com a sociedade moderna. Sobre esse aspecto, Moran

(2013, p. 30) defende a utilização das tecnologias móveis pela escola, objetivando modernizar o ensino e estabelecer vínculos pessoais e afetivos entre professor e alunos ao dizer que:

As tecnologias digitais móveis desafiam as instituições a sair do ensino tradicional, em que o professor é o centro, para uma aprendizagem mais participativa e integrada, com momentos presenciais e outros com atividades a distância, mantendo vínculos pessoais e afetivos, estando juntos virtualmente.

O autor defende a descentralização do professor no processo de ensino-aprendizagem, para uma relação mais afetiva e interativa com os alunos, a partir da mediação das tecnologias digitais. Existem muitas possibilidades de atividades pedagógicas sob a mediação das mídias, exercendo vital relevância para a interação e construção da aprendizagem dos discentes. Cada professor, de acordo com a realidade dos seus alunos, escolherá a prática mais adequada.

Dessa forma, as Tecnologias da Informação e Comunicação exercerão, na escola, a função de contribuir com a educação para que essa cumpra sua missão: formar cidadãos críticos e competentes.

2.2.4 – Gêneros virtuais: Uma realidade contemporânea

Abordamos nas seções anteriores o gênero textual, nos formatos escrito e oral, como instrumento fundamental para o ensino de Língua Portuguesa numa perspectiva interacionista. Vimos, a esse respeito, que são as situações comunicativas por nós vivenciadas, que nos dão as pistas textuais necessárias para o reconhecimento dos gêneros a fim de usá-los adequadamente. Conforme Batista Júnior e Silva (2010, p. 3), “[...] os textos são compostos nas circunstâncias interativas, a partir de necessidades específicas. Desse modo, um gênero textual é determinado por sua função ou finalidade”. A fim de compor a presente seção, propomos reflexões acerca dos gêneros textuais virtuais.

Modernamente, vários gêneros têm emergido no contexto tecnológico, suscitando uma nova postura dos interlocutores no que se refere ao processo de interação e comunicação. Conforme Marcuschi (2010, p. 15), “[...] a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita”. A maioria dos gêneros virtuais tem origem de uma modalidade convencional (escrita ou oral), porém apresentam uma nova roupagem e despertam um grande interesse nas pessoas. Marcuschi (2010, p. 16) postula que “[...] parte do sucesso da

nova tecnologia deve-se ao fato de reunir em um só meio várias formas de expressão, tais como texto, som e imagem [...]”.

As múltiplas semioses oferecidas em um único recurso digital, tornaram-se imprescindíveis na atual sociedade, tão assoberbada pela imposição do ritmo acelerado. Portanto, expressões como *e-mail*, *chat*, *blog*, redes sociais, entre outras, são consideradas comuns em nossas conversas cotidianas, nos diversos ambientes sociais.

Esses novos gêneros textuais, no formato digital, surgiram com o advento do computador e da Internet. Alguns apenas se adaptaram ao suporte tecnológico, mantendo sua funcionalidade e sendo originados de um gênero prévio, como o *e-mail* constituído da carta e do bilhete, o *chat* constituído da conversa face a face e do telefonema e o *weblog* constituído do diário pessoal. Preservaram a função de estabelecer comunicação e interação no convívio social, como postula Rodrigues (2010, p. 7), ao afirmar que “[...] os gêneros textuais digitais são reconhecidos também por serem instrumentos de comunicação, interação e principalmente de ação social”.

Tais gêneros textuais digitais já se fazem presentes na escola, passando pelo processo de adaptação no que concerne à sua análise e utilização. Essas abordagens são contempladas nos novos materiais didáticos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sugerindo reflexões acerca do e-mail, blog, chat, redes de relacionamentos etc. A respeito dos gêneros textuais digitais, Marcuschi (2010, p. 16) afirma que:

[...] três aspectos tornam a análise desses gêneros relevante: (1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

Conforme o autor supracitado, encontramos relevância e motivações concretas na utilização dos gêneros textuais digitais em atividades pedagógicas, delimitando as redes sociais como ferramentas de leitura e produção de texto de opinião, proposta desta dissertação.

Marcuschi (2010) defende que os gêneros emergentes no meio virtual são produzidos em ambientes virtuais, como o Ambiente *web*, o Ambiente *e-mail*, os Foros de discussão assíncronos, o Ambiente *chat* síncrono, o Ambiente *mud* e os Ambientes de áudio e vídeo (videoconferências). Acerca dos gêneros virtuais, Marcuschi (2010) postula que não há uma definição quanto à quantidade, mas apresenta uma listagem que funciona como amostra. Os

gêneros virtuais (ou digitais) mais conhecidos são: e-mail, chat em aberto, chat reservado, chat agendado, chat privado, entrevista com convidado, e-mail educacional, aula-chat, videoconferência interativa, lista de discussão, endereço eletrônico e weblog. Entre esses, destacamos o e-mail, o weblog e o chat como os mais utilizados. Dessa forma, entendemos que a Internet é o suporte que viabiliza a existência dos gêneros virtuais.

Esses gêneros digitais, disponíveis na rede, abrem um leque de possibilidades de comunicação, de interação e de hipertextualidade, conforme Souza (2007, p. 10 [grifos do autor]), “[...] um gênero virtual é *um gênero interativo guiado por funcionalidades*, possuindo uma *natureza dialógica e hipertextual*”. A função primordial dos gêneros virtuais é estabelecer a interação de acordo com as necessidades sociais, possibilitando a presença do hipertexto, ou seja, o diálogo entre as diversas formas de linguagem. A respeito do hipertexto, Xavier (2010, p. 208) entende que é “[...] uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Através dos links, um evento comunicativo (texto, som, imagem etc.) se reporta a outro, estabelecendo analogias entre si.

O hipertexto não é caracterizado como um gênero textual, “[...] mas um formato de organização para diversos gêneros”, conforme Dias (2012, p. 75). Nessa perspectiva, os gêneros textuais digitais podem apresentar um formato hipertextual, necessitando do usuário compreensão e habilidade no manuseio desse recurso para melhor participar das interações propostas pelos gêneros virtuais.

A expressão hipertexto foi cunhada por Theodore Nelson, na década de 1960, com o objetivo de caracterizar a maneira de escrever e ler sem linearidade na informática, através do sistema ‘Xanadu’, projeto criado pelo autor para a realização da leitura interativa no computador, cuja leitura é não linear. Porém, segundo Lévy (1993), a ideia de hipertexto já havia sido pensada pelo matemático e físico Vannevar Bush, em seu artigo ‘*As we may think*’ em 1945, ao apresentar a sua criação batizada por ‘Memex’, “uma máquina hipotética que tinha um funcionamento um tanto diferente de um hipertexto de Nelson”, conforme Dias (2012, p. 69). Trata-se de “[...] um aparelho no qual um indivíduo guarda seus livros, gravações e cartas, e que funciona de tal maneira que possa ser consultado com extrema velocidade de maleabilidade. É um mecanismo pessoal de expansão da própria memória” (BUSH¹², 1945

¹² BUSH, V. *As we may think*. 1945. Disponível em: <<http://www.ps.uni-saarland.de/~duchier/pub/vbush/vbush-all.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2008.

apud Dias, 2012, p. 69). Essas informações eram armazenadas de forma interconectada, logo, um assunto levava a outro, estabelecendo a concepção de hipertexto.

2.3 – Letramento digital

Como já refletimos anteriormente, foi inserida em nossa sociedade uma variedade imensa de novos equipamentos tecnológicos, modificando muitas ações na vida do cidadão contemporâneo. Essas modificações, conforme Xavier (2002), afetaram também o processo de ensino-aprendizagem, motivando estudiosos da área educacional a realizarem pesquisas acerca dos impactos causados por essas novas práticas sociais.

O frequente e crescente uso das novas tecnologias na sociedade moderna tem solicitado das pessoas uma apropriação mais adequada para que possam se inserir e participar ativamente desse novo contexto tecnológico social. Surgiu, portanto, para suprir essa necessidade, uma nova modalidade de letramento, denominada letramento digital, que tem o objetivo de habilitar os indivíduos no domínio do uso das diversas ferramentas tecnológicas e digitais.

Na pretensão de inserir os alunos nesse contexto da Sociedade da Informação, a escola assume a função de capacitá-los para utilizarem de forma coerente as novas tecnologias, na perspectiva de proporcionar a inclusão digital e o exercício pleno da cidadania. O indivíduo que fica alheio aos movimentos que ocorrem em sua sociedade, de certa forma, provoca sua exclusão e não se habilita para exercer plenamente a cidadania. Portanto, também é função da escola letrar digitalmente seus alunos.

Para entendermos melhor o significado do termo '*letramento digital*', retomemos os conceitos de *alfabetização* e *letramento*. Soares (2007, p. 15) define alfabetização como o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. É, portanto, considerado alfabetizado, o sujeito que domina as habilidades de codificar a fala (escrita) e decodificar o texto (leitura), mas que também tem a sensibilidade de interagir com o seu entorno e fazer a leitura de mundo. Pois, conforme Freire (1989, p. 9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela”.

Ainda, segundo Soares (2007, p. 52), *letramento* ou *alfabetismo* é caracterizado pela expectativa de “[...] que todos, crianças e adultos, aprendam a fazer uso adequado da leitura e

da escrita nas práticas sociais que envolvem essas atividades”. Indica o estado ou a condição de utilizar com plenitude a leitura e a escrita, nas diversas situações exigidas pela sociedade letrada.

A expressão letramento é nova no Brasil e foi incorporada no discurso de profissionais das áreas de educação e de linguística na década de 1980. Inicialmente, alguns teóricos a usavam como sinônimo de alfabetização. Por ser uma palavra de uso recente no contexto educacional e social, ainda não é encontrada na maioria dos dicionários de Língua Portuguesa.

Conforme Soares (1999), a palavra letramento é uma tradução da língua inglesa *literacy*, que se origina do latim *littera*, significando letra. A palavra *literacy* pode ser entendida da seguinte maneira: *littera* (letra) + *cy* (condição ou estado de). Sobre essa definição, Soares (1999, p. 35 [grifo da autora]) postula que “[...] *literacy* é ‘a condição de ser letrado’ – dando à palavra ‘letrado’ sentido diferente daquele que vem tendo em português”. Segundo Soares (1999), a precursora do uso da palavra letramento, aqui no Brasil, foi Mary Kato, em 1986, quando há a publicação do livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”.

É provável que um sujeito, embora alfabetizado e letrado, ou seja, utilize com desenvoltura as técnicas de leitura e escrita no seu cotidiano, seja um iletrado digital, conforme Xavier (2002). Sobre letramento digital, Xavier (2002, p. 2 [grifo do autor]) postula que:

[...] implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser *letrado digital* pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Entendemos que o letramento digital aborda as mesmas características e perspectivas do letramento alfabético, enfatizando apenas o ambiente de ocorrência: o digital.

Entendemos também que esse tipo de letramento é realizado a partir de aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos, logo, para que o indivíduo esteja plenamente inserido na Sociedade da Informação é necessário que seja letrado para as especificidades digitais, ou seja, que conheça e domine as técnicas de utilização das novas tecnologias e tenha acesso a elas.

Nessa perspectiva, como já pontuamos, é função da escola também proporcionar aos alunos oportunidades de letramento digital, visto que é uma instituição com objetivos de formar cidadãos para vivenciarem plenamente na sociedade e exercerem sua cidadania. Portanto, ao inserir as ferramentas midiáticas em atividades pedagógicas, de forma coerente e planejada, o professor estará contribuindo no sentido de que os alunos adquiram esse tipo de letramento,

como já vimos, de grande relevância para a inclusão social e digital do sujeito. Porém, os professores pouco têm utilizado o computador em atividades pedagógicas, inviabilizando a concretização da função da escola, referida anteriormente. Sobre esse aspecto, Braga (2010, p. 197 [grifo nosso]) afirma o seguinte:

Do ponto de vista pedagógico é necessário ressaltar também o fato de o computador ser ainda pouco usado como ferramenta de ensino. É necessário que a escola passe a se preocupar com a formação de leitores para esse novo meio, oferecendo aos alunos práticas pedagógicas que demandem o *letramento digital* e também formem leitores autônomos.

Para letrar-se e incluir-se digitalmente, no entanto, não basta apenas fazer uso das novas linguagens propiciadas pelas tecnologias digitais, é necessário também apropriar-se dessas ferramentas, utilizando-as adequadamente nas diversas situações do cotidiano, visando melhorias nas condições de vida do cidadão. Constatamos que apenas o letrado alfabético tem plenas possibilidades de se tornar um letrado digital, pois, necessita de competência na leitura, na compreensão e na escrita. Conforme afirma Xavier (2002, p. 4), “[...] a principal condição para a apropriação do letramento digital é o domínio do letramento alfabético pelo indivíduo”.

Fizemos, nas seções seguintes, uma abordagem sobre os eventos de letramento digital como práticas sociais, delimitando a utilização das redes sociais em atividades pedagógicas de produção textual, objeto de estudo nesta pesquisa.

2.3.1 – Uso das redes sociais na educação: Eventos de letramento digital

O advento do computador e da Internet implicou consideráveis mudanças na sociedade, no tocante à sua estrutura e organização. Esses recursos tecnológicos estão inseridos em todos os segmentos sociais e já são indispensáveis ao trabalho cotidiano das instituições e às ações pessoais. Vivenciamos a Era Digital, a Sociedade da Informação, portanto, ignorar essa realidade, é colocar-se alheio ao contexto social contemporâneo e provocar a própria exclusão. Como postulam Lemos e Lévy (2010, p. 23): “A sociedade da informação é uma realidade mundial”. Nessa perspectiva, a escola, que prima pela inclusão social de seus discentes em sua totalidade, tem o dever de oferecer-lhes atividades pedagógicas mediadas pelas tecnologias, objetivando sua inclusão digital e social.

A Internet, por sua vez, apresenta um leque de possibilidades de interação e comunicação, entre elas as redes de relacionamento, mais conhecidas como redes sociais.

A expressão ‘rede social’, em sua origem, indica uma forma de estrutura ou organização entre pessoas que interagem e socializam seus ideais, valores e objetivos de forma horizontal, ou seja, sem hierarquia. Esse tipo de estrutura social já existe há bastante tempo em nossa sociedade. Nessa perspectiva, Thompson (2013, p. 199) postula que “a prática de transmitir mensagens através de extensas faixas de espaço não é nova. Vimos que elaboradas redes de comunicação postal foram estabelecidas pelas autoridades políticas no Império Romano e pelas elites políticas, eclesiásticas e comerciais na Europa Medieval”. O autor afirma que as redes sociais de comunicação sempre estiveram presentes na história da humanidade. A cada época com as características e suportes específicos.

Com o surgimento da Internet, a já existente rede de relacionamento ocupa o ambiente digital, caracterizando as redes sociais virtuais. São serviços de comunicação e interação que se inserem no grupo das mídias da atual *Web 2.0*, termo criado por Tim O’Reilly em 2004, para designar a possibilidade de criação colaborativa na Internet. Conforme Primo (2007, p. 1), a *Web 2.0* é caracterizada “[...] por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo”. O usuário, nos ambientes da web 2.0, tem a oportunidade de ser protagonista, explorando a inteligência coletiva. Comungando com esse pensamento, Recuero (2011, p. 116) afirma que outro elemento “[...] característico das redes sociais na Internet é sua capacidade de difundir informações através das conexões existentes entre os atores”. Através desse ambiente virtual de comunicação e interação, as informações são difundidas de forma mais rápida.

Essa modalidade de relacionamento online conquistou relevante popularidade na sociedade moderna por ser de fácil acesso, apresentar uma interface atraente e possibilitar compartilhamentos diversos, tais como, informações, conhecimentos, interesses pessoais e de grupo, através de postagens de textos, imagens e vídeos. Por esses motivos as redes sociais se expandiram no mundo inteiro, justificando seu sucesso.

Recuero (2011, p. 24 [grifos da autora]) define rede social “[...] como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. Os atores são representados pelos nós, as pessoas que estão envolvidas na rede. As conexões são os laços sociais formados através da interação entre os atores. Conforme Recuero (2011, p. 36), “a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais”. Esses laços também são estabelecidos na escola entre os componentes dessa organização: alunos entre si, professores entre si e alunos com professores, pois a interação está presente em todos os convívios sociais, transformando

nossas vidas. Segundo Freitas (2009, p. 64): “Somos aquilo em que nos transformamos a partir das interações sociais, da educação que recebemos”.

A interação social, sugerida pela autora, proporciona a ajuda mútua, corroborando os postulados da educação na atualidade, que têm defendido com bastante ênfase a construção da aprendizagem a partir da cooperação e colaboração entre os envolvidos no processo. As redes sociais nos dão essa possibilidade, visto que a interação é seu foco principal. Ratificando esse pensamento, Braga (2013, p. 62) postula que “as redes sociais ampliam as possibilidades de ajuda mútua, cooperação e colaboração entre profissionais e leigos e também entre indivíduos que, mesmo tendo saberes fragmentados sobre um determinado tema, podem juntos construir visões mais complexas e abrangentes”.

Partindo dessa premissa, acreditamos que as redes sociais podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas, contribuindo com o processo de construção da aprendizagem dos alunos, uma vez que, nesses ambientes, socializamos diversos conhecimentos, valores, ideais, de forma fragmentada. Cada membro apresenta sua contribuição. Na mesma perspectiva, podemos trabalhar na escola, construindo coletivamente nas redes sociais, novos saberes. Podemos agregar o lúdico à aprendizagem, pois as redes sociais já são utilizadas pelos alunos em seu cotidiano, fora da escola e exercem um grande fascínio sobre eles. Como postulam Lemos e Lévy (2010, p. 107 [grifos dos autores]):

Hoje os jovens têm afeição particular pelos *softwares* sociais como Orkut ou Facebook, que agregam todas as ferramentas. Aqui, o usuário expõe suas preferências e difunde suas produções, sejam elas textuais, sonoras ou imagéticas, além de se comunicar diretamente, por MSN, comentários ou *e-mails*, com as suas ‘comunidades’ de ‘amigos’.

Os autores pontuam a afeição dos jovens pelos ambientes de relacionamento, que denominamos de redes sociais na Internet. Concordando com esse pensamento, Mattar (2012, p. 1) afirma que as redes sociais “[...] são o habitat dos nossos alunos – eles já estão lá”. Significa que eles conhecem e dominam essas ferramentas por usarem com muita frequência no seu cotidiano, facilitando a realização das atividades propostas pelo professor com a mediação dessas comunidades virtuais de relacionamento. Talvez apresentem resistência, a princípio, por estarem realizando atividades escolares em ambientes reservados ao lazer. Acreditamos, porém, que se sintam motivados pelo fato de já saberem utilizar os equipamentos e por desenvolverem atividades diferentes.

Os objetivos primários das redes sociais na Internet eram de interação e comunicação entre pessoas, lazer e conquista de novas amizades. Pesquisadores da área educacional, no

entanto, têm verificado possibilidades de uso dessas ferramentas em benefício da aprendizagem, visto que possuem uma interface que agrega várias linguagens, propiciando aos usuários construírem, a partir das interações e de forma colaborativa, novos saberes. Essas pesquisas, acerca do uso das redes sociais em favor da aprendizagem, mostram que melhoram o relacionamento do professor com seus alunos, uma vez que se aproximam mais através do contato no ambiente virtual, estabelecendo laços mais sólidos.

Outro benefício perceptível sobre o uso das redes sociais na educação é a ruptura com a estrutura tradicional do espaço escolar em relação à organização curricular, pedagógica e administrativa, ficando mais flexível, possibilitando a construção da aprendizagem em outros ambientes. A aprendizagem não se limita apenas à escola, com horários fixos, pode ser concretizada em qualquer lugar, no ambiente virtual.

Várias redes de relacionamento são oferecidas aos usuários atualmente, porém algumas se destacam por causa da grande expansão e utilização, como por exemplo: Facebook, Youtube, Hi5, Twitter e Myspace.

Levando em consideração as reflexões realizadas neste tópico, afirmamos que a utilização das redes sociais na Internet, com fins pedagógicos, proporciona aos alunos eventos de letramento digital, visto que desenvolverão no ambiente virtual a leitura e a escrita a partir de suas experiências cotidianas.

Não podemos, entretanto, deixar de abordar os riscos que o uso das redes sociais pode apresentar aos usuários, se não forem utilizadas de forma adequada e com orientação, por causa da exposição a que se colocam, geralmente. É necessário que a atividade seja bem planejada e sua execução seja monitorada constantemente pelo professor para que não haja dispersão do foco. Conforme postula Marcuschi (2010, p. 16): “O impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder tanto para construir como para devastar”. A Internet oferece um mundo de possibilidades e encantamento que tanto pode contribuir para o crescimento em aprendizagem, como também pode deixar os usuários vulneráveis à ação de indivíduos mal-intencionados, por causa da eventual exposição. Porém, se analisarmos bem, os riscos aos quais nos referimos anteriormente, também ocorrem no nosso cotidiano, nos ambientes físicos. Portanto, quer seja no ambiente virtual (redes sociais), quer seja nos ambientes físicos, precisamos tomar os cuidados necessários, enquanto pais e professores, para preservarmos a integridade física, psicológica e moral dos nossos filhos e alunos, através da orientação e monitoramento constantes.

2.3.2 – Facebook e Blog: Origem, características e funcionalidade

As redes sociais na Internet, exploradas na seção anterior, apresentam na atualidade várias alternativas, com características e funcionalidades específicas, para que o usuário opte por aquela que melhor atenda às suas necessidades e expectativas. No entanto, são muito voláteis, seu sucesso depende da adesão dos usuários. Uma rede de relacionamento em evidência hoje, pode ficar obsoleta amanhã e ser substituída, caso surja outra despertando o interesse das pessoas.

O *Facebook* e o *Blog*, como mostrado, constituem nossas referências às redes sociais, com fins de focar na investigação proposta neste trabalho. Embora o *Blog* não seja caracterizado como uma rede social, apresenta possibilidades de interação e comunicação entre as pessoas, no ambiente virtual, através dos comentários que podem ser realizados acerca das postagens e dos links que conduzem para outros Blogs.

A pretensão, neste trabalho, é motivar os alunos a construírem sua própria aprendizagem, de forma colaborativa, sob a mediação das novas tecnologias, utilizando o *Facebook* e o *Blog* específicos para interação, discussão, leitura e produção de artigo de opinião. É importante que o processo educacional ultrapasse os limites da sala de aula e suscite a comunicação entre os alunos e o professor em momentos e espaços distintos dos fixos.

Os educadores contemporâneos, em virtude do avanço tecnológico na sociedade, têm motivado cada vez mais os alunos a exercerem sua autonomia no processo de construção da aprendizagem. O professor assume sua função de mediador e o aluno a de protagonista do seu próprio saber. Segundo Moran (2013, p. 12): “Nosso papel fundamental na educação escolar é de ser mediadores interessantes, competentes e confiáveis entre o que a instituição propõe em cada etapa e o que os alunos esperam, desejam e realizam”. Encontramos nas ferramentas virtuais oportunidades de viabilizarmos a construção da aprendizagem pelo próprio discente, de forma colaborativa, como postula Moran (2013, p. 42 [grifos nossos]):

Atualmente, com a web 2.0, temos muitas tecnologias simples, baratas e colaborativas, como o *blog*, o Wiki ou o Google Docs, o Twitter, o *Facebook* e o podcast. Essas tecnologias permitem que professores e alunos sejam produtores e divulgadores de suas pesquisas e projetos, de formas muito ricas e estimulantes.

Essas tecnologias constituem ambientes virtuais que nos dão suporte para realizarmos atividades lúdicas e diferenciadas, sem necessidade de descumprir com o programa curricular proposto pela instituição, porém, como já enfatizamos, ultrapassando os limites da sala de aula.

Nas subseções seguintes, faremos uma explanação acerca da origem, das características e da funcionalidade do *Facebook* e do *Blog*.

2.3.2.1 – Facebook

O *Facebook*, hoje, é considerado a rede social mais difundida e utilizada em todos os tempos, ultrapassando todas as outras de grande repercussão.

Segundo Recuero (2011), o *Facebook* foi fundado no ano de 2004 pelo americano Mark Zuckerberg, então estudante da Universidade de Harvard, Estados Unidos, com o nome “*The Facebook*”. Teve a colaboração de colegas da Universidade, inclusive do brasileiro Eduardo Saverin.

Inicialmente, tinha a pretensão de configurar um ambiente no qual os usuários pudessem localizar os colegas, socializando opiniões e fotografias, entretenimento e “[...] criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa uma mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais” (RECUERO, 2011, p. 184). A utilização seria exclusiva aos estudantes da Universidade de Harvard, sendo em seguida expandida para alunos de outras instituições, nos Estados Unidos.

Em agosto de 2005, teve seu nome modificado para *FACEBOOK*, e apenas em setembro de 2006, teve livre acesso, no qual qualquer pessoa poderia se cadastrar através de um e-mail.

Essa rede social cresceu numa velocidade espantosa, em termos de adesão e acesso. Conforme Teixeira (2012, p. 3): “O Brasil já é o segundo país do mundo em número de assinantes do *Facebook* – mais de 47 milhões de usuários ativos -, atrás apenas dos EUA”. Significa dizer que, até então, é a rede social com maior índice de popularização no Brasil e no mundo.

São várias as características e funcionalidades que definem a interface do *Facebook* e justifica o seu alto índice de adesão. Trata-se de um *website* gratuito e de fácil manuseio, gerando receita da publicidade veiculada em suas páginas. Possibilita a postagem de textos, imagens, vídeos, com o objetivo de socializá-los com os amigos da rede. Oferece diversas ferramentas que tornam essa rede social atraente e interativa, pois justifica a possibilidade de criar grupos específicos (abertos, fechados ou secretos) para debater assuntos de interesse comum da comunidade; agendar e socializar os eventos; participar de jogos com os amigos;

compartilhar músicas que estão sendo escutadas por outro usuário; utilizar o recurso “cutucar” para despertar a atenção de outro usuário, motivando contato; curtir e comentar publicação dos amigos; participar de bate-papo (chat); entre outros aplicativos disponibilizados pelo *Facebook*.

O sucesso dessa rede social deve-se ao fato das diversas possibilidades que ela oferece aos usuários, despertando o seu fascínio, principalmente dos mais jovens, como postulam Lemos e Lévy (2010, p. 107): “Hoje os jovens têm afeição particular pelos *softwares* sociais como Orkut ou Facebook, que agregam todas as ferramentas. Aqui, o usuário expõe suas preferências e difunde suas produções, sejam elas textuais, sonoras ou imagéticas [...]”.

O *Facebook* é utilizado pelos usuários com finalidades de estabelecer relacionamentos pessoais, entretenimento, trabalho, mobilizações sociais, estudo etc. Na área educacional, contribuições têm sido pontuadas sob a mediação dessa ferramenta de interação e comunicação.

2.3.2.2 – Blog

Conforme Marcuschi (2010), a palavra *blog* é a abreviação de *weblog*, expressão inglesa criada em dezembro de 1997 pelo americano Jorn Barger. De acordo com Clemente (2009, p. 2), “*log* significa diário, como o diário de bordo, livro em que se aponta o rumo, a velocidade, as manobras e os demais acontecimentos de uma navegação”. A expressão *blog* foi usada, inicialmente, para indicar alguns *sites* que propagavam *links* na *web* e ‘apontavam direções’.

Entendemos por *weblog*, um tipo de diário pessoal mantido na Internet, que constitui um *site* com características próprias e estrutura hipertextual. Isso porque os *links* nele colocados, permitem a ‘viagem’ a outras páginas na Internet ou a outros *Blogs*, formando uma espécie de comunidade ou rede social. Os *Blogs* podem estar interligados através dos *links*, possibilitando, desta forma, a interação entre os participantes dessa comunidade. Essa interconexão dos *Blogs* é conhecida por blogosfera.

Komesu (2010) e Marcuschi (2010) defendem a concepção de que *Blog* é um escrito sobre si mesmo publicado pela Internet. Marcuschi (2010, p. 35) afirma que *weblogs* (*blogs*, diários virtuais) “[...] são os diários pessoais na rede, uma escrita autobiográfica com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos”. A prática do ‘escrever sobre si’ também é utilizada na mídia digital, caracterizando a inserção de um novo gênero textual.

Segundo Clemente (2009), em 1999, Peter Merholz alterou o termo *weblog* para *we blog*, sendo reduzido para *blog*, expressão popularizada que usamos até hoje. Geralmente o *Blog* possui apenas um autor, no entanto existem aqueles com dois ou mais autores, nos quais publicam as mensagens (*posts*) de forma colaborativa e interativa. Nesse espaço virtual existe a possibilidade de postar textos, fotos, vídeos e áudios, organizados cronologicamente de forma inversa, ou seja, as postagens mais recentes aparecem primeiro. Essas são armazenadas de forma cronológica, agrupadas por meses e anos.

Os *Blogs* podem ser criados gratuitamente com finalidades pessoais, profissionais ou educacionais. O design de apresentação é definido pelo autor, de acordo com a pretensão e os impactos que queira causar.

Outra característica relevante que os *Blogs* possuem é a possibilidade de inserir comentários acerca das postagens realizadas, determinando assim, sua função interativa e participativa. Pode ser ativada a ferramenta moderação de mensagens. Essas vão primeiro para o *e-mail* do moderador para serem analisadas, sendo liberadas ou não para o *Blog*, posteriormente.

Por serem de fácil produção e atualização, dispensarem o conhecimento técnico e possuírem uma linguagem mais informal, em sua maioria, eles exercem um grande fascínio sobre as pessoas, justificando sua popularização.

Segundo Marcuschi (2010), os *Blogs* são caracterizados como gênero textual digital, visto que “funcionam como um diário pessoal na ordem cronológica com anotações diárias ou em tempos regulares que permanecem acessíveis a qualquer um na rede” (MARCUSCHI, 2010, p. 72). São anotações, muitas vezes, sobre a vida do autor, sua família, suas preferências e sentimentos.

No entanto, como já fizemos alusão, outros objetivos foram atribuídos ao *Blog*, como por exemplo, os *Blogs* informativos, institucionais e educativos. Existem aqueles criados por professores, com a pretensão de oferecer aos alunos mais uma ferramenta que contribua com a construção de sua aprendizagem, de forma interativa e colaborativa. São ambientes virtuais que propiciam a prática do letramento digital.

Criação de Blog: Tutorial

A criação de um Blog é simples e fácil. Não requer conhecimentos técnicos em informática. Seguindo algumas orientações e pouco domínio sobre a Internet, conseguimos criá-lo em alguns minutos.

Existem vários *sites* que possibilitam a criação do Blog, porém apresentamos o presente tutorial contendo o passo a passo, conforme orientações de Rodrigo (2013), acerca da produção de um Blog no site *blogger.com*, que pertence ao Google e é gratuito.

Como criar um Blog no Blogspot?¹³

PRIMEIRO PASSO:

Acesse sua Conta Google no site *www.blogger.com*. Não possuindo Conta Google, faça uma, clicando em “Criar uma conta”. Para isso, você deverá preencher a página seguinte com as informações solicitadas.



Figura 1 - Página principal do Blogger

Após criar sua Conta Google, volte ao site do Blogger e insira seu *login* e senha para entrar.

¹³ Baseado no Tutorial disponível em: <http://www.comofazer.net/como-fazer-um-blog-blogspot/#>. Acesso em: 27 jan. 2015.

Fique atento, pois muitos sites chamam o Blogspot de “Blogger”. Não confunda o endereço ‘*www.blogger.com*’ que é um site do Google e gratuito, com o endereço ‘*blogger.globo.com*’ um site que pertence à Globo e é pago.

SEGUNDO PASSO:

Depois de ter acessado o Blogspot, você já pode criar o seu Blog, clicando em “**Novo Blog**” que aparecerá logo na tela principal.



Figura 2 - Página do Blogspot para criação do novo Blog

TERCEIRO PASSO:

Na próxima tela que aparecer você deve dar **título** ao Blog e criar um **endereço**. Nesse você definirá a URL do seu Blog. O resultado é semelhante a este “*http://nomedoseublog.blogspot.com*”.

Caso possua domínio próprio ou adquira depois, pode ser configurado para o novo domínio.

Após essa etapa, ou seja, o correto preenchimento de todos os dados, você deve escolher um modelo de *layout* para o Blog. Na tela seguinte serão exibidos alguns modelos, você deve escolher um. Existem outras possibilidades para você deixar seu Blog personalizado. O *layout* pode ser alterado a qualquer momento.

Tendo escolhido o primeiro *layout*, clique em “**Criar Blog**” e seu Blog estará pronto!



Figura 3 - Página do Blogspot para definição das configurações do Blog

COMO FAZER SUA PRIMEIRA POSTAGEM (POST)

Para realizar a primeira postagem em seu Blog, você clica em “Iniciar postagem” ou no ícone de uma “caneta alaranjada”, conforme indicações na figura seguinte. Automaticamente, você será redirecionado para a página de novas postagens.



Figura 4 - Realização de postagem

Defina o título e o texto de sua postagem e digite-os. Ao concluir a edição do texto, clique em “Publicar” para que o conteúdo seja enviado para a página principal do seu Blog.

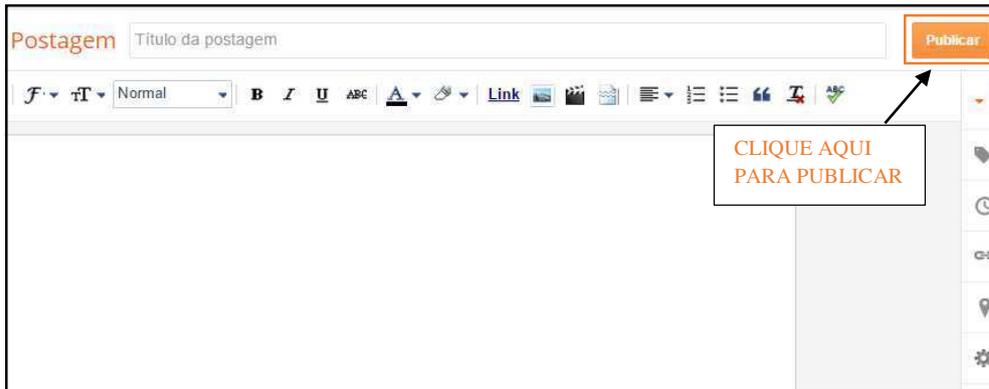


Figura 5 - Publicação de postagem

VISUALIZANDO SEU BLOG

Para visualizá-lo clique em “Visualizar Blog” no topo.

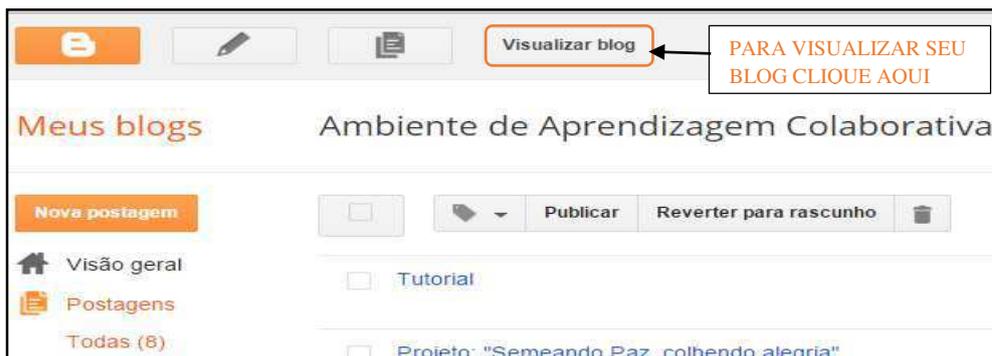


Figura 6 - Visualização do Blog

Explore à vontade todas as ferramentas que o Blogspot oferece. Boa sorte e bom trabalho!

2.3.3 – Uso pedagógico do Facebook e do Blog: Ferramentas motivadoras de produção de texto

No contexto social e tecnológico em que vivemos, para realizar uma educação de qualidade, que chegue aos estudantes de forma eficaz e supra suas reais expectativas, é necessário inovar e/ou transformar as práticas educacionais ora desenvolvidas, com postura tradicional, em sua grande maioria. A educação bancária, mencionada e refutada por Freire (2005), ainda vivenciada em muitas escolas brasileiras, está obsoleta. O professor não é o

detentor absoluto do conhecimento, mas sim, o mediador, o facilitador, aquele que proporciona oportunidades diversas de aprendizagem ao aluno, para que esse seja o protagonista do seu próprio conhecimento. Precisamos romper o paradigma que prega o acontecimento da aprendizagem apenas vertical. Devemos conceber também a aprendizagem horizontal, em que alunos interagem entre si e constroem mutuamente os saberes.

Na perspectiva de um novo olhar em relação à educação, buscando inovações pertinentes, a inserção do uso das novas tecnologias na Proposta Curricular e no Projeto Político Pedagógico da escola constitui estratégias interessantes, além de concretizar a inclusão digital. Acreditamos que as atividades pedagógicas, mediadas pelas TICs, proporcionem maior motivação nos alunos pelos estudos e contribuam para a redução da evasão escolar, visto que os jovens já as utilizam no seu cotidiano e demonstram fascínio sobre elas. A escola deve fazer uso das ferramentas tecnológicas para que esteja em consonância com a Era Digital em que vivemos e ofereça aos alunos atividades diferenciadas e prazerosas. Conforme postula Behrens (2013, pp. 80-81):

O docente precisa servir-se da informática como instrumento de sua prática pedagógica, consciente de que a lógica do consumo não pode ultrapassar a lógica da produção do conhecimento. Nessa ótica, o computador e a rede devem estar a serviço da escola e da aprendizagem.

O autor propõe que o professor insira as TICs em sua prática pedagógica como instrumentos capazes de contribuir com a aprendizagem dos alunos. Urge que a escola utilize um ambiente digital, na perspectiva de oferecer aos discentes atividades que favoreçam o letramento digital. Confirmando a concepção de Behrens (2013) sobre as TICs, Kenski (2012, p. 46) afirma que “não há dúvida de que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação”. Cabe ao professor e à escola fazerem uso desses recursos de forma correta e pedagógica para que produzam os resultados positivos e esperados.

Delimitando as novas tecnologias na educação, propusemos neste trabalho a utilização do *Facebook* e do *Blog* em atividades pedagógicas como subsídios de motivação para produção de texto de opinião. Esperando, portanto, uma contribuição com o protagonismo dos alunos na construção de sua aprendizagem. Essas ferramentas digitais proporcionam a interação, a comunicação e a colaboração mútua dos partícipes. Pressupostos necessários para que os usuários dessas comunidades adquiram autonomia e se responsabilizem por sua aprendizagem. São recursos tecnológicos de fácil acesso e baixo custo que oferecem possibilidades de uso

pedagógico, motivando a participação e cooperação do aluno no processo de construção da aprendizagem.

O *Facebook* é, portanto, comunidade virtual que possibilita a comunicação, interação e cooperação mútua dos membros na construção da cidadania e de saberes. Pode ser utilizado com fins educacionais em diversas atividades, em todos os componentes curriculares. Possibilita discutir determinados conteúdos em grupos fechados, propiciando aos discentes o exercício da expressividade e a construção dos saberes coletivamente.

O *Blog*, como já mencionamos, é uma página criada na Internet com características de diário pessoal, possibilitando sua utilização em atividades pedagógicas, pois fomenta no usuário as habilidades de leitura e produção de texto através das interações realizadas. Cada aluno ou cada professor pode possuir o seu *Blog* ou a turma possuir apenas um, em que alunos e professor (ou professores) sejam autores. Pode ser um *Blog* específico para cada componente curricular ou apenas um, com propostas transdisciplinares. Pode-se utilizar o *Blog* para registrar portfólio de atividades realizadas em determinada disciplina ou registrar as atividades e eventos acontecidos na escola. Essa ferramenta digital não é considerada uma rede social em sua essência, porém uma rede de relacionamento pode ser estabelecida através dos *links* colocados, dando acesso a outros *Blogs*. Dessa forma, transforma-se em uma rede social de comunicação e interação.

O foco do nosso estudo é a produção de texto de opinião, utilizando como ferramentas motivadoras o *Facebook* e o *Blog*, visto que é uma prática de letramento de extrema relevância para a formação cidadã do jovem, porém pouco atrativa entre os alunos do Ensino Fundamental. Nessa perspectiva, propusemos investigar a ocorrência de motivação na atividade de produção de texto de opinião a partir da utilização dessas ferramentas. Até que ponto as redes sociais contribuem na realização de letramento? Há mudanças positivas na qualidade dos textos? Quais as expectativas dos alunos e dos professores a respeito do uso das tecnologias como suporte pedagógico? Esses foram alguns dos questionamentos que procuramos investigar ao longo da realização da pesquisa.

Partindo da premissa de que as tecnologias estão a serviço da sociedade, em todos os aspectos e situações, concordamos com Kenski (2012, p. 43) ao afirmar que “assim como na guerra, a tecnologia também é essencial para a educação. Ou melhor, educação e tecnologias são indissociáveis”. Na contemporaneidade, na Sociedade da Informação ou Era Digital, não podemos mais conceber educação sem a presença, relevância e uso adequado das tecnologias. Elas se complementam. As tecnologias dependem da educação para que se façam compreender; a educação precisa das tecnologias para que aconteça e produza os resultados esperados. A

autora postula também que as novas tecnologias “quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado” (KENSKI, 2012, p. 45), otimizando, dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem.

As novas tecnologias precisam ser socializadas para que sua utilização aconteça, portanto, a educação exerce uma relevante função no sentido de viabilizar a aquisição de conhecimento por parte das pessoas e garantir sua inserção na sociedade. Conforme Kenski (2012, p. 43): “Para ser assumida e utilizada pelas demais pessoas, além do seu criador, a nova descoberta precisa ser ensinada. A forma de utilização de alguma inovação, seja ela um tipo novo de processo, produto, serviço ou comportamento, precisa ser informada e aprendida”.

2.3.4 – Presença do hipertexto no cotidiano social e escolar

Na perspectiva de proporcionar benefícios à vida do homem, o computador, com seu leque de possibilidades, atraiu o interesse das pessoas. Através desse equipamento conectado ao ciberespaço, podemos adentrar num mundo de conhecimentos sem precedentes. A leitura no computador permite que o leitor navegue por diversas páginas, fazendo analogias com textos de linguagens diversas, de forma flexível em relação ao tempo e ao espaço, fugindo da linearidade. Conforme Kenski (2012, p. 47), “já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação”. A utilização do computador como recurso pedagógico de leitura e produção textual viabiliza o acesso do usuário a textos de várias linguagens, em diferentes ambientes e contextos, possibilitando que os mesmos dialoguem entre si através da intertextualidade. Permite também que se construa significados a partir de suas reflexões. Essa navegação virtual, abordada anteriormente, como as ligações de um texto a outro (s) através dos *links* são denominadas hipertexto.

Nossa reflexão sobre hipertexto está pautada nos postulados de Coscarelli (2012), Lévy (1993), Xavier (2010), dentre outros. Escolhemos algumas definições acerca do assunto para fundamentarmos as nossas reflexões, observando suas pertinências, convergências e divergências.

Para Lévy (1993, p. 33), o hipertexto é:

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a sua maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Lévy define hipertexto, então, pontuando as características em seu nível estrutural. Os ‘nós’ são as informações representadas pelos textos verbais, imagens ou sons. Já os *links* são as ligações entre esses nós que possibilitam a navegação do leitor pelas diversas páginas interligadas, definindo a não linearidade do texto, uma característica do hipertexto bastante recorrente pelos autores. Esse tipo de texto não permite uma sequência lógica na leitura, mas possibilita que o leitor ‘viaje’ por diversos ângulos a fim de construir sua compreensão.

Coscarelli (2012, p. 149) concorda com a definição de Lévy (1993) sobre hipertexto ao dizer que:

Podemos definir hipertexto digital, portanto, como um conjunto de nós, textos ou unidades de informação verbais ou não verbais (como imagens, animações, filmes, sons, etc.), conectados a outros por *links*, ou seja, elementos que nos levam a outros nós e que costumam ser indicados por palavras sublinhadas escritas em azul ou por ícones, mas nada impede que outros recursos sejam usados para marcar os *links* disponíveis.

A interação com o hipertexto (assim como com qualquer outro texto) pressupõe que o leitor seja capaz de relacionar o conhecimento de mundo que tem ao novo leque de informações para que possa inferir a compreensão do objeto lido, conforme Kleiman (2013) e Koch e Elias (2013). Sendo assim, o hipertexto permite que o leitor virtualmente leia o mundo, “[...] haja vista que sua natureza imaterial o faz ubíquo por permitir que seja acessado em qualquer parte do planeta, a qualquer hora do dia e por mais de um leitor simultaneamente” (XAVIER, 2010, p. 209). Sua onipresença o torna fascinante e acessível por várias pessoas ao mesmo tempo.

A definição de hipertexto apresenta duas possibilidades, pois existem duas concepções entre os autores que se dedicam a esse estudo. Uma delas, defendida por Coscarelli (2012), Ribeiro (2012), Silva, Maria (2012), entre outros, é a de que o hipertexto não ocorre apenas em textos digitais, acontece também nos textos impressos. A esse respeito, Coscarelli (2012, p. 149) postula “[...] que jornais e revistas impressos podem ser considerados hipertextos e que recursos hipertextuais, como os índices e as notas de pé de página, são há muitos anos usados em livros e em outros materiais impressos”.

Partindo dessa premissa, entendemos que os textos impressos também possibilitam uma leitura não linear, caracterizando uma leitura hipertextual, pois, “[...] todo texto é um hipertexto e toda leitura é um processo hipertextual” (COSCARELLI, 2012, p. 150).

Confirmando a concepção de Coscarelli (2012), Silva, Maria (2012, p. 123) postula que o hipertexto não se restringe “[...] ao suporte eletrônico, considera-o todos os textos impressos e tidos como lineares e, principalmente, considera como hipertextual toda construção de sentido”. Significa dizer que todo texto, inclusive o impresso, pode ser considerado como um hipertexto, pois, para construir os sentidos o leitor percorre caminhos em várias direções, fazendo as inferências e estabelecendo as analogias entre as informações contidas nos textos e fora deles.

Nessa mesma linha de pensamento, Ribeiro (2012, p. 97) postula que em seu trabalho assumiu:

[...] a perspectiva daqueles que entendem que os hipertextos já existiam em meios anteriores aos digitais. [...] produtos editoriais como revistas, jornais e livros de referência apresentavam ao leitor uma arquitetura composta de fragmentos, justaposições e propostas de busca e navegação.

A autora defende que nos textos impressos encontramos hipertexto, pois esses nos permitem fazer leitura não linear. A capa do jornal, por exemplo, possui pequenos textos fragmentados, abordando temáticas diversificadas, possibilitando ao leitor selecionar quais textos irá ler e qual a sequência dessa leitura.

A outra concepção, defendida por Xavier (2010), é a de que o hipertexto acontece apenas em textos digitais, não havendo possibilidade de ocorrer em textos impressos, pois esses, segundo o autor, são lineares. Referindo-se ao hipertexto, o autor diz que: “Este me parece um fato real, embora se dê em *ambiente virtual*, e incontornável com o qual precisamos aprender a conviver já, para não ficarmos à margem dos avanços tecnológicos proporcionados também pela concepção globalizante da tecnocracia” (XAVIER, 2010, p. 207 [grifo nosso]). Esse postulado do autor defende a existência do hipertexto apenas no ambiente digital, divergindo da concepção de Coscarelli (2012) que admite a possibilidade dessa estrutura textual também em textos impressos.

Concordamos com a concepção de que ocorre hipertexto em todos os textos (digitais ou impressos), pois, “[...] todo texto é hipertextual e [...] nenhuma leitura é linear” (COSCARELLI, 2012, p. 158). Os textos impressos também propiciam a não linearidade, principal característica do hipertexto. Optamos, no entanto, por adotar a concepção de hipertexto em ambientes digitais e virtuais, em virtude do foco da presente pesquisa que aborda o letramento e a produção textual nas redes sociais.

Vale destacar ainda que trabalhar com a ideia de hipertexto, requer do sujeito maturidade leitora, correndo o risco de se perder naquele vai e vem, quase infinito, de textos,

imagens e sons. O princípio da não linearidade pode ajudar o leitor a melhor compreender o texto, como também deixar o leitor principiante disperso e desorientado, conforme Xavier (2010). Necessário se faz, antes de adentrar no campo da hipertextualidade, intensificar as atividades de leitura a fim de que os alunos adquiram maturidade leitora.

Para finalizar nossas reflexões acerca do tema em foco, queremos destacar o hipertexto como possibilidade de produção de conhecimento, uma vez que o leitor visita diversos textos a partir da leitura nessa modalidade textual. Portanto, partindo da premissa de que toda leitura é hipertextual, podemos afirmar que ela propicia ao leitor determinar o rumo de sua ‘viagem’, de forma flexível em relação ao tempo e ao espaço. Ao fazer as diversas analogias entre os textos verbais ou não verbais, o leitor se sente motivado a refletir sobre as leituras e construir suas hipóteses e suas compreensões. O texto, objeto da leitura a que nos referimos aqui, pode ser digital ou impresso.

Encontramos embasamento e analogia entre o hipertexto e a produção textual nas redes sociais, foco de nossa pesquisa, pois nesses ambientes virtuais a interação é uma constante e o escritor precisa levar seus conhecimentos e informações para produzir textos pertinentes e coerentes com o tema proposto. De forma recorrente, o escritor necessitará fazer ligações entre um texto e outro, entre um texto e uma imagem etc e inserir seus conhecimentos prévios, visando produzir sua aprendizagem. O hipertexto possibilita a construção do conhecimento de forma colaborativa, visto que viabiliza a interatividade e o dialogismo entre as diversas modalidades textuais e entre autor e leitor. Conforme Koch e Elias (2013, p. 13), a leitura “[...] põe em foco o leitor e seus conhecimentos em interação com o autor e o texto para a construção de sentido [...]”, ou seja, o leitor interage e dialoga, no processo de leitura, com o autor e com o texto. Nesse momento, seus conhecimentos prévios são acionados para que estabeleça as relações de sentido existentes entre as diversas possibilidades textuais apresentadas pelo hipertexto, permitindo, desta forma, inferir as informações pertinentes e concretizar a construção da aprendizagem.

3. METODOLOGIA

A motivação quanto à realização desta pesquisa, como fora mencionado anteriormente, foi suprir a lacuna existente nas escolas em relação à utilização das tecnologias nas atividades pedagógicas. Portanto, idealizamos e propusemos a presente atividade, inserindo o Facebook e o Blog como suportes pedagógicos nas aulas de produção de texto.

Neste capítulo, apresentamos as considerações acerca da metodologia utilizada; a abordagem, o tipo, as condições e os caminhos da pesquisa; a análise dos dados coletados junto aos professores e estudantes; o grupo no Facebook e o Blog; a aplicação da atividade com a utilização dos recursos tecnológicos mencionados e a relevância da atividade para o processo de ensino-aprendizagem.

3.1 – Considerações sobre a metodologia

3.1.1 – Abordagem e tipo da pesquisa

A opção por esta pesquisa surgiu a partir de inquietações acerca da postura dos alunos nas escolas contemporâneas, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, por ser a nossa área de formação e atuação. Postura de desinteresse, insatisfação e desmotivação, de modo particular, nas atividades de leitura, interpretação e produção de texto, conteúdos de extrema relevância para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

Essas situações causavam-nos incômodos e levavam-nos a questionar se não seriam as propostas pedagógicas obsoletas oferecidas aos alunos por nós, professores, que estariam causando tais desmotivações. Conforme Moran (2013, p. 12): “Enquanto a sociedade muda e experimenta desafios mais complexos, a educação formal continua, de maneira geral, organizada de modo previsível, repetitivo, burocrático, pouco atraente”. É preciso redimensionar as nossas práticas pedagógicas para que a educação atenda às expectativas e reais necessidades dos nossos alunos. As escolas não podem ficar alheias às mudanças contemporâneas nem à margem das inovações tecnológicas, conforme Marcuschi (2010), correndo o risco de ficarem ultrapassadas.

Partindo desse pressuposto, pensamos em ressignificar nossa prática pedagógica, propondo aos alunos atividades mais atrativas, que pudessem motivá-los a participar das aulas com mais entusiasmo e construir sua aprendizagem de forma colaborativa e interativa. Para conseguirmos essa motivação junto aos estudantes, pensamos em inserir, na nossa prática pedagógica, ferramentas que fizessem parte do contexto social dos discentes. Nessa perspectiva, propusemos a utilização das novas tecnologias nas atividades de leitura e produção de texto, por fazerem parte do seu cotidiano e usarem socialmente com bastante frequência.

Como professor de Língua Portuguesa, graduado em Letras e especialista em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa, desperta-nos interesse por pesquisas nessa área. Desperta-nos também igual interesse por pesquisas que abordem o uso das novas tecnologias no contexto escolar, motivado pela especialização Tecnologias na Educação, realizada na modalidade ‘a distância’.

Dessa forma, procuramos integrar as duas áreas do conhecimento, Linguística Aplicada e Tecnologias na Educação, para elaborar, propor e realizar a presente pesquisa, sob o título “Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino Fundamental”. A referida pesquisa investiga o nível de motivação nos estudantes, em relação às atividades pedagógicas mediadas pelas novas tecnologias.

Quanto à abordagem, a pesquisa possui característica qualitativa, visto que se preocupa “[...] com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”, conforme Gerhardt e Silveira (2009, p. 31). Analisa uma situação concreta de um grupo de alunos, investiga a melhoria na qualidade da aprendizagem dos discentes com a aplicação de atividades mediadas pelas novas tecnologias.

Flink¹⁴ (2004 *apud* Fonseca, 2009, p. 44) enfatiza que em uma pesquisa qualitativa existem aspectos essenciais, que consistem na “[...] escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos”.

¹⁴ FLINK, Uwe. *Uma introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

A pesquisa apresenta também característica quantitativa, uma vez que busca por resultados que possam ser quantificados, através da coleta de dados e a descrição das relações entre variáveis, conforme Fonseca (2009).

Quanto aos objetivos, abordamos a pesquisa descritiva, pois pretende descrever os fatos de determinado contexto, conforme Fonseca (2009).

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizamos a pesquisa-ação, uma vez que aplicamos atividades junto aos alunos na intenção de investigar a viabilidade de otimização da motivação dos mesmos. Consequentemente, esperamos a melhoria do seu desempenho escolar, a partir da inserção dos recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas.

Conforme Thiollent¹⁵ (1988 *apud* Gerhardt e Silveira, 2009, p. 40):

A pesquisa ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

O professor-pesquisador se envolve na situação de pesquisa, interagindo com os demais participantes (os alunos), na pretensão de encontrar as respostas necessárias com os resultados obtidos e analisá-los, pois, “é através da pesquisa-ação que o docente tem condições de refletir criticamente sobre suas ações”, segundo mostra Oliveira (2014, p. 1). Na pesquisa-ação, o professor se coloca como pesquisador de suas próprias práticas pedagógicas, conforme Rodrigues (2008).

Ainda, a respeito desse tipo de pesquisa, Rodrigues (2008, p. 83) afirma que acredita “[...] na pesquisa-ação como uma metodologia de ação, que se inicia pela identificação de um problema/situação; um levantamento de hipóteses que possam levar a soluções; a implantação das soluções; e, por último, a avaliação do procedimento”.

A presente pesquisa contempla essas perspectivas, caracterizando-se, dessa forma, como uma pesquisa-ação. Identificamos os problemas que são a evasão, a repetência e o desinteresse dos alunos pelos estudos, especialmente pela leitura e produção de texto. Esses problemas sugeriram-nos a hipótese de que ao inserir os recursos tecnológicos (Facebook e Blog) nas atividades escolares, os mesmos seriam minimizados. Houve a intervenção

¹⁵ THIOLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1988.

pedagógica, visando solucionar os problemas detectados e por fim, a avaliação e análise dos resultados do procedimento.

3.1.2 – Contexto da pesquisa

Como frisamos na seção anterior, a presente pesquisa foi idealizada a partir de algumas inquietações referentes às práticas pedagógicas e às posturas de desinteresse e aversão dos discentes pelas aulas. Tais posturas foram verificadas em escolas contemporâneas, especialmente, nas aulas de Língua Portuguesa, em atividades de leitura, compreensão e produção de texto.

Propusemos, portanto, realizar atividades de leitura e produção de texto de opinião, utilizando como ferramentas mediadoras o Facebook e o Blog, objetivando despertar a atenção dos alunos e motivá-los a participarem de forma mais efetiva do processo de construção de sua aprendizagem. A referida proposta de intervenção serviu de instrumento de investigação para a presente dissertação.

A pesquisa foi realizada com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino, composta por 15 alunos, na faixa etária de 15 a 18 anos, de uma escola pública estadual, situada na periferia da cidade de Vitória de Santo Antão, estado de Pernambuco. Trata-se de uma escola de pequeno porte, com problemas de infraestrutura, inserida em uma comunidade bastante carente. Oferece os anos finais do Ensino Fundamental, na modalidade regular e as quatro fases da EJA – Educação de Jovens e Adultos, também do Ensino Fundamental. A gestão da referida Instituição de Ensino deu-nos autorização, conforme Termo de Anuência em anexo¹⁶, para que realizássemos a referida pesquisa.

Destacamos que a atividade desenvolvida foi apenas uma amostra, que serviu de subsídio para investigação e análise a respeito dos resultados obtidos. Não houve aplicação de atividades com longa durabilidade. As ações no Facebook e no Blog aconteceram nos meses de julho e agosto de 2014. Pontuamos ainda que, nesse período, encontrávamos na função de diretor adjunto, na escola que sediou a pesquisa. Contamos com a colaboração da professora de Língua Portuguesa da turma supracitada para a realização da mesma. A referida professora

¹⁶ Anexo G

mostrou-se bastante solícita, colaborando de diversas formas, dentro do possível, para a concretização e êxito da proposta. Enfrentamos, porém, algumas dificuldades pelo fato de não estarmos em sala de aula como docente da turma, interagindo com os alunos de forma mais intensa, no momento da realização da pesquisa.

Outra dificuldade enfrentada foi referente aos equipamentos disponíveis. A escola possuía dez computadores no laboratório de informática, no entanto, apenas dois estavam funcionando e nenhum com acesso à Internet. Para realizarmos a atividade, utilizamos os dois notebooks da secretaria da escola e o nosso. Organizamos grupos de três alunos para irem paulatinamente ao laboratório de informática participar do trabalho.

Apesar das dificuldades enfrentadas, mencionadas anteriormente, realizamos a pesquisa, obedecendo às seguintes etapas:

A primeira etapa da atividade foi a aplicação de questionários (com professores¹⁷ e alunos¹⁸), visando detectar os docentes que já faziam uso das tecnologias nas aulas, suas pretensões de uso e dificuldades e sondar os interesses e expectativas dos alunos em relação à utilização das TIC's na escola. Frisamos que os questionários, bem como as atividades no Facebook e no Blog foram realizados mediante autorização através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos professores e pais dos alunos participantes da pesquisa¹⁹.

Em seguida, iniciamos os trabalhos no Facebook, necessitando que todos os alunos possuíssem uma conta nessa rede social. Aqueles que não possuíam, providenciamos para que pudessem participar da proposta. Criamos um grupo secreto, que recebeu o título sugerido pelos próprios alunos: “# Discutindo e Construindo Opiniões”, para realizarmos a atividade e determinamos os temas que suscitaram as discussões. Os temas trabalhados foram os seguintes:

- O uso do celular em sala de aula deve ser proibido ou liberado?
- O que devemos postar no Facebook?

Tais discussões foram iniciadas em sala de aula, a partir de textos previamente selecionados, para aguçar o desejo da interação, sendo essas levadas para o grupo do Facebook.

¹⁷ Anexo A

¹⁸ Anexo B

¹⁹ Anexos H e I

Por um período determinado, os alunos postaram nesse ambiente suas opiniões acerca do assunto em foco e fizeram comentários sobre as postagens dos colegas, concordando ou refutando. Ao final desse período, após as discussões, eles produziram o artigo de opinião e postaram no mesmo ambiente do Facebook, possibilitando novas interações.

Estes mesmos textos produzidos pelos alunos, os artigos de opinião, foram também publicados no Blog “Discutindo e Construindo Opiniões”²⁰, criado com o objetivo de subsidiar a atividade e apresentar aos alunos e professores outras possibilidades pedagógicas de interação e construção da aprendizagem sob a mediação das tecnologias.

Para finalizar, aplicamos novo questionário com os alunos²¹, visando avaliar os resultados da intervenção.

3.2 – Caminhos da pesquisa

3.2.1 – Descrição e análise dos dados coletados: professores e estudantes

A primeira etapa da pesquisa consistiu na aplicação de questionário com os 16 professores da escola, que concordaram em participar da atividade. Tivemos como pretensão identificar aqueles docentes que já faziam uso dos recursos tecnológicos em suas aulas; aqueles que não utilizavam porque enfrentavam algum tipo de dificuldade, mas gostariam de inseri-los em sua prática pedagógica e aqueles que não utilizavam porque não julgavam relevante.

Apresentamos, em seguida, a descrição do questionamento realizado com as análises e comentários pertinentes acerca das respostas fornecidas pelos professores.

²⁰ Endereço eletrônico do Blog: www.construindoopinioes.blogspot.com

²¹ Anexo F

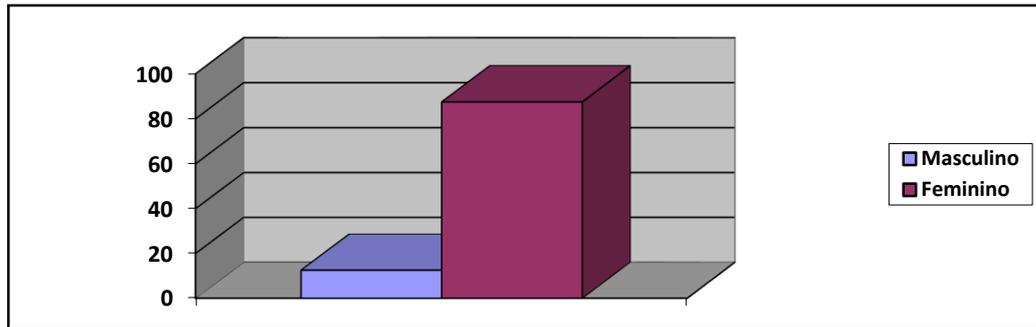


Gráfico 1 - Sexo dos docentes

A maior parcela dos docentes pesquisados pertencia ao sexo feminino, o equivalente a 87,50%, enquanto os professores do sexo masculino eram representados por 12,50%.

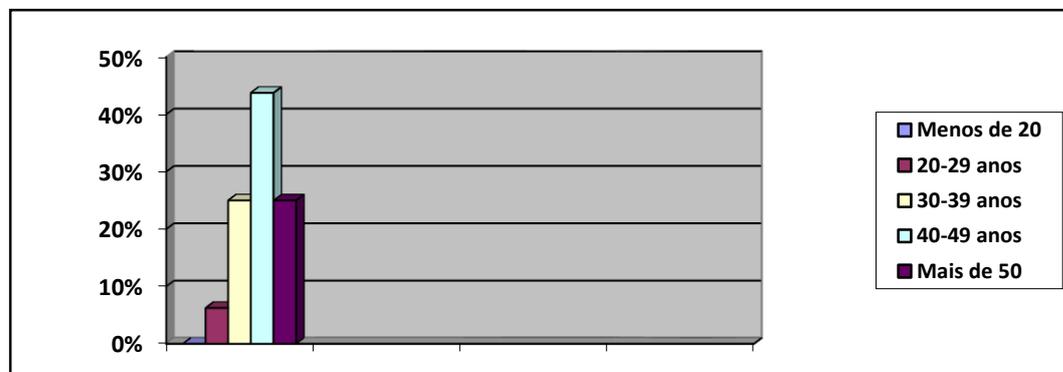


Gráfico 2 - Faixa etária dos docentes

Quanto à faixa etária, 6,25% estavam entre 20 a 29 anos; 25% estavam entre 30 a 39 anos; 43,75% estavam entre 40 a 49 anos e 25% estavam com 50 anos ou mais.

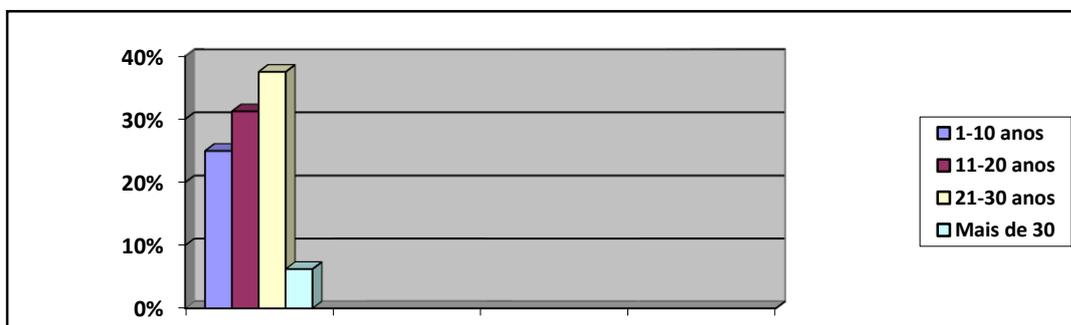


Gráfico 3 - Tempo de serviço dos docentes

Em se tratando do tempo de serviço, a maioria já possuía uma vasta experiência na docência: de 1 a 10 anos (25%), de 11 a 20 anos (31,25%), de 21 a 30 anos (37,50%) e com mais de 30 anos (6,25%).

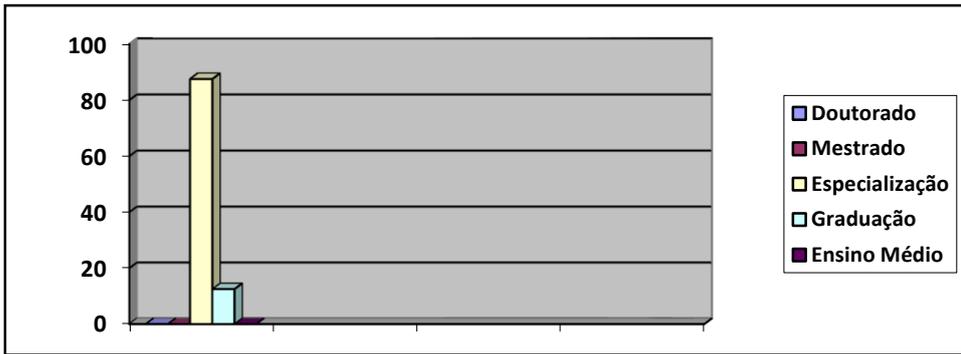


Gráfico 4 - Instrução dos docentes

Ao questionarmos os docentes quanto à sua formação, obtivemos as informações de que 87,50% possuíam especialização e 12,50% possuíam apenas graduação, conforme gráfico 4.

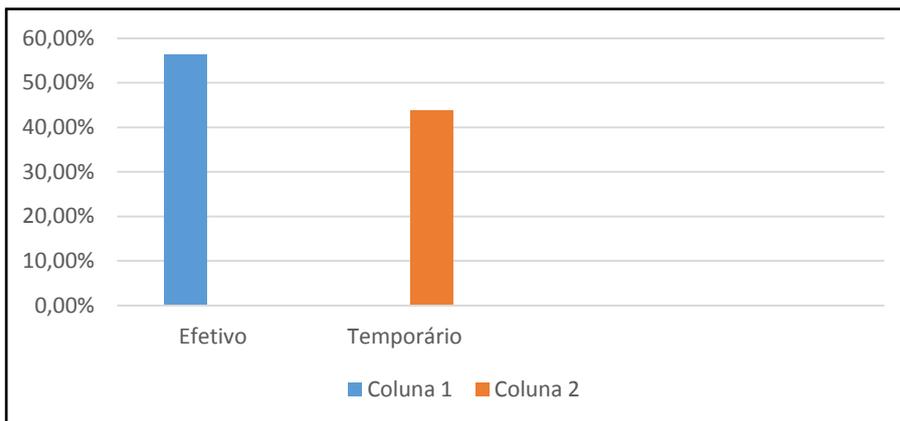


Gráfico 5 - Situação profissional dos professores

Já em relação à situação profissional, 56,25% possuíam vínculo efetivo e 43,75%, vínculo temporário.

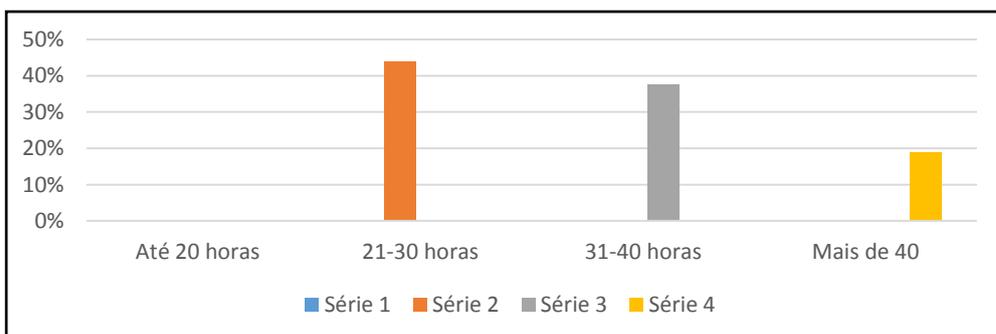


Gráfico 6 - Carga horária semanal

Quanto à carga horária semanal, constatamos que 43,75% trabalhavam entre 21 a 30 horas; 37,50% trabalhavam entre 31 a 40 horas e 18,75% trabalhavam mais de 40 horas.

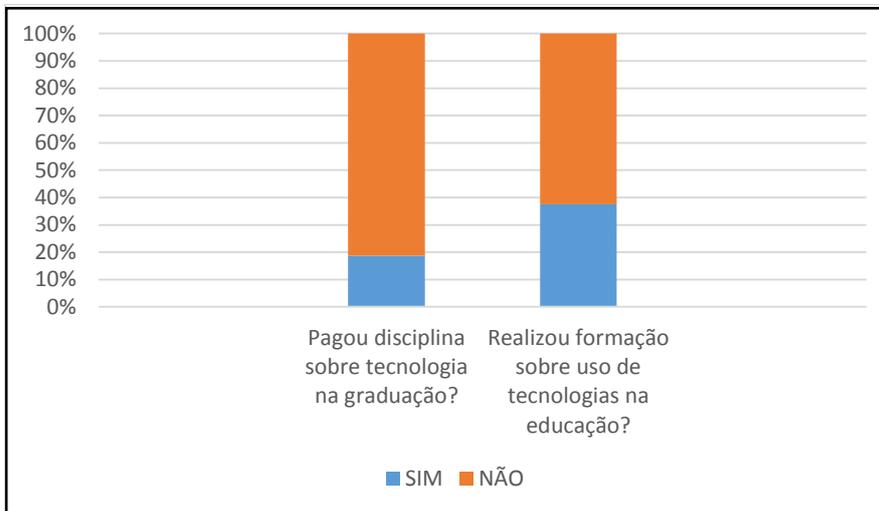


Gráfico 7 - Formação acadêmica e continuada

Na segunda parte do questionário, acerca do conhecimento e experiência em tecnologias, 81,25% dos professores informaram que não pagaram nenhuma disciplina relacionada ao uso das tecnologias em sua graduação e 62,50% disseram que, ao longo de sua carreira profissional, não realizaram nenhuma formação sobre a utilização de tecnologias na educação.

Esses resultados, verificados com um pequeno grupo de professores, refletem a realidade da maioria e justifica, de certa forma, a falta de habilidade com as tecnologias e sua inserção nas atividades pedagógicas, especialmente em relação àqueles que concluíram sua formação há mais tempo. As graduações deixaram lacunas nesse quesito que precisam ser preenchidas a partir de políticas educacionais que ofereçam formações continuadas aos professores e também a partir do interesse de cada profissional em buscar sua própria formação.

Dos professores que informaram não terem realizado nenhuma formação a respeito da utilização das mídias na educação, 70% disseram que o motivo foi a falta de oportunidade.

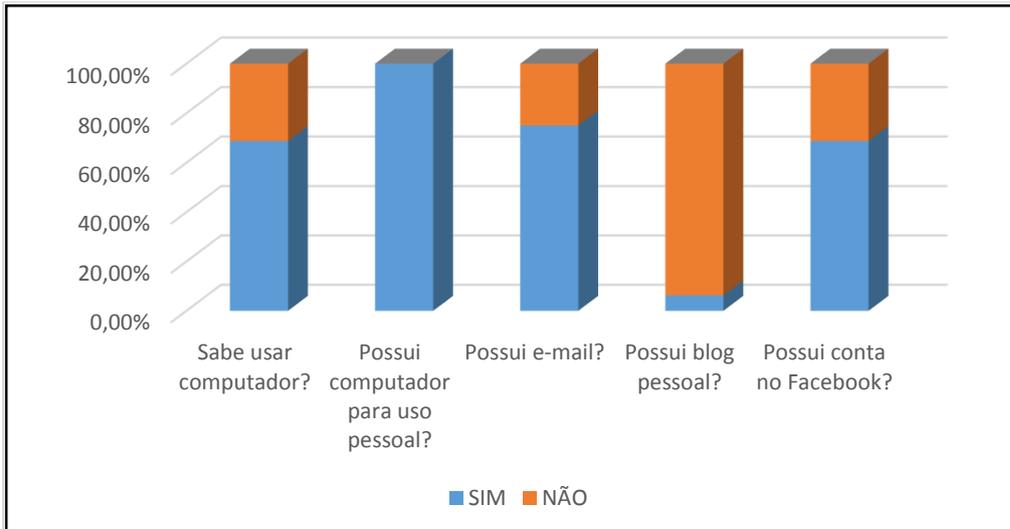


Gráfico 8 - Uso das tecnologias

Todos os professores questionados afirmaram possuírem computador para uso pessoal, porém, apenas 68,75% disseram que sabiam usá-lo. Dos entrevistados, 75% possuíam e-mail, 68,75% possuíam conta no Facebook e apenas 6,25% possuíam Blog pessoal, conforme gráfico 8, sobre o uso das tecnologias.

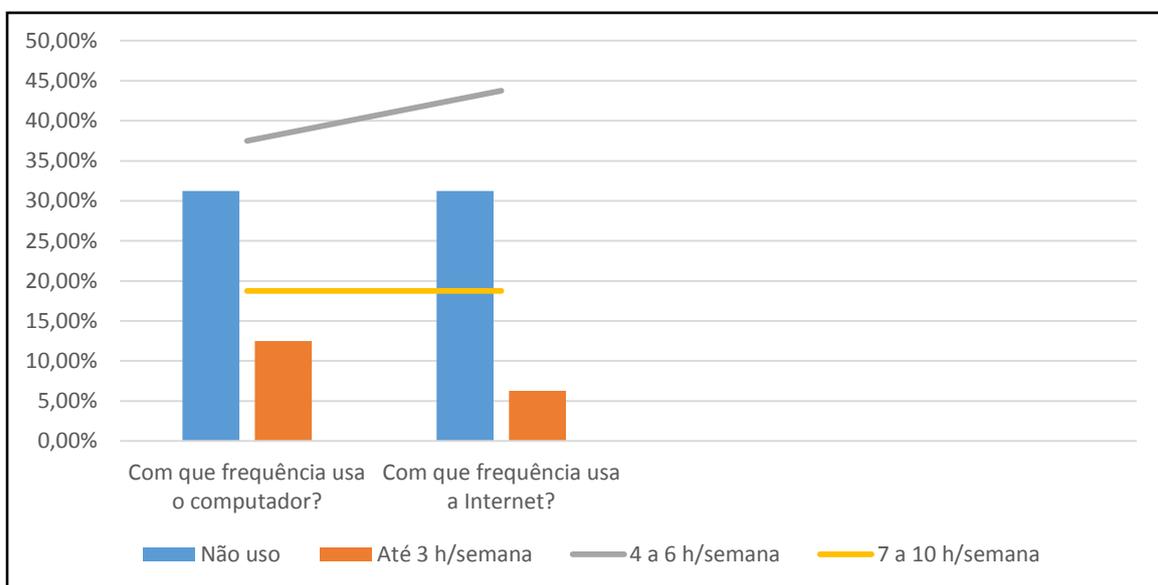


Gráfico 9 - Frequência de uso do computador e da Internet

Questionados a respeito da frequência com que usa o computador, 31,25% responderam que nunca utilizavam; 12,50% utilizavam até 3 horas por semana; 37,50% utilizavam de 4 a 6 horas por semana e 18,75% utilizavam de 7 a 10 horas por semana. E sobre a utilização da Internet, 31,25% disseram que nunca usavam; 6,25% até 3 horas por semana;

43,75% de 4 a 6 horas por semana e 18,75% de 7 a 10 horas por semana, conforme gráfico 9. Alguns professores afirmaram utilizar a Internet também pelo celular.

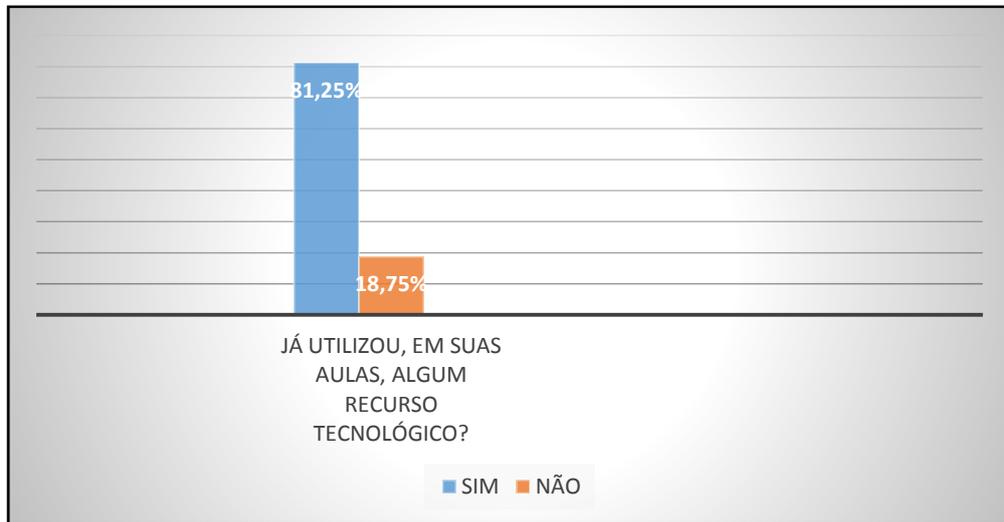


Gráfico 10 - Uso de recurso tecnológico nas aulas

Questionados se já haviam utilizado algum recurso tecnológico em suas aulas, 81,25% dos professores responderam que sim. Desses, apenas três disseram que já utilizaram o computador e a Internet. Os outros docentes afirmaram terem usado outros recursos tecnológicos, tais como, TV, DVD, aparelho de som etc.

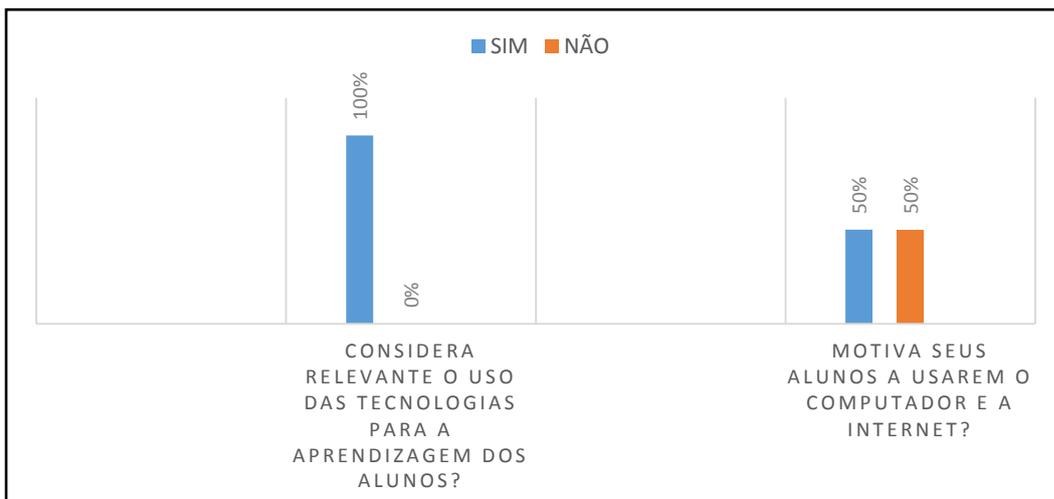


Gráfico 11 - Relevância e motivação acerca do uso das tecnologias

Perguntamos se consideravam importante a utilização das tecnologias no processo de aprendizagem dos alunos e todos os professores (100%) responderam que sim. Foram

questionados também se motivavam seus alunos a usarem o computador e a Internet na resolução das atividades de casa. Apenas 50% disseram que sim, conforme gráfico 11.

Perguntamos aos professores se achavam que a utilização do computador em sala de aula altera sua relação com os alunos. 87,50% disseram que sim. Dos que responderam sim, todos consideraram favorável essa alteração ao ensino-aprendizagem.

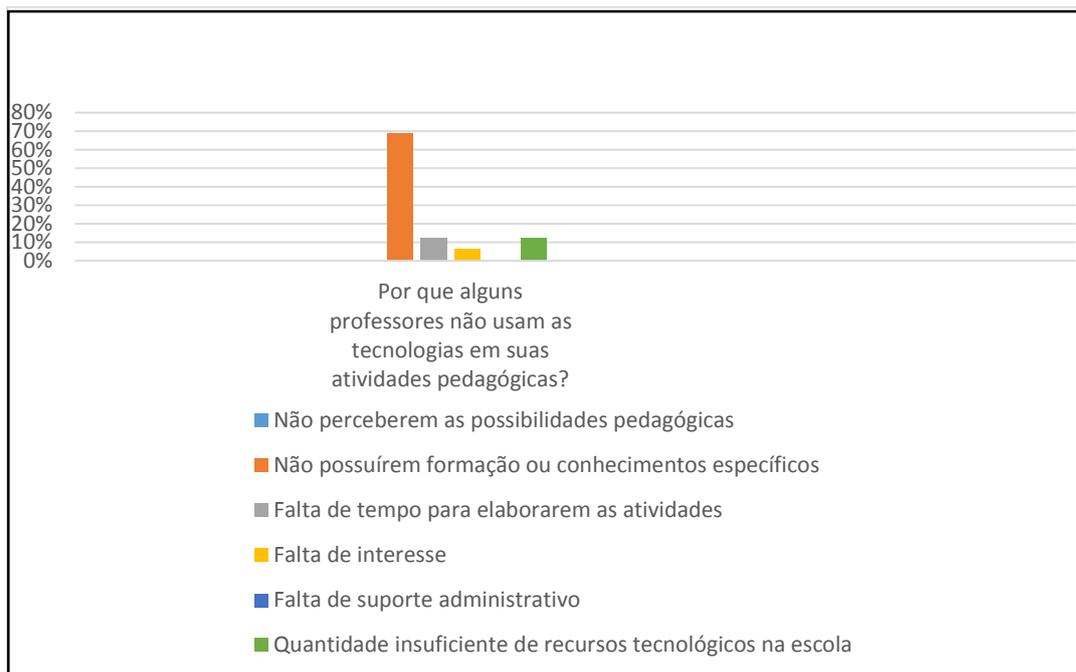


Gráfico 12 - Motivo do não uso das tecnologias nas atividades pedagógicas

Para finalizar, perguntamos por que alguns professores ainda não utilizavam as tecnologias em suas atividades pedagógicas. A maioria dos entrevistados, o equivalente a 68,75%, disse que era por não possuir formação ou conhecimentos específicos sobre o uso pedagógico das TICs. 12,50% dos professores disseram que era por falta de tempo para elaborarem as atividades; 6,25%, por falta de interesse e 12,50%, por quantidade insuficiente de recursos tecnológicos na escola.

Nosso objetivo ao aplicar este questionário junto aos professores da instituição que sediou a pesquisa foi traçar o perfil dos mesmos acerca de sua formação, tempo de exercício no magistério, sexo, idade, aptidões e interesses pelas tecnologias, entre outras questões relevantes. Para que pudessemos, a partir de uma amostra, compreender um pouco os motivos que impedem ou dificultam a inserção dos recursos tecnológicos em suas práticas pedagógicas.

A atividade realizada e apresentada nesta dissertação, subsidiada pelo Facebook e Blog, foi apenas um exemplo das várias possibilidades existentes, fazendo uso das ferramentas midiáticas no fazer pedagógico. Nessa perspectiva, preocupamo-nos também com a formação do docente, no sentido de que esteja motivado a incluir em suas ações cotidianas, em sala de aula, os recursos das novas tecnologias.

Destacamos, portanto, alguns resultados do questionário supracitado julgados relevantes. A primeira observação é que a faixa etária preponderante dos docentes está acima dos 40 anos, justificando o fato de não terem vivenciado (81,25%), em sua graduação, disciplinas relacionadas às tecnologias. Nas licenciaturas mais recentes, podemos observar tais disciplinas sendo oferecidas, conforme Matriz Curricular do curso de Licenciatura em Letras da UFRPE – Universidade Federal e Rural de Pernambuco²².

Outra questão que despertou nossa atenção foi o fato de a maioria dos docentes (62,50%) não ter realizado nenhuma formação sobre as mídias na educação ao longo de sua carreira profissional, dificultando, dessa forma, o acesso dos mesmos à realidade tecnológica contemporânea. Pontuamos, aqui, a necessidade de implementação das políticas públicas no sentido de oferecer aos professores do ensino básico formações continuadas acerca do uso das mídias na educação. Fornecendo-lhes, portanto, subsídios suficientes para que possam introduzir em suas práticas pedagógicas recursos inerentes às novas tecnologias, como o computador, a Internet e as diversas ferramentas por eles oferecidas.

Apesar da realidade pontuada anteriormente, todos os professores afirmaram possuírem computador para uso pessoal, no entanto, apenas 68,75% sabem utilizá-lo. Questionados sobre a frequência com que utilizam o computador para preparar suas aulas, 6,25% responderam que utilizam algumas vezes por mês; 37,50%, algumas vezes por semana; 12,50%, todos os dias e 43,75%, nunca. Porém, todos afirmaram que consideram importante a utilização das tecnologias para o processo de aprendizagem dos alunos e 87,50% dos docentes pesquisados acham que a utilização do computador em sala de aula otimiza sua relação com os alunos. A esse respeito, Moran (2013, p. 30) afirma que:

As tecnologias digitais móveis desafiam as instituições a sair do ensino tradicional, em que o professor é o centro, para uma aprendizagem mais participativa e integrada,

²² Anexo C – Disponível em: http://www.ufrpe.br/uast/newsite/images/arquivos/2013/05/matriz_letras.pdf. Acesso em: 20 jan. 2015.

com momentos presenciais e outros com atividades a distância, mantendo vínculos pessoais e afetivos, estando juntos virtualmente.

Concordando com essa afirmação, Recuero (2011, p. 36) postula que “a interação mediada pelo computador é geradora de relações sociais que, por sua vez, vão gerar laços sociais”. As atividades pedagógicas, mediadas pelas novas tecnologias tendem a estreitar os vínculos afetivos entre professor e aluno, pois estarão juntos, buscando alcançar objetivos e construir aprendizagens colaborativas.

Nesse sentido, o presente trabalho possui também uma função social no sentido de viabilizar motivações para que outros docentes se interessem em inserir as novas tecnologias em sua prática pedagógica.

Concluída a primeira etapa da pesquisa, referente à coleta de dados junto aos professores, demos continuidade, aplicando então, o questionário aos quinze alunos do 9º ano que participaram da atividade. Nosso objetivo era o de sondar suas habilidades, interesses e expectativas em relação ao uso das novas tecnologias como recursos pedagógicos.

Apresentamos, em seguida, a descrição dos questionamentos realizados com as análises e comentários pertinentes acerca das respostas fornecidas pelos discentes entrevistados.

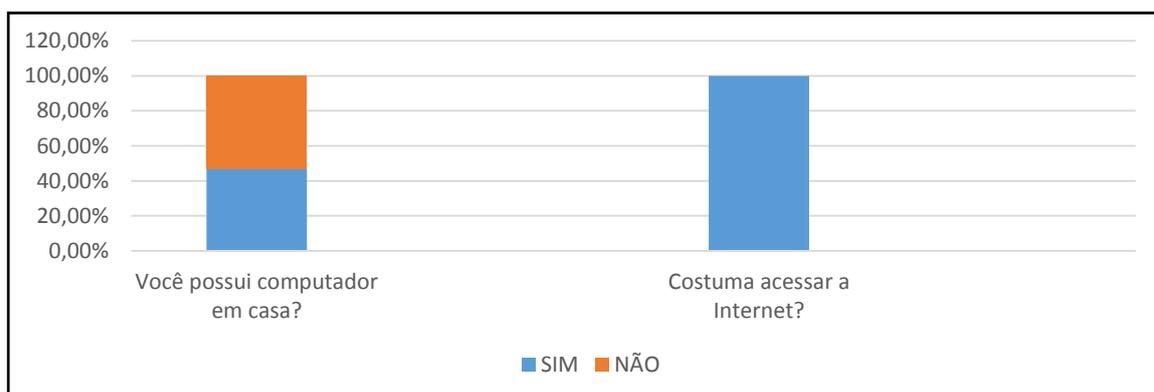


Gráfico 13 - Acesso ao computador e à Internet

Iniciamos nossa coleta de dados, perguntando se possuíam computador em casa e se costumavam acessar a Internet. Todos responderam que costumavam acessar a Internet, porém apenas 46,7% afirmaram possuírem computador em casa, segundo demonstração no gráfico 13.

O fato de não possuírem computador em casa, que corresponde à maioria, não impede de acessarem a Internet, eles procuram outros meios para usarem a rede, como a casa de parentes e amigos, a escola, o celular e *Lan House*²³.

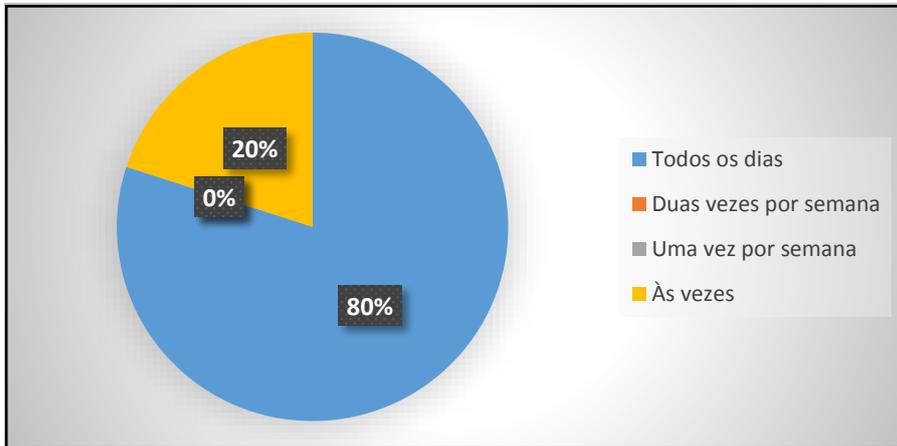


Gráfico 14 - Frequência de acesso à Internet

Ao serem questionados sobre a frequência com a qual utilizam a Internet, 80% dos alunos responderam que acessam todos os dias e 20% responderam que acessam esporadicamente. Podemos corroborar, dessa forma, as informações já mencionadas nesta dissertação, a respeito do interesse que os jovens e adolescentes demonstram em relação às tecnologias. Concordando com esse pensamento, Mattar (2012, p. 1) afirma que as redes sociais “[...] são o habitat dos nossos alunos – eles já estão lá”, ou seja, as novas tecnologias já são realidade na vida cotidiana deles.

²³ É um estabelecimento comercial onde, à semelhança de um cyber café, os usuários podem pagar para utilizar um PC com acesso à Internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela rede e entretenimento através dos jogos em rede ou online. (Definição disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house).

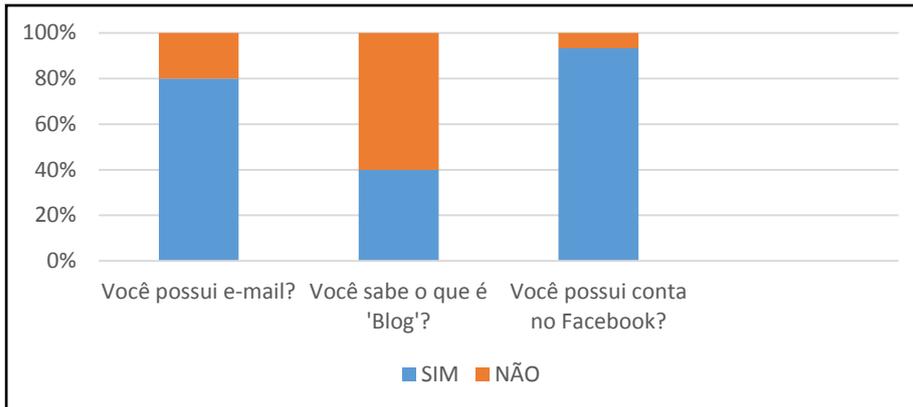


Gráfico 15 - E-mail, Blog e Facebook

Perguntamos aos alunos se possuíam e-mail e conta no Facebook. Responderam que sim 80% e 93,3%, respectivamente. A respeito do Blog, apenas 40% dos alunos sabem do que se trata. Dos estudantes que afirmaram possuir e-mail, apenas 16,7% disseram usarem com frequência.

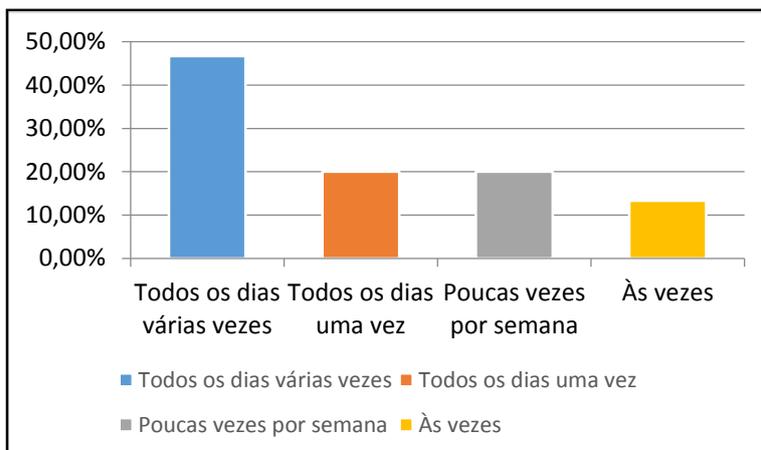


Gráfico 16 - Frequência de acesso ao Facebook

Quanto à frequência de uso do Facebook, 46,7% dos alunos disseram que acessam todos os dias várias vezes; 20%, todos os dias uma vez; 20%, poucas vezes por semana e 13,3%, esporadicamente.

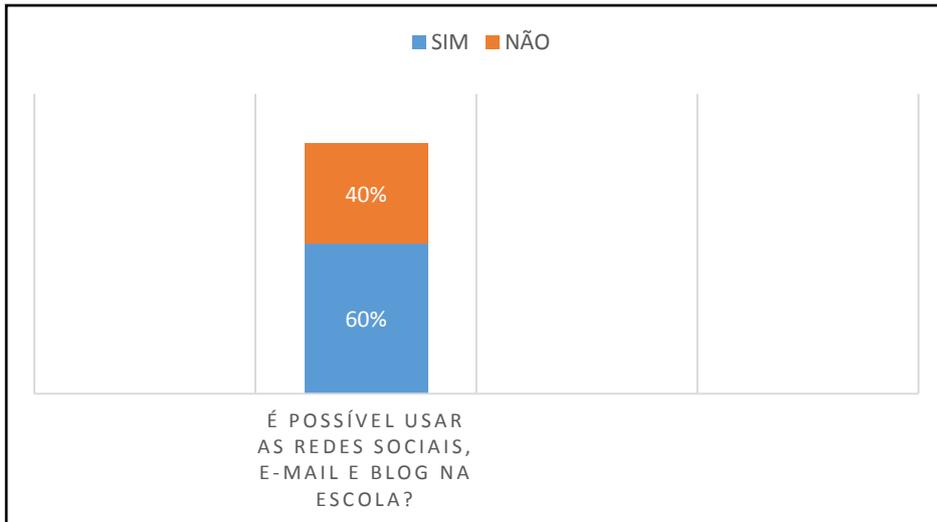


Gráfico 17 - Possibilidades de uso das redes sociais, e-mail e blog em atividades escolares

Ao perguntarmos aos discentes se acreditavam que é possível usar as redes sociais, e-mail, Blog e outros recursos tecnológicos em atividades escolares, 60% responderam que sim.

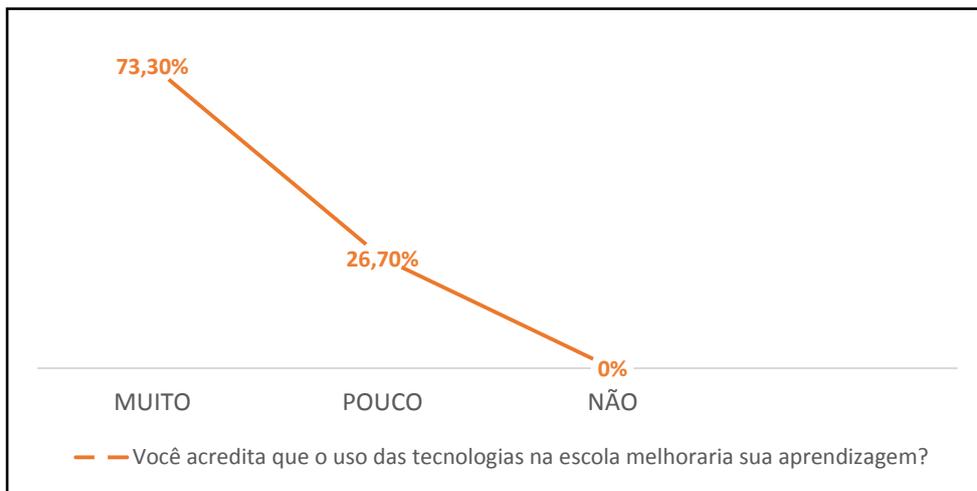


Gráfico 18 - Melhoria da aprendizagem com uso das tecnologias

Na pretensão de aguçar o senso crítico dos discentes, perguntamos se acreditavam que o uso das tecnologias nas atividades escolares melhoraria seu desempenho e sua aprendizagem. 73,3% dos alunos responderam que melhoraria muito e 26,7% disseram que melhoraria pouco.

Para finalizar esta etapa da coleta de dados junto aos alunos participantes da atividade de pesquisa, perguntamos se gostariam que os professores utilizassem recursos tecnológicos nas atividades escolares, em sala de aula e em tarefas para casa. Todos responderam sim.

A partir dos resultados coletados com o questionário aplicado aos discentes, ora apresentados, pudemos realizar algumas reflexões sobre o tema que estamos defendendo e propondo neste trabalho. Uma delas é que as tecnologias fazem parte da vida pessoal e social dos nossos alunos, eles estão inseridos em um contexto informatizado. Conforme Moran (2013, p. 12), “[...] não há dúvida de que o mundo digital afeta todos os setores, as formas de produzir, de vender, de comunicar-se e de aprender”. Apesar das dificuldades financeiras enfrentadas pela maioria das famílias dos discentes, encontram sempre alguma forma de contato com as novas tecnologias, especialmente o computador e a Internet.

Portanto, excluir as mídias do contexto escolar, significa apresentar ao aluno uma realidade que não é sua. Precisamos, enquanto professores, coordenadores e gestores, elaborar propostas pedagógicas que viabilizem a inserção das tecnologias para que a escola possa acompanhar a modernidade e atender com mais eficiência às expectativas dos jovens. Conforme Marcuschi (2010), as escolas não podem ficar às margens das inovações tecnológicas.

Outra reflexão que pudemos realizar diz respeito às expectativas dos estudantes sobre o uso dos recursos tecnológicos, como as redes sociais, o e-mail e o blog, com fins pedagógicos, afirmando acreditarem nessa possibilidade. Acreditam também que o uso das tecnologias nas atividades escolares otimizará sua aprendizagem e gostariam, por unanimidade, que todos os professores utilizassem tais recursos midiáticos nas atividades pedagógicas.

3.2.2 – Grupo no Facebook: Discutindo e Construindo Opiniões

Concluída a etapa de levantamento de dados junto aos professores e alunos através da aplicação dos questionários, apresentamos aos estudantes a proposta da atividade, explicando-a em detalhes. Ficaram bastante empolgados e demonstraram interesse em participar da mesma. A princípio, não informamos que seria uma pesquisa para produção de dissertação de mestrado, para não gerar expectativas inoportunas em relação ao propósito do trabalho. Durante a realização da atividade esclarecemos, então, o real motivo da intervenção pedagógica.

Explicamos aos alunos que a proposta era trabalhar a leitura e principalmente a produção de texto, sendo mais específico, o artigo de opinião. Iríamos utilizar como suportes para a realização da atividade o Facebook e o Blog. Este gênero textual, artigo de opinião, já havia sido trabalhado em sala de aula pela professora da disciplina de Língua Portuguesa.

Criamos um grupo secreto²⁴ no Facebook ao qual atribuímos o título de “#Discutindo e Construindo Opiniões”, sugerido pelos próprios alunos.



Figura 7 - Página inicial do grupo no Facebook

A figura 7 apresenta a página inicial do grupo no Facebook, em sua forma primitiva.

Todos os alunos participantes da atividade foram inseridos nesse grupo, assim como a professora de Língua Portuguesa da turma e o professor-pesquisador. Fizemos previamente o levantamento dos discentes que já possuíam conta no Facebook e verificamos que apenas um não possuía. Providenciamos a criação da referida conta, assegurando assim, a participação de todos.

Frisamos que reunimos os pais e/ou responsáveis dos alunos envolvidos na pesquisa para explicar-lhes a respeito da proposta de intervenção, recebendo autorização dos mesmos através de documento assinado, como fora mencionado anteriormente.

Iniciamos a atividade em sala de aula com leitura do texto: “Celular: mocinho ou vilão?”²⁵ e discussões. Os temas trabalhados foram propostos pelos alunos. O primeiro foi a respeito da proibição ou liberação do uso do celular em sala de aula. Nesta ocasião, pedimos que os alunos expressassem sua opinião sobre o tema em foco, oferecendo-lhes a oportunidade de comentar as opiniões dos colegas, concordando ou refutando, porém, sempre apresentando os argumentos cabíveis. Essa discussão era mediada pelo professor-pesquisador.

²⁴ Somente membros podem ver o grupo, quem está nele e o que membros publicam. Somente um administrador pode incluir um novo membro no grupo, que não pode recusar o convite mas pode sair do grupo quando quiser. (Disponível em: <http://www.melhorweb.com.br/artigo/196-Grupo-de-Discussao--Aberto--Fechado-e-Secreto--Qual-a-diferenca-r.htm>)

²⁵ Anexo D

A pretensão desse momento era aguçar nos alunos o desejo de continuar a discussão, logo, o tempo era curto, para não esgotarem os discursos. Pedíamos que continuassem a atividade no grupo do Facebook.

No mesmo dia, postamos um outro texto no grupo para provocá-los e motivá-los a continuarem as discussões na rede social, conforme figura a seguir:

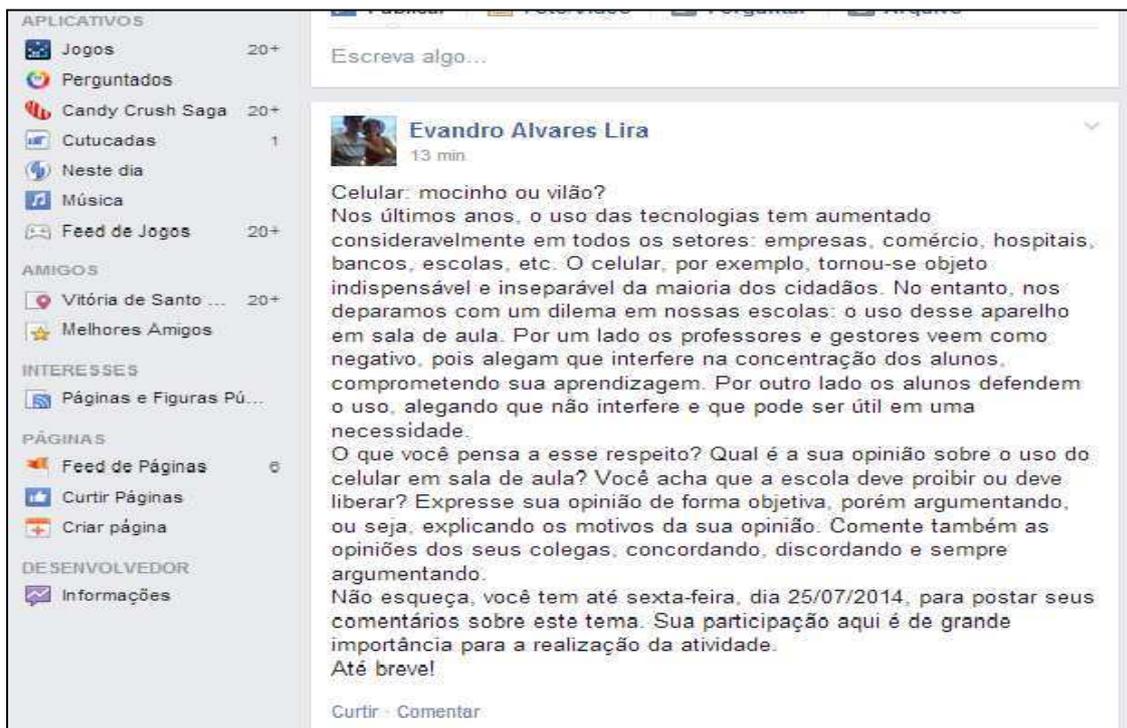


Figura 8 - Texto de motivação à participação no grupo do Facebook

Houve várias postagens dos alunos nessa primeira discussão virtual, estabelecendo a interação proposta pela atividade, ratificando, desta forma, o postulado de Cavalcante (2013, p. 17) ao afirmar que “a interação verbal, oral ou escrita, faz-se pelo uso efetivo da língua pelos sujeitos em suas práticas discursivas, realizadas por meio de textos com os quais as pessoas interagem”.

Selecionamos algumas postagens realizadas pelos alunos, as quais apresentamos em seguida, porém omitimos as imagens e os nomes dos mesmos para preservar sua identidade.



Figura 9 - Exemplo 1 - postagem no grupo do Facebook

Nesta postagem, o aluno é bastante sucinto na exposição de sua opinião e demonstra algumas dificuldades em relação aos conhecimentos linguísticos, como grafia, pontuação etc. Podemos observar também, comentários de três alunos acerca da posição do colega.



Figura 10 - Exemplo 2 - postagem no grupo do Facebook

Já no exemplo 2 sobre postagens no grupo do Facebook, apresentada na figura 10, o aluno amplia um pouco mais suas argumentações, demonstrando, inclusive, um certo domínio dos conhecimentos linguísticos. Outra observação que podemos fazer é que ele escreve

colocando-se na posição da professora para expressar sua opinião. Retrata em seu texto um discurso bastante utilizado pelos professores em sala de aula: “Pra mim não há problema, mas o aluno que sair toda hora perderá a aula e isso será pior pra ele, não pra mim...”, indicando que seus conhecimentos enciclopédicos foram acionados no momento da produção do texto.



Figura 11 - Exemplo 3 - postagem no grupo do Facebook

Na postagem contida na figura 11, o aluno se posiciona de forma objetiva em defesa do uso do celular na escola, alegando simplesmente o fato de eventualmente precisar dele. Outro aluno, nos comentários, concorda com o colega, porém, apresenta também argumentos consistentes de discordância.

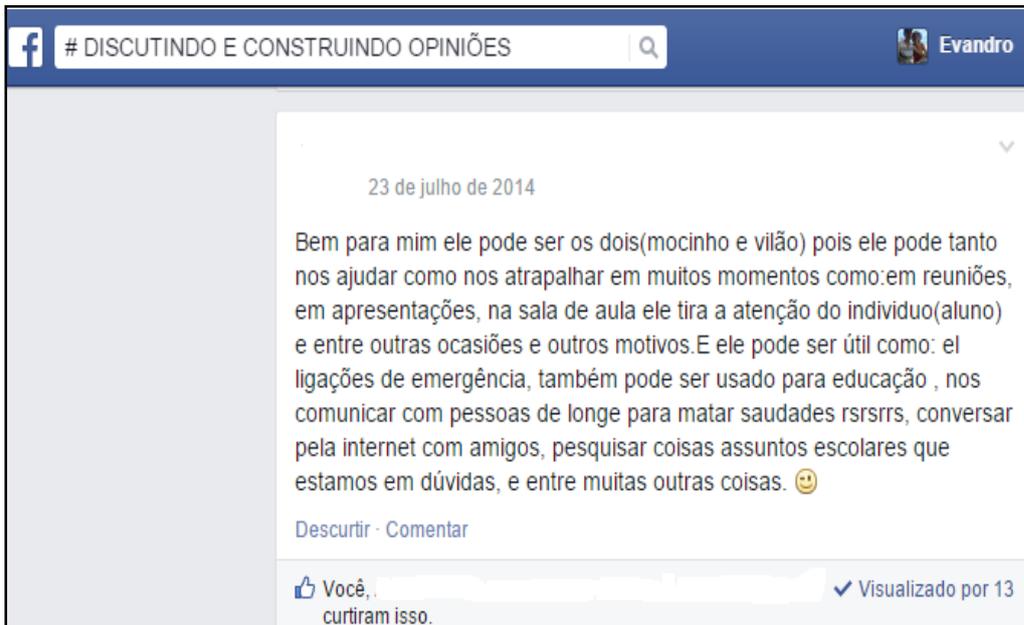


Figura 12 - Exemplo 4 - postagem no grupo do Facebook

No exemplo de postagem da figura 12, o aluno expõe sua opinião, apresentando duas posições, utilizando-se de argumentos para defendê-las. Percebemos algumas dificuldades em relação aos conhecimentos linguísticos, porém o discente consegue se expressar de forma compreensível.



Figura 13 - Postagem de motivação pelo professor-pesquisador

Estávamos constantemente monitorando as discussões realizadas pelos discentes na rede social mencionada. Quando as participações diminuía um pouco, imediatamente postávamos um comentário para motivá-los, como no exemplo da figura 13.

A proposta inicial em relação ao período de discussão no grupo do Facebook era de uma semana, porém as interações aconteceram de forma tão intensas e espontâneas que os alunos sugeriram passarmos mais uma semana nessa etapa.

O objetivo desse momento foi propiciar aos estudantes situações de interação em torno de um tema específico para construir sua opinião com fundamentação, a partir de suas próprias convicções e as de seus pares. Para que essa interação acontecesse, foi necessário que os discentes acionassem seus conhecimentos prévios, caracterizados “[...] pela situação social mais imediata”, segundo Bakhtin (2009, p. 116). As experiências vivenciadas são preponderantes para o processo de dialogismo, leitura e produção textual. Ao término dessa etapa, levando em consideração as conversas realizadas, produziram um artigo de opinião e postaram no mesmo ambiente virtual, o grupo secreto no Facebook, conforme alguns exemplos a seguir.

Frisamos que encontramos nas produções dos alunos alguns problemas linguísticos e que não estão totalmente adequados às características do gênero textual proposto, artigo de opinião, pois estão em processo de construção e aquisição de conhecimento. No entanto, valorizamos o empenho e a motivação na participação da atividade.

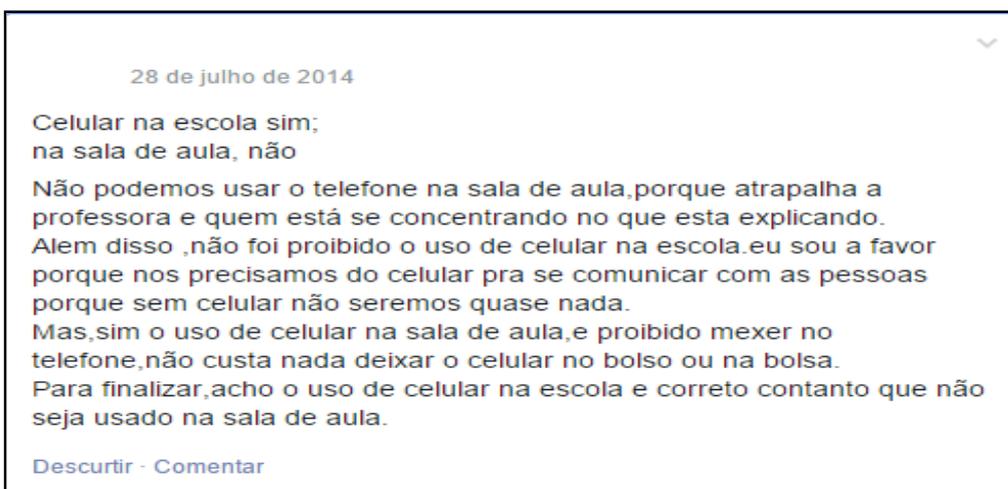


Figura 14 - Exemplo 1 - artigo de opinião no Facebook

Na figura 14 observamos o primeiro exemplo de artigo de opinião, contendo alguns problemas relacionados aos conhecimentos linguísticos e textuais, no entanto, o aluno conseguiu organizar suas ideias e se expressar, a partir das interações realizadas com os colegas.

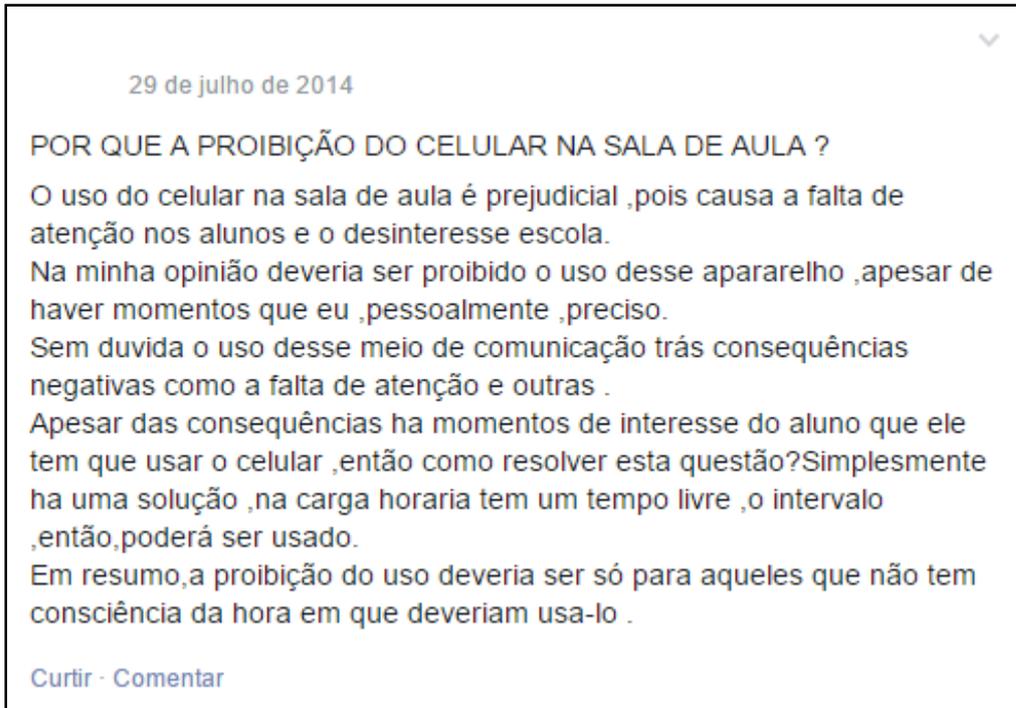


Figura 15 - Exemplo 2 - artigo de opinião no Facebook

No exemplo de artigo de opinião da figura 15, o aluno pondera as duas posições, expressando seus argumentos, porém apresenta uma proposta conciliadora para solucionar o problema. Constatamos a relevância da interação e do dialogismo com o outro para a construção do texto.

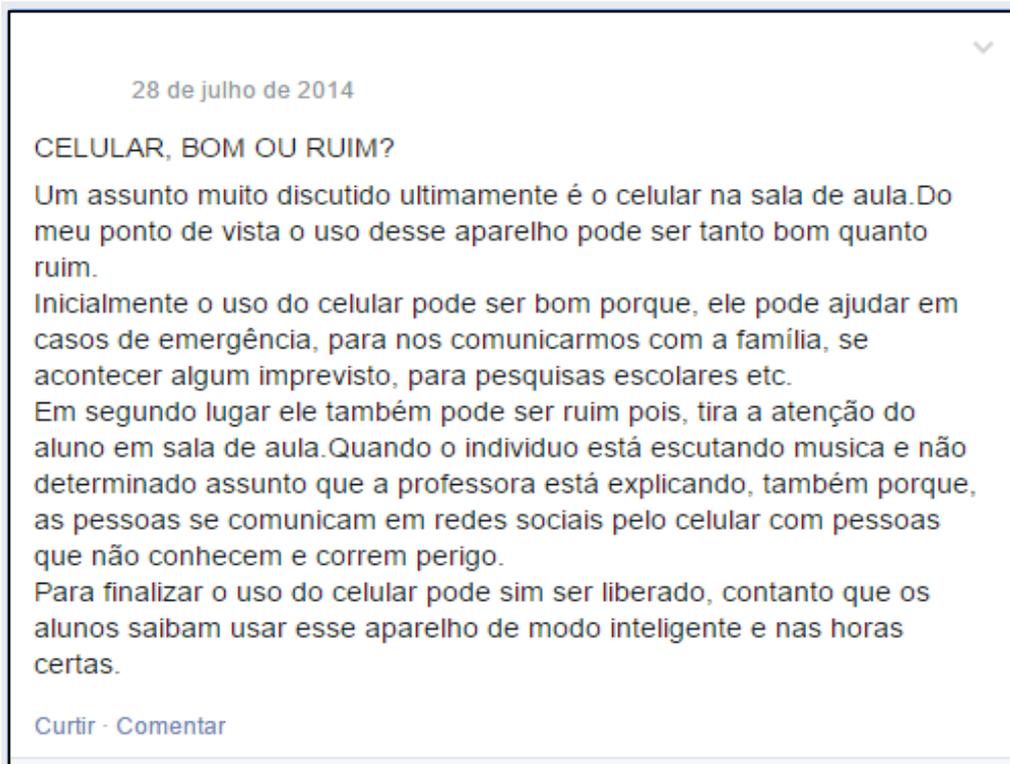


Figura 16 - Exemplo 3 - artigo de opinião no Facebook

Neste texto, o aluno também apresenta argumentos direcionados à concordância e à discordância, em relação ao uso do celular em sala de aula, porém finaliza posicionando-se a favor da liberação, com a restrição de que seja utilizado com responsabilidade. O discente traz para seu texto uma informação pertinente acerca dos riscos a que as pessoas se submetem quando conversam com estranhos nas redes sociais. Esta informação de que ‘não devemos falar com estranhos’, certamente, foi adquirida em seu convívio social, caracterizando, desta forma, o acionamento dos conhecimentos enciclopédicos no momento da produção do texto.

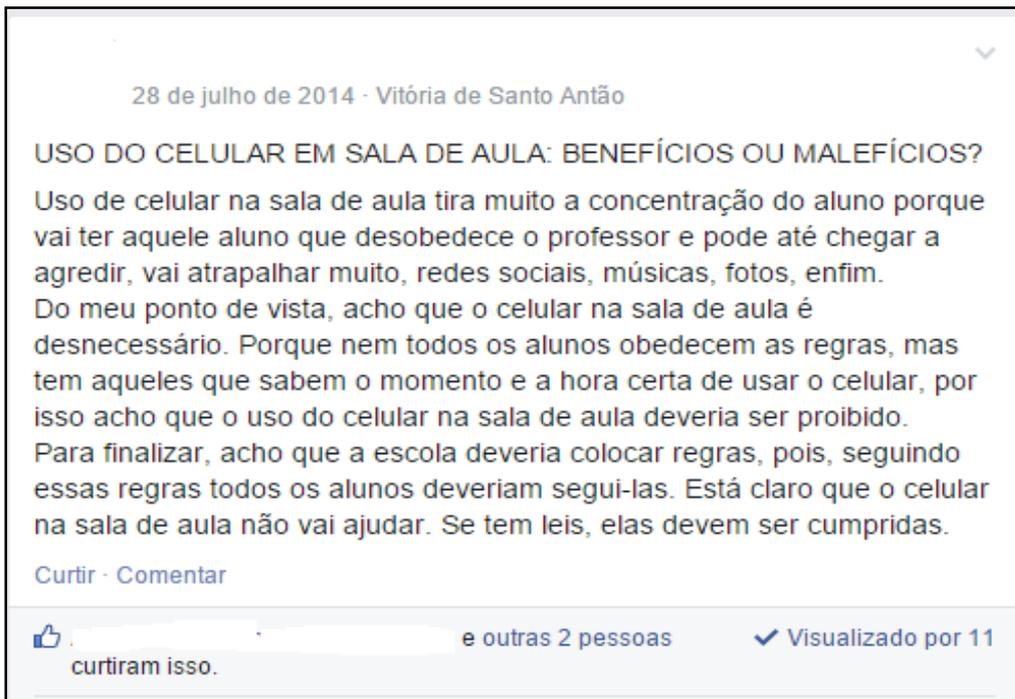


Figura 17 - Exemplo 4 - artigo de opinião no Facebook

No texto da figura 17, o aluno se posiciona totalmente contrário ao uso do celular em sala de aula, apresentando seus argumentos. O processo de interação com os colegas foi de grande importância para que pudesse legitimar sua opinião.

O segundo tema, a respeito das postagens adequadas no Facebook, seguiu a mesma dinâmica do primeiro. Utilizamos o texto “Etiqueta no Facebook: o que postar?”²⁶ em sala de aula para estimular as discussões, as interações e a construção de aprendizagens, dando continuidade no ambiente virtual, finalizando com a produção do artigo de opinião e postagem desse texto no mesmo ambiente, o grupo no Facebook.

²⁶ Anexo E



Figura 18 - Texto de motivação para o segundo tema

Na figura 18, observamos o texto de motivação publicado no grupo do Facebook, a respeito do segundo tema: o que devemos postar no Facebook?

A exemplo do primeiro tema, os alunos participaram ativamente das discussões, apresentando suas opiniões, concordâncias e discordâncias em relação às opiniões dos colegas, como podemos observar nos exemplos seguintes:

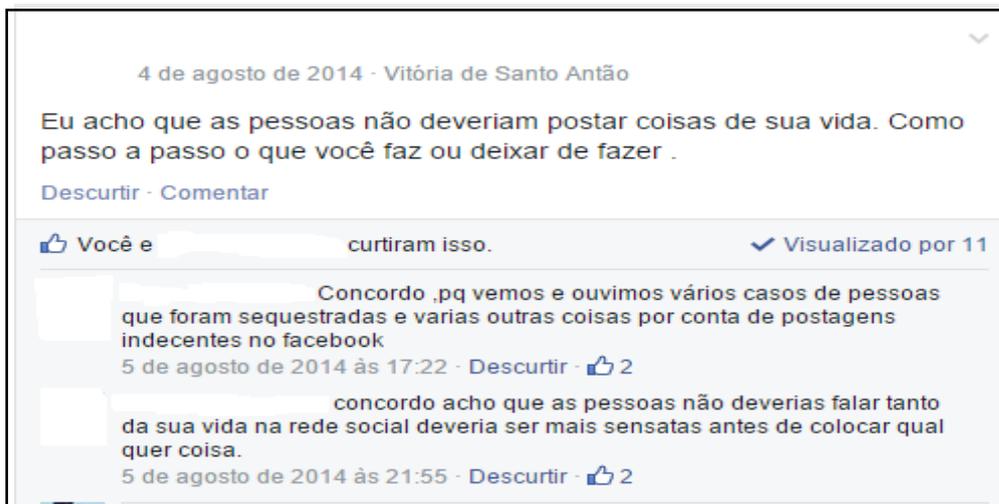


Figura 19 - Exemplo 1 - postagem sobre segundo tema

O aluno expressou sua opinião de forma objetiva sobre o tema em debate e contou com a concordância de dois colegas, trazendo para a discussão um conhecimento de mundo que eles possuem, acerca dos cuidados que precisamos ter em relação às exposições nas redes sociais.

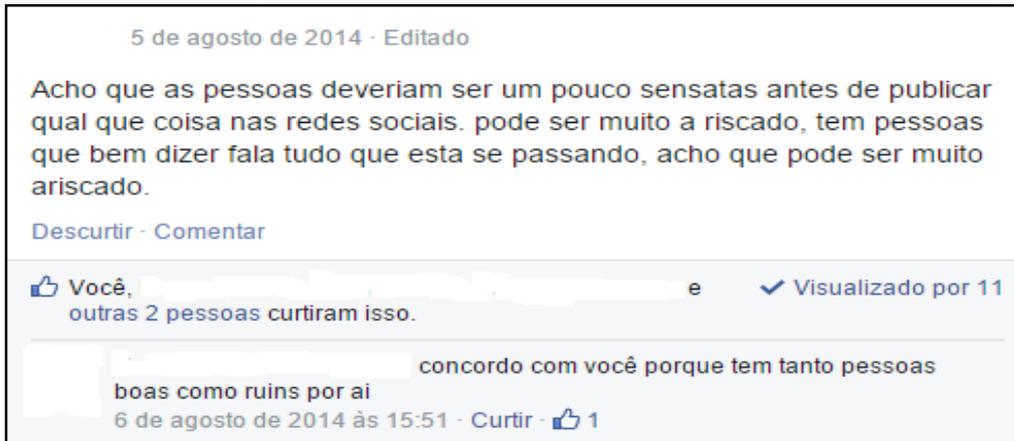


Figura 20 - Exemplo 2 - postagem sobre segundo tema

A postagem presente na figura 20 também aborda a preocupação do aluno em relação aos riscos, em virtude das exposições nas redes sociais. O discente expressou com objetividade e clareza sua opinião.

Assim como aconteceu com o primeiro tema, os alunos também sugeriram ampliarmos para duas semanas o período destinado às discussões no Facebook, que seria de uma semana, conforme proposta inicial, visto que as interações estavam aquecidas. Julgamos, portanto, interessante atender à solicitação deles. Acreditamos que esta etapa da atividade tenha atingido o seu propósito que era viabilizar a interação entre os pares, provocando sua completude e a construção do conhecimento, pois, conforme Orlandi (2013), o sujeito busca sua incompletude na interação linguística com o outro.

O artigo de opinião foi produzido a partir das interações entre os sujeitos, das próprias convicções e das contribuições dos outros, portanto podemos afirmar que o texto foi produzido de forma colaborativa. Nessa perspectiva, a rede social, delimitada pelo Facebook, assumiu uma relevante função nesse processo.

3.2.3 – Blog: Discutindo e Construindo Opiniões

Concluída a etapa sobre a utilização do Facebook no processo de interação entre os sujeitos e construção colaborativa da aprendizagem, abordamos a função do Blog como mais um subsídio na realização da pesquisa.

A proposta de utilização do Blog nessa atividade foi de oferecer aos alunos e também aos professores mais uma ferramenta virtual capaz de possibilitar construção de aprendizagem de forma lúdica.

Portanto, criamos um Blog²⁷ com fins pedagógicos, com o mesmo título atribuído ao grupo no Facebook: ‘Discutindo e Construindo opiniões’ e solicitamos aos alunos que postassem nesse ambiente o texto final, o artigo de opinião, postado no Facebook, para que se estabelecessem novas discussões através dos comentários publicados.

Existem vários *softwares* disponíveis na Internet para criar um Blog, porém optamos pelo *Blogger*, por ser de fácil acesso e manuseio. A esse respeito, Komesu (2010, p. 136) afirma que “o *software* fora concebido como uma alternativa popular para publicação de textos *on-line*, uma vez que a ferramenta dispensava o conhecimento especializado em computação”.

O Blog, assim como o grupo no Facebook, também foi criado com um objetivo específico, de viabilizar a realização da atividade. Deixamos claro que se tratava de um Blog com fins pedagógicos. Tivemos a pretensão de proporcionar novas discussões acerca das temáticas trabalhadas nesse novo ambiente virtual, pois ele oferece possibilidades de interação através de comentários sobre as postagens.

Ativamos a função de ‘moderação’ dos comentários para que passassem primeiro pelo crivo do moderador (o professor-pesquisador) antes de serem postados, evitando, dessa forma, comentários inapropriados em relação à proposta da atividade.

Pensamos criar um Blog que pudesse interagir com os alunos, ou seja, possuir elementos pedagógicos e lúdicos com os quais eles se identificassem. Por isso, sugerimos a colaboração dos mesmos, com suas opiniões, no processo de criação.

²⁷ Endereço do Blog: <http://www.construindoopinioes.blogspot.com.br/>



Figura 21 - Tela principal do Blog

A tela principal do Blog *Discutindo e Construindo Opiniões* possui um calendário e um texto de apresentação do mesmo, no qual expõe seu objetivo, o público alvo e a escola que protagonizou a pesquisa, conforme figura 21 acima. Preferimos colocar apenas as iniciais da referida unidade de ensino, evitando exposições indesejadas.

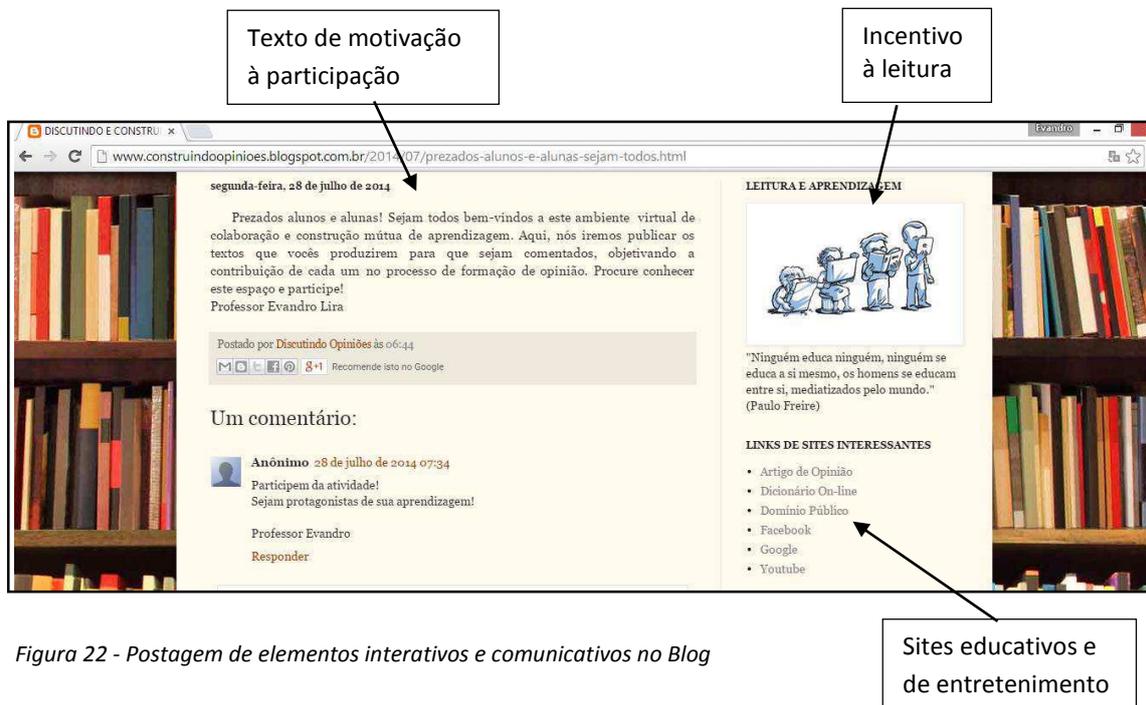


Figura 22 - Postagem de elementos interativos e comunicativos no Blog

Inserimos outros elementos com propósitos interativos, comunicativos e motivacionais, como podemos observar na figura 22, texto direcionado aos alunos, incentivando-os a conhecerem o ambiente e nele postarem suas produções. Publicamos imagens

com apelo comunicativo acerca da importância da leitura e alguns links, direcionando a sites educativos e de entretenimento.

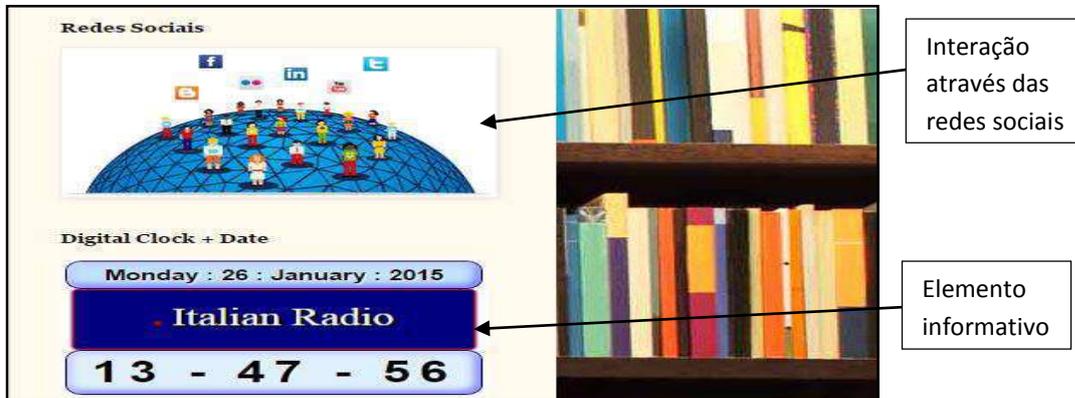


Figura 23 - Postagem de elementos interativos e informativos no Blog

Na figura 23, podemos observar também a inserção no Blog de imagem interativa, instigando os alunos a interagirem nas redes sociais e elemento informativo e de entretenimento, como o rádio.

Como já foi explicitado, os artigos de opinião produzidos pelos alunos eram postados no grupo do Facebook e também no Blog *Discutindo e Construindo Opiniões*, objetivando a realização de novas interações, discussões e apresentação de opiniões a partir dos comentários postados, das concordâncias e refutações. Além de apresentar aos alunos mais uma ferramenta virtual, com possibilidades pedagógicas diversas relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem.

Exibimos, nas figuras seguintes, alguns exemplos de postagens dos textos (artigos de opinião) realizadas pelos alunos e alguns comentários.

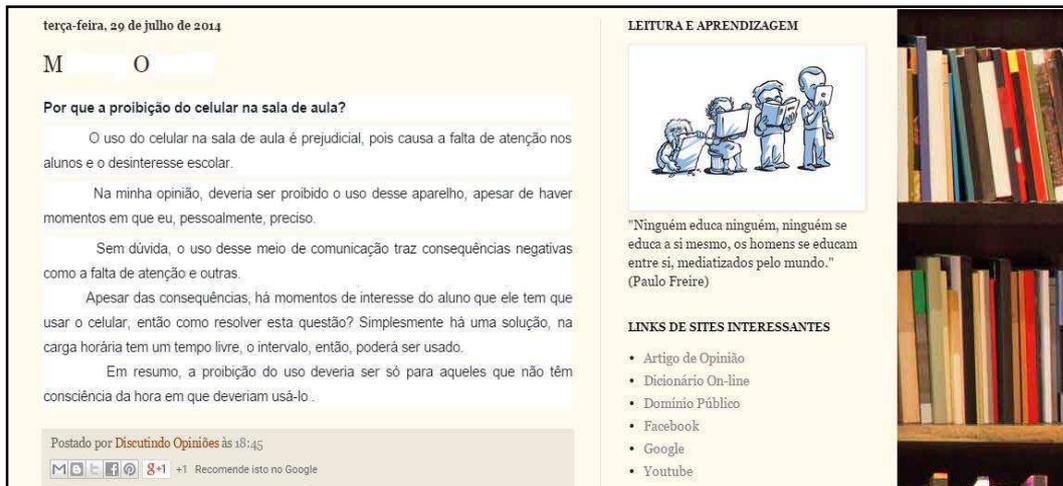


Figura 24 - Exemplo 1 de publicação no Blog

Na figura 24, observamos exemplo de texto, artigo de opinião, postado no Blog 'Discutindo e Construindo Opiniões', sobre o primeiro tema, que trata do uso do celular em sala de aula.

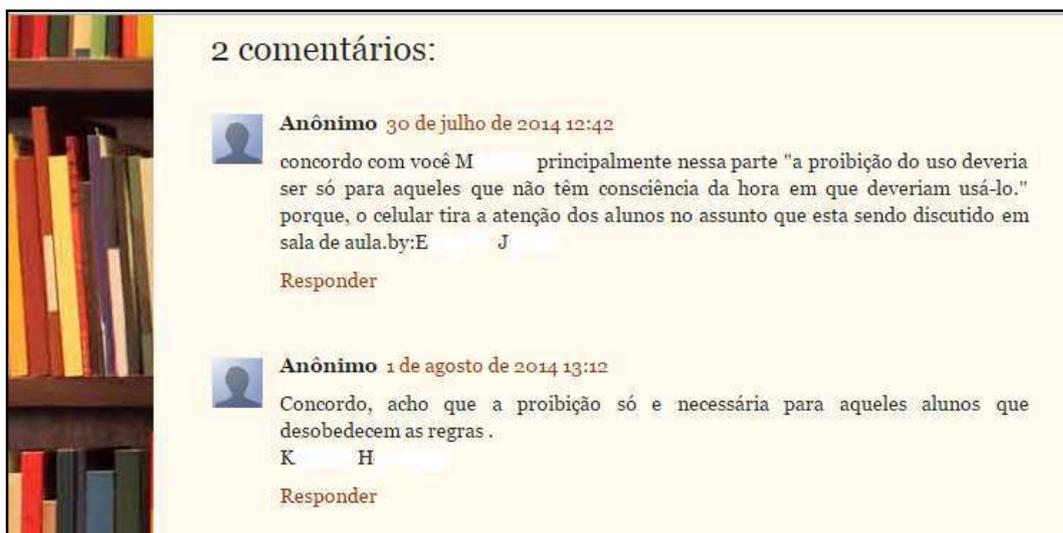


Figura 25 – Exemplo 1 de comentários no Blog

Na figura 25, verificamos dois comentários dos alunos no Blog a respeito do texto do colega. Momento de novas interações.

A publicação dos textos nesse ambiente foi realizada pelo professor-pesquisador, pois os alunos não demonstraram, *a priori*, muita desenvoltura no manuseio dessa ferramenta, apesar

de apresentarem interesse em conhecê-la. Quanto à postagem dos comentários, realizaram sozinhos.

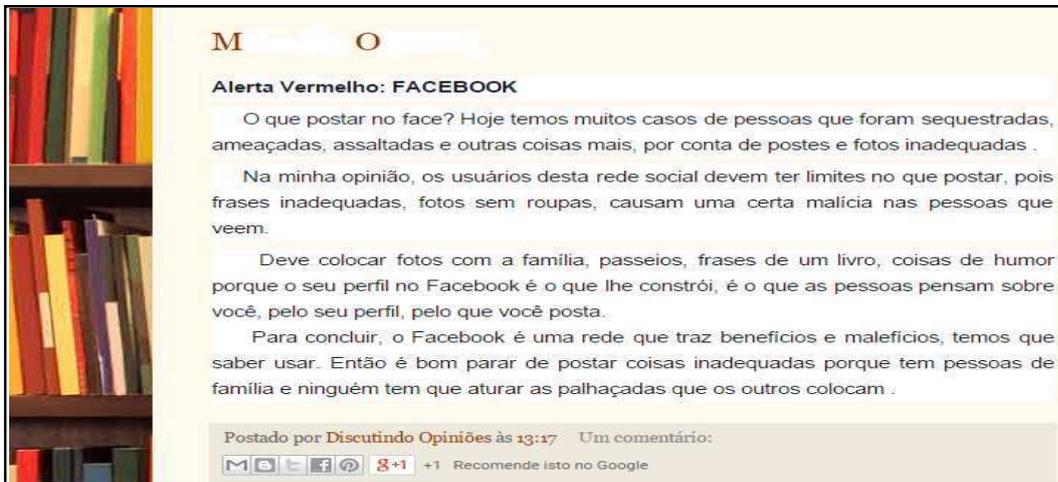


Figura 26 - Exemplo 2 de publicação no Blog

Este é o segundo exemplo de artigo de opinião publicado no Blog, relacionado ao tema que trata da cautela necessária ao postar nas redes sociais.

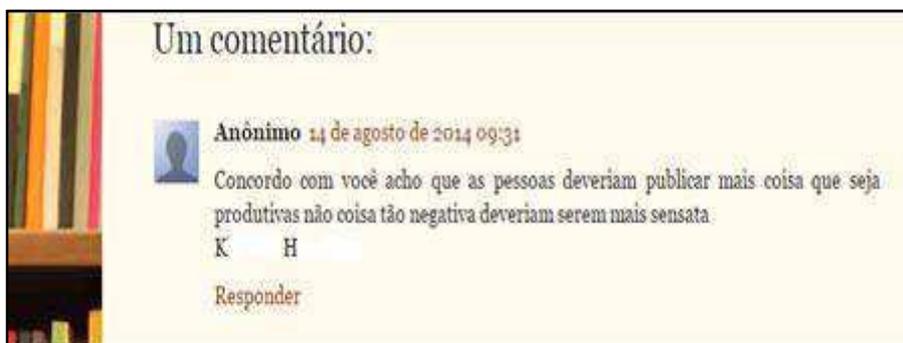


Figura 27 - Exemplo 2 de comentário no Blog

Esta figura contém o segundo exemplo de comentário, realizado por um aluno a respeito do texto do colega. Novas interações aconteceram neste ambiente virtual de aprendizagem.

3.2.4 – Uso do Facebook e do Blog nas aulas de produção de texto

A atividade pedagógica de produção de texto sempre foi um desafio para o professor de Língua Portuguesa, especialmente no Ensino Fundamental. Normalmente, os alunos têm

uma verdadeira aversão à escritura de textos. Grande parte dessa realidade deve-se às propostas não planejadas, descontextualizadas e desinteressantes que oferecemos aos nossos alunos, pois eles estão inseridos na “era eletrônica”, segundo Marcuschi (2010, p. 21), com acesso a informações rápidas e precisas, a conversas *on-line* instantâneas e a tantas outras possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias.

A escola precisa, por isso, rever sua proposta pedagógica como um todo, e em particular, sobre a produção textual para que se adeque à realidade contemporânea e atenda às novas necessidades e expectativas dos estudantes. A inserção dos novos recursos midiáticos no cotidiano escolar coaduna-se a essa demanda, pois, conforme Braga (2013, pp. 58-59), “[...] a tecnologia traz para a prática pedagógica formas mais dinâmicas de implementar modos colaborativos ou reflexivos de ensinar e aprender”.

Não houve resistência da parte dos alunos em relação à proposta da atividade, pois, como frisamos anteriormente, esses recursos já faziam parte do cotidiano dos mesmos. No entanto, houve um estranhamento, *a priori*, por ser uma atividade inusitada para a realidade daqueles estudantes, no âmbito escolar.

Precisamos explicar, com tranquilidade, que se tratava de uma atividade escolar de leitura e produção de texto, o artigo de opinião, utilizando como suporte para a realização da mesma o Facebook e o Blog.

Passado o primeiro impacto e tendo compreendido a proposta do trabalho, os alunos demonstraram entusiasmo e empolgação, pois iriam trazer para o contexto escolar, elementos utilizados em outros ambientes com fins de entretenimento.

Esse entusiasmo perdurou durante a realização das atividades de produção textual nos suportes tecnológicos supracitados. As produções aconteciam de forma leve e espontânea, e os alunos não se davam conta de que estavam produzindo um texto. Conforme Kirkpatrick (2011, p. 17): “No Facebook, todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores”. A produção é uma prática recorrente do usuário do Facebook, faltando apenas a sistematização.

Essa sistematização e embasamento acerca das características do gênero artigo de opinião foram transmitidos previamente aos alunos pela professora da disciplina de Língua Portuguesa e durante todo o processo da atividade os discentes foram monitorados e orientados pelo professor-pesquisador.

3.2.5 – Interação e aprendizagem nas redes sociais

Estamos constantemente em busca do nosso próprio reconhecimento e do reconhecimento do outro. Isso ocorre através da interação e das relações interpessoais que firmamos com os nossos pares no convívio social e, conseqüentemente, a aprendizagem acontece. A esse respeito, Komesu (2010, p. 146) postula que “a necessidade do outro para a constituição do sujeito é imprescindível e independe dos suportes materiais utilizados”. Não importam as ferramentas que iremos utilizar, mas a própria comunicação estabelecida entre as pessoas como instrumento de reconhecimento de si mesmo no outro.

No entanto, pesquisamos e analisamos, neste trabalho, a interação ocorrida entre os sujeitos e a aprendizagem como consequência, a partir da utilização das redes sociais, com especificação no Facebook e no Blog, que foram as ferramentas tecnológicas usadas nesta atividade de intervenção pedagógica.

A proposta da inserção das ferramentas tecnológicas mencionadas anteriormente foi de motivar os alunos a realizarem tarefas corriqueiras no contexto escolar, como a produção textual, de forma agradável, contribuindo dessa forma, para a construção de sua aprendizagem. O sujeito motivado, apresenta resultados satisfatórios, pois “aprendemos pelo prazer, porque gostamos de um assunto, de uma mídia, de uma pessoa. O jogo, o ambiente agradável, o estímulo positivo podem facilitar a aprendizagem”, segundo Moran (2013, p. 29).

Nessa perspectiva, procuramos aplicar a atividade, motivando os alunos através do uso das novas tecnologias, representadas pelo Facebook e pelo Blog. Observamos, durante todo o processo, uma participação ativa dos discentes, caracterizando a interação aqui proposta.

Essa interação que já ocorria no cotidiano daqueles jovens alunos no contato presencial, em sala de aula ou em outros ambientes fora da escola, passou a acontecer também através das redes sociais, com objetivos pedagógicos. As discussões fluíram espontaneamente a cada tema proposto, começando na sala de aula, no momento presencial, dando continuidade no grupo do Facebook. Houve posicionamentos, argumentos, concordâncias, divergências, refutações sobre os temas em foco. Enfim, através das discussões, das contribuições que cada um realizou, a interação aconteceu. Conforme postula Bakhtin (2009), as relações interpessoais promovem a interação. E essa possibilitou, na atividade desenvolvida, a construção coletiva das ideias e da aprendizagem.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, realizamos a análise dos resultados obtidos, sob a ótica dos alunos que protagonizaram a aplicação da atividade de leitura e produção de texto de opinião, mediada pelo Facebook e pelo Blog, a partir de um questionário respondido após a intervenção da referida atividade e sob a ótica do professor-pesquisador, conforme tópicos seguintes.

4.1 – Visão dos alunos

Após a aplicação da atividade de intervenção pedagógica sobre produção de texto de opinião, através da mediação dos recursos tecnológicos Facebook e Blog, os alunos responderam a um questionário com o objetivo de investigar os resultados obtidos. Reproduzimos as perguntas, com as respectivas respostas e comentários.

Questão 1. A atividade de debate e interação realizada no grupo do Facebook foi interessante?

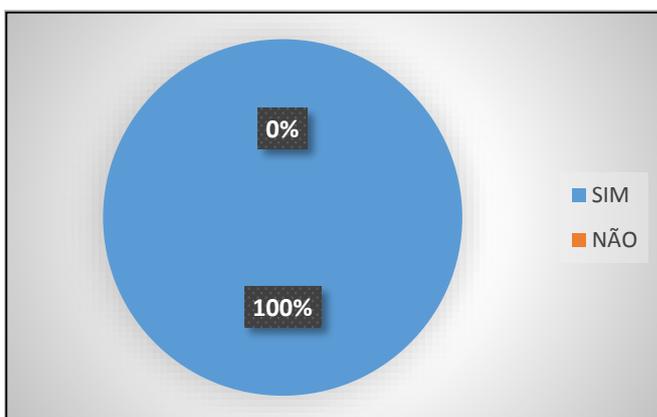


Gráfico 19 - Interesse dos alunos no uso pedagógico do Facebook

A primeira pergunta visou analisar o nível de satisfação dos discentes em relação ao uso do Facebook nas atividades pedagógicas como ferramenta de debate e interação entre alunos e professor. Todos responderam positivamente, ou seja, disseram que a atividade de debate e interação realizada no grupo do Facebook foi interessante.

Questão 2. Você se sentiu mais motivado (a) em produzir textos no Facebook?

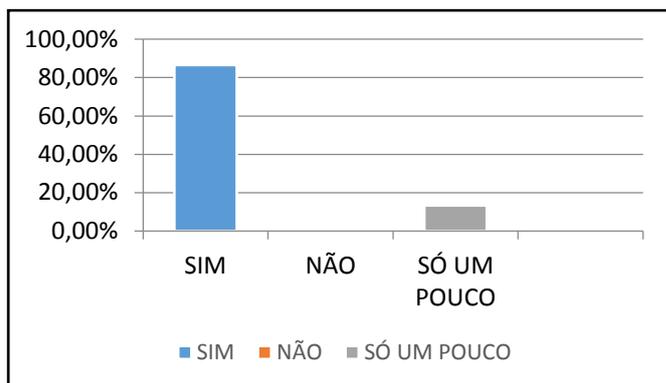


Gráfico 20 - Motivação acerca da produção no Facebook

Questionados a respeito da motivação em produzir textos no Facebook, 86,66% dos alunos responderam que se sentiram mais motivados e 13,34% dos alunos disseram que apenas um pouco porque não gostavam muito dessa forma de produção textual.

Questão 3. Gostaria de realizar outras atividades escolares, utilizando as redes sociais?

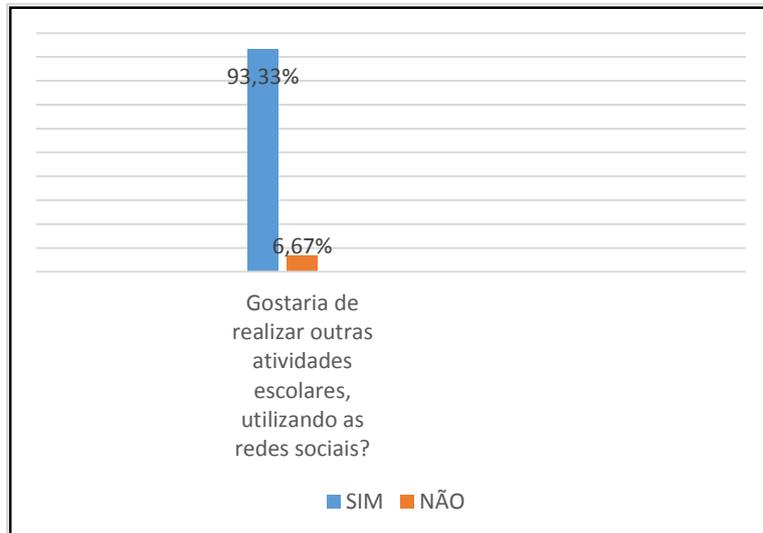


Gráfico 21 - Realização de outras atividades mediadas pelas redes sociais

Ao perguntar aos alunos se gostariam de realizar outras atividades escolares, utilizando as redes sociais, 93,33% dos discentes responderam que sim. Apenas uma aluna respondeu que não, alegando que seu companheiro não se sentia confortável com o fato de estar usando as redes sociais, embora tenha considerado a atividade interessante.

Questão 4. Sentiu dificuldades em realizar as atividades propostas no Facebook?

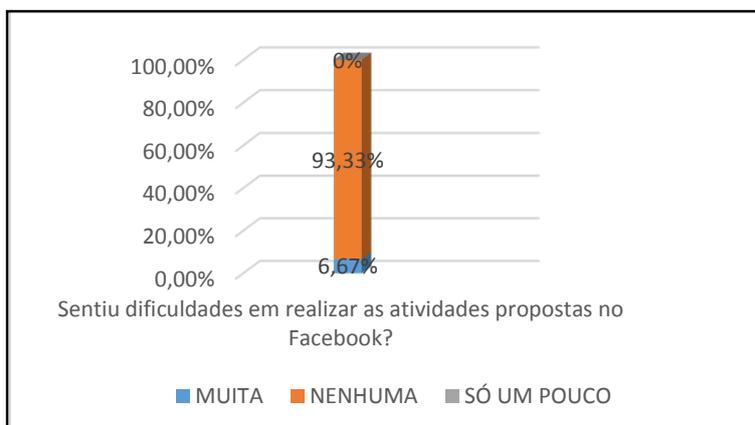


Gráfico 22 - Dificuldades na realização da atividade no Facebook

Na quarta questão, perguntamos se sentiram dificuldades em realizar as atividades propostas no Facebook. A maioria dos alunos, o correspondente a 93,33%, respondeu que não sentiu nenhuma dificuldade, justificando, de forma predominante, o fato de já saber usar. Apenas um aluno (6,67%) respondeu que sentiu muita dificuldade, alegando que já sabia usar, porém nunca como atividade escolar.

Questão 5. Sentiu dificuldades em realizar as atividades propostas no Blog?

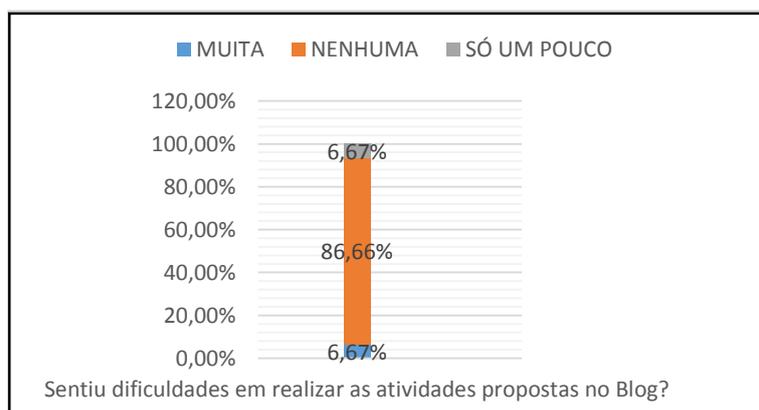


Gráfico 23 - Dificuldades na realização da atividade no Blog

Ao serem questionados a respeito das dificuldades apresentadas na realização da atividade no Blog, 86,66% dos alunos disseram que não sentiram nenhuma dificuldade, pois já conheciam e sabiam manusear essa ferramenta. Um aluno, o equivalente a 6,67%, respondeu que sentiu muita dificuldade, alegando não conhecer o Blog. Outro aluno (6,67%) disse que sentiu um pouco de dificuldade, justificando que conhecia, mas não usava habitualmente.

Questão 6. Gostou de usar essa ferramenta (o Blog)?

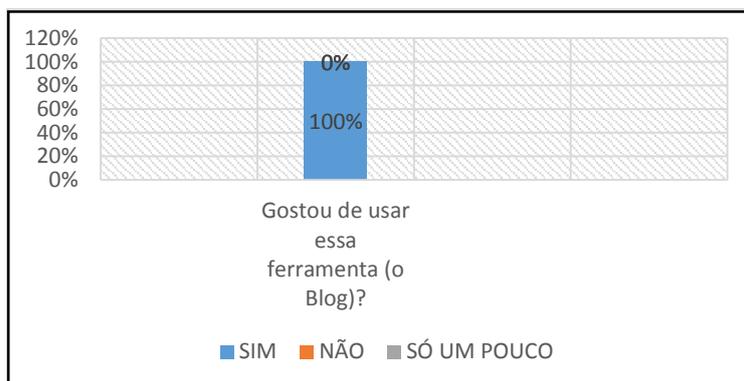


Gráfico 24 - Aprovação do uso do Blog

Ao perguntarmos se gostaram de usar o Blog nas atividades pedagógicas, todos os alunos responderam que sim, alegando ser uma atividade legal, interessante, diferenciada e divertida.

Questão 7. Você acredita que realizar atividades escolares utilizando as tecnologias, como as redes sociais, melhora o interesse dos alunos pelos estudos e sua aprendizagem?

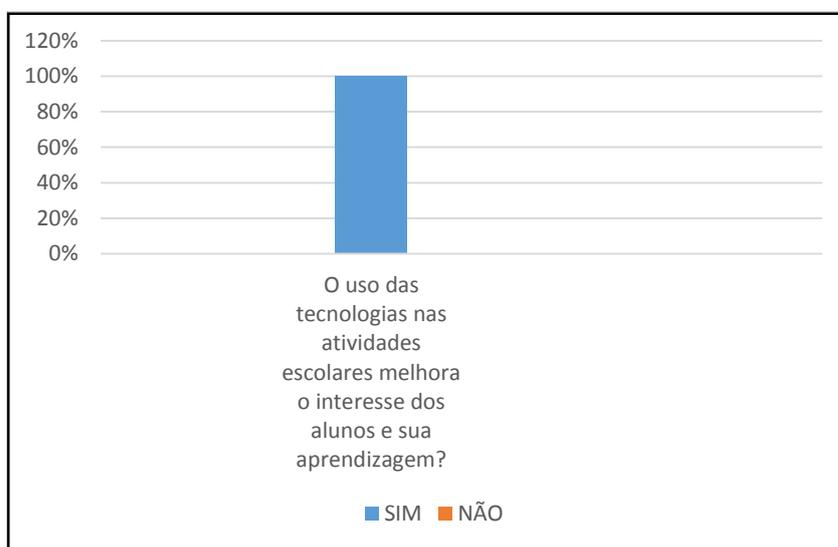


Gráfico 25 - Otimização do interesse e da aprendizagem dos alunos através das tecnologias

Para concluir o questionário de investigação sobre as impressões dos alunos em referência à atividade de produção de texto no Facebook e no Blog, perguntamos-lhes se acreditavam que a realização de tarefas escolares com utilização desses recursos tecnológicos melhorava seu interesse pelos estudos e sua aprendizagem. Todos responderam que sim, alegando tratar-se de ferramentas fáceis, divertidas e de uso cotidiano.

4.2 – Visão do professor-pesquisador

Fundamentado nas respostas apresentadas pelos alunos participantes da pesquisa em foco e do próprio monitoramento realizado durante as etapas da atividade, pudemos analisar que houve uma boa aceitação e receptividade da atividade proposta de produção de texto de opinião, sob a mediação dos suportes tecnológicos Facebook e Blog. Todos os discentes realizaram as atividades de debate e interação no grupo do Facebook com interesse, como pudemos constatar nas respostas do primeiro quesito do questionário, sem necessitar de cobranças do professor, uma vez que eles próprios questionavam qual seria o próximo passo ou quando seria a próxima atividade.

Percebemos, também, uma progressão em relação à motivação na execução do exercício de produção textual, com a inserção das novas tecnologias. Tal atividade, geralmente, causa uma reação de aversão nos alunos, porém eles a realizaram, nessa nova proposta, com tranquilidade e entusiasmo.

Em se tratando ainda da motivação, os discentes demonstraram o desejo de realizar outras atividades escolares na mesma perspectiva, ou seja, com a utilização das redes sociais.

Quanto às dificuldades apresentadas sobre o manuseio do Facebook, foram sutis, visto que eles já conheciam essa ferramenta e a usavam no seu cotidiano. Apenas um aluno nos relatou sentir dificuldades, não em relação à ferramenta em si, pois já a conhecia e a usava, mas pela proposta da atividade, julgada inusitada.

Essa dificuldade foi mais perceptível nos trabalhos realizados no Blog, por ser uma ferramenta pouco explorada pela maioria dos alunos, embora muitos tenham respondido no questionário não terem sentido dificuldades e todos terem afirmado que gostaram de usar esse recurso tecnológico, por proporcionar atividades legais, interessantes, inusitadas e divertidas.

Todos afirmaram, também, acreditarem que a realização de atividades escolares com a utilização das novas tecnologias, como as redes sociais, melhora o seu interesse pelos estudos e a sua aprendizagem, confirmando as hipóteses sugeridas nesta dissertação.

Analisando o empenho e a motivação dos discentes, *a priori*, acerca das duas ferramentas: Facebook e Blog, observamos que a primeira foi a preferida. Verificamos, porém, que essa preferência se deu em virtude de já a conhecerem e a usarem em outros contextos

sociais. A partir da atividade realizada no Blog, perceberam que também era um suporte tecnológico com propostas pedagógicas interessantes e interativas.

Acreditamos, portanto, que a rápida intervenção pedagógica realizada e descrita nesta dissertação, tenha sido positiva e tenha respondido aos nossos questionamentos acerca da melhoria no processo de ensino e aprendizagem, a partir da inserção e utilização pertinente das novas tecnologias. Acreditamos ainda, que tenha estimulado o nosso desejo de realizar outras atividades, nessa mesma perspectiva, pensando em oferecer aos nossos alunos uma educação significativa, de qualidade, que promova a interação entre alunos e professor e que não se restrinja ao espaço físico da escola nem ao seu tempo regular. A esse respeito, Kenski (2012, p. 88) postula que “as tecnologias ampliam as possibilidades de ensino para além do curto e delimitado espaço de presença física de professores e alunos na mesma sala de aula”. O docente não precisa se restringir apenas ao espaço físico da escola nem à limitação do tempo regular das aulas. Com a utilização das novas tecnologias nas propostas pedagógicas, pode-se ampliar o tempo e estender o espaço da sala de aula para ambientes virtuais, através da realização de atividades mediadas pelos recursos tecnológicos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fim de finalizar o presente trabalho, gostaríamos de ressaltar que sua idealização surgiu há alguns anos, motivado pelas inquietações sentidas em relação à evasão, à repetência e ao desinteresse dos alunos pelos estudos, de um modo especial, pelas atividades de leitura e produção textual. Incomodava-nos observar o desânimo dos discentes diante das tarefas propostas. Com recorrência nos questionamos, acerca do motivo pelo qual eles não demonstravam o interesse esperado pelas propostas escolares. Analisamos a probabilidade de serem as atividades pedagógicas com baixo nível de atratividade que nós, professores, estávamos oferecendo para um público jovem, abastecido de informações rápidas e precisas pelas novas tecnologias.

Nessa perspectiva, repensamos nossas práticas tradicionais de produção de texto e elaboramos a atividade pedagógica, descrita nesta dissertação, sob a mediação de recursos midiáticos, como o Facebook e o Blog. O objetivo da referida proposta foi de propiciar aos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental possibilidades de interação e construção do conhecimento, a partir do desenvolvimento das habilidades em leitura, compreensão e produção de texto de opinião. Para tal, utilizamos a escrita digital como um fator motivacional, contribuindo, dessa forma, para a inclusão e o letramento digital dos discentes.

Acreditamos que as redes sociais, utilizadas com fins pedagógicos, contribuem para a motivação dos estudantes e para a redução dos problemas de aprendizagem. A familiaridade com essas ferramentas midiáticas estimula as habilidades de leitura, compreensão e produção de texto, tarefas de extrema relevância para a formação do leitor criativo e crítico. Esse estímulo foi observado durante a aplicação da atividade e no questionário respondido pelos alunos.

Encontramos, no entanto, alguns percalços para realizarmos a atividade na escola. Entre eles, o fato de, apenas, dois computadores do laboratório de informática estarem funcionando e nenhum com acesso à Internet. Contamos com os dois notebooks da secretaria e um nosso e organizamos uma estratégia de revezamento, levando os alunos em grupos de três ao laboratório para participarem do trabalho.

Outra dificuldade enfrentada deu-se ao fato de não estarmos em sala, como titular da disciplina, mas na função de diretor adjunto. Tentamos também superar esse percalço, procurando interagir de forma mais intensa com os alunos, através de visitas constantes em sala de aula e vários contatos nas redes sociais. Aliás, essas têm o poder de diminuir a distância,

porventura existente entre professor e alunos, visto que a comunicação e a interação proporcionadas por esses ambientes virtuais aproximam seus participantes, gerando laços sociais e vínculos afetivos, conforme Moran (2013) e Recuero (2011). Acreditamos, portanto, numa melhoria no desempenho escolar dos estudantes.

Gostaríamos, ainda, de abordar algumas dificuldades sobre a utilização das tecnologias observadas nas respostas fornecidas pelos professores da Instituição de Ensino em foco, em virtude do questionário aplicado antes da realização da pesquisa. Esse questionário objetivou diagnosticar o perfil dos docentes em relação ao uso das novas tecnologias em sala de aula. Os motivos pelos quais impedem sua utilização. Segundo eles, o grande desafio em utilizar as tecnologias em suas aulas é por não possuírem as habilidades necessárias, por não terem sido preparados e estimulados em sua formação acadêmica, apesar de julgarem de grande relevância para o desenvolvimento cognitivo dos discentes.

Percebemos que há o desejo nos professores de inserirem os recursos tecnológicos em sua prática pedagógica, mas faltam formações específicas. Falta também suporte técnico nos laboratórios de informática das escolas para que haja a logística de manutenção adequada dos equipamentos e renovação por outros mais modernos, viabilizando, dessa forma, a atuação dos professores sob a mediação das ferramentas tecnológicas.

Apesar das dificuldades enfrentadas na realização do trabalho, acreditamos que os resultados tenham sido favoráveis quanto à investigação proposta nesta pesquisa de analisar a otimização da motivação dos alunos acerca das atividades de produção textual, mediadas pelas redes sociais. Eles se declararam, ao final da intervenção pedagógica, mais motivados na execução de tais tarefas. Era perceptível a satisfação da maioria dos alunos ao usarem as redes sociais na escola, especialmente o Facebook, como ferramenta pedagógica de aprendizagem.

A presente pesquisa foi realizada com um pequeno grupo de estudantes de uma escola pública estadual, da periferia da cidade de Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco. Esse pequeno grupo, na realidade, representa os outros jovens alunos da região, que possuem interesses, expectativas e ideais similares.

Essa foi apenas uma proposta pedagógica apresentada, mediada pelas tecnologias, várias outras possibilidades estão acessíveis para que sejam exploradas, além do uso do Facebook e do Blog, como o trabalho pedagógico com vídeos, as *webquests*, os *e-mails*, entre outros recursos disponíveis na Internet. Porém, para que a inserção das novas tecnologias no

fazer pedagógico surta os efeitos desejados, ou seja, contribua com a construção da aprendizagem dos alunos de forma interativa, colaborativa e significativa, é necessário que haja planejamento e engajamento de todos os responsáveis pela escola (professores, coordenadores, gestores e demais funcionários). Conforme Braga (2013), não são as TICs sozinhas que irão mudar a realidade da escola, mas a prática pedagógica que será aplicada com elas.

Propusemos, neste trabalho, a atividade de produção textual nas redes sociais, vinculada à disciplina de Língua Portuguesa. No entanto, defendemos também a proposta de projetos interdisciplinares sob a mediação das ferramentas tecnológicas, requerendo, portanto, a participação de todos os envolvidos na comunidade escolar.

A utilização de tais ferramentas tecnológicas, em atividades de leitura e escrita, proporciona aos discentes habilidades inerentes ao letramento digital, inserindo-os, por consequência, no contexto da Sociedade da Informação.

Nessa perspectiva, entendemos que também é função da escola proporcionar aos alunos estratégias didáticas direcionadas ao letramento digital, visto que é uma instituição com objetivos de formar pessoas aptas a exercerem plenamente sua cidadania. Logo, ao elaborar atividades pedagógicas mediadas pelas ferramentas midiáticas, o professor estará colaborando para que os alunos adquiram esse tipo de letramento, de grande relevância para a inclusão social e digital do sujeito. A escola não pode ficar alheia ao novo contexto social, oferecido pelo computador e pela Internet, conforme Marcuschi (2010), correndo o risco de ficar obsoleta.

A Internet viabiliza diversas possibilidades pedagógicas interessantes e interativas, como frisamos nesta dissertação, desde que seja utilizada com coerência e planejamento. Devemos, entretanto, alertar para os riscos que ela pode oferecer às pessoas, especialmente as mais jovens, se não for utilizada com cautela e responsabilidade, conforme Marcuschi (2010).

Analisando de outra forma, esses mesmos riscos a que nos referimos anteriormente são encontrados também nos ambientes físicos no cotidiano. Necessitamos de cautela, responsabilidade e monitoramento constante dos adultos para que esses jovens não sejam vítimas de pessoas mal-intencionadas, quer se trate do ambiente virtual, quer se trate do ambiente físico.

Sintetizando nossas considerações, queremos frisar que procuramos, nesta pesquisa, levar para o contexto escolar a prática de gêneros textuais digitais vivenciada pelos alunos no

seu cotidiano, como o Facebook e o Blog, com a pretensão de inovar o nosso fazer pedagógico, motivando-os, por conseguinte, nas atividades de leitura e produção de texto de opinião.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M.; PONTARA, M. *Português: contexto, interlocução e sentido*. v. 2. São Paulo: Moderna, 2008.
- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro & interação*. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SILVA, F. C. R. Gêneros textuais, virtuais e redes sociais: práticas de leitura e escrita no ensino médio profissionalizante. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação – redes sociais e aprendizagem. 2010. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Jose-Ribamar-Lopes&Francisco-das-Chagas-Silva.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2014.
- BEHRENS, M. A. *Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente*. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (orgs.) *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Rev. e atual. – Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 73-140.
- BIANCHESSI, A. L. *Educação Horizontal*. 2010. Disponível em: <http://www.anlubian.pro.br/educacao_horizontal.asp>. Acesso em: 28 jun. 2014.
- BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. *O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação*. 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinioao.pdf>. Acesso em 30 maio 2014.
- BORIN, M. A. As representações da escrita do professor de Português no Ensino Fundamental. 2004. 179 f. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=595>. Acesso em: 02 maio 2014.
- BRAGA, D. B. *A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 175-197.
- _____. *Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BRAIT, B. *Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem*. In: _____ (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. p. 87-98.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo*. 2. ed., 2ª reimpr. São Paulo: EDUC, 2012.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2013.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Tradução de José Antônio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1975.

CLEMENTE, A. P. *Origem e desenvolvimento do blog como mídia digital e sua contribuição para a construção de uma cultura feminina na web*. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-20091/Origem%20e%20desenvolvimento%20do%20blog%20como%20midia%20digital.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

COSCARELLI, C. V. *Textos 'versus' hipertexto na teoria e na prática*. In: _____. (org.) **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 147-174.

DIAS, M. C. *Rotas de navegação: a importância das hipóteses para a compreensão de hipertextos*. In: COSCARELLI, C. V. (org.) **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 67-91.

DUQUE, M. A. P. **Leitura e Escrita no Ensino Médio em uma Instituição Pública Federal**. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/mapduque.pdf>> Acesso em: 04 jul. 2014.

FONSECA, L. S. S. **O uso do Blog no Ensino de Jovens e Adultos: uma investigação em Linguística Aplicada**. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/pos/lael/lael-inf/teses/Lucilene250509.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: <<http://www.hdbr.org.br/data/site/uploads/arquivos/Paulo%20Freire%20%20A%20Import%C3%83%C2%A2ncia%20do%20Ato%20de%20Ler.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, M. T. de A. *A formação de professores diante dos desafios da cibercultura*. In: FREITAS, M. T. de A. (org.) **Cibercultura e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 57-74.

GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

_____. *Concepções de linguagem e ensino de português*. In: _____. (org.) **O Texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 39-46.

_____. *Prática da leitura na escola*. In: _____. (org.) **O Texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 88-99.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.) *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas-SP: Papirus, 2012.

KIRKPATRICK, D. *O efeito facebook*; tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KLEIMAN, A. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. 15. ed. Campinas-SP: Pontes, 2013.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 10. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3. ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

KOMESU, F. C. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 135-146.

LEMO, A.; LÉVY, P. *O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34. 1999.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 15-80.

MATTAR, J. *O uso das redes sociais na educação*. 2012. Disponível em: <<http://www.educacaoetecnologia.org.br/?p=5487>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

MORAN, J. M. *Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias*. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. (orgs.) *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 21. ed. Rev. e atual. – Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 11-72.

OLIVEIRA, E. *Pesquisa-ação*. 2014. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/pedagogia/pesquisa-acao/>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PINHEIRO, K. *Concepções de linguagem*. 2010. Disponível em: <<http://keylapinheiro.blogspot.com.br/2010/03/concepcoes-de-linguagem.html>>. Acesso em: 02 maio 2014.

PRIMO, A. *O aspecto relacional das interações na Web 2.0*. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RIBEIRO, A. E. *Convergências e divergências em navegação e leitura*. In: COSCARELLI, C. V. (org.) **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 93-120.

RODRIGO. *Como fazer um blog Blogspot em 5 minutos*. 2013. Disponível em: <<http://www.comofazer.net/como-fazer-um-blog-blogspot/#>>. Acesso em: 27 jan. 2015.

RODRIGUES, C. **O uso de blogs como estratégia motivadora para o ensino de escrita na escola**. 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000436236&fd=y>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

RODRIGUES, G. dos S. *Novas tecnologias, letramentos e gêneros textuais digitais: interatividade no ensino de línguas*. Curitiba. 2010. Disponível em: <http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27582/2335/com_identificacao/artigo_autor.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2014.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCARTON, G. *Guia de produção textual: assim é que se escreve...* Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, [2002]. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/19017796/GUIA-DE-PRODUCAO-TEXTUAL-PUC#scribd>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

SERCUNDES, M. M. I. *Ensinando a escrever*. In: GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Coord.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 79-100.

SILVA, Marco. *Sala de aula interativa*. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

SILVA, Maria A. A. e. *Hipertextualidade como condição cognitiva*. In: COSCARELLI, Carla V. (org.) **Hipertextos na teoria e na prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 121-145.

SOARES, M. *Letramento: um tema de três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. *Alfabetização e letramento*. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOUZA, A. G. de. Gêneros virtuais – Algumas observações. *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura – Ano 04 n.07 – 2º Semestre de 2007*. Disponível em: <http://www.letramagna.com/generos_virtuais_revista_aguinaldo.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2014.

TEIXEIRA, C. A. *A origem do Facebook*. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/a-origem-do-facebook-4934191>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

XAVIER, A. C. *Leitura, texto e hipertexto*. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 207-220.

_____. *Letramento digital e ensino*. 2002. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

ANEXOS

ANEXO A – Questionário: Professores (Uso das Tecnologias)

Prezado(a) Professor(a)

Este questionário objetiva recolher informações para serem inseridas no trabalho de pesquisa do Mestrado Profissional em Letras, na Universidade Federal de Campina Grande, Campus em Cajazeiras - PB, tendo como tema: “Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino Fundamental”. Responda com objetividade as questões discursivas e assinale com X (nas questões de múltipla escolha) a alternativa que corresponder a sua situação e/ou opinião. Suas respostas serão mantidas em sigilo, servindo apenas como subsídios para o estudo, portanto, solicitamos que não escreva seu nome.

Agradecemos sua colaboração.

Parte I – Dados Pessoais e profissionais

- 1) Idade: () Menos de 20 anos () 20-29 anos () 30-39 anos () 40-49 anos () 50 ou mais anos
- 2) Sexo: () Masculino () Feminino
- 3) Formação: _____
- 4) Instrução: () Doutorado () Mestrado () Especialização () Graduação () Nível Médio
- 5) Tempo de Serviço: () 1 – 10 anos () 11-20 anos () 21-30 anos () Mais de 30 anos
- 6) Situação Profissional: () Efetivo () Temporário
- 7) Carga-Horária semanal em sala de aula (em todas as escolas onde leciona):
() Até 20 h () 21 - 30 h () 31- 40 h () Mais de 40 horas

Parte II – Conhecimento e experiência em Tecnologias

- 8) Na sua graduação pagou alguma disciplina relacionada ao uso das tecnologias na educação? () Sim () Não
- 9) Ao longo da sua carreira profissional realizou alguma formação sobre utilização de tecnologias na educação? () Sim () Não

10) Se respondeu NÃO à questão anterior, informe o motivo: () Falta de tempo () Falta de oportunidade () Questões financeiras () Falta de interesse () Outro Motivo

11) Sabe utilizar computadores? () Sim () Não (Se respondeu Não, passe para a questão 15)

12) Como classificaria a sua capacidade de utilização de computadores?
() Muito Bom () Bom () Razoável () Fraco () Muito fraco

Parte III – Utilização das Tecnologias

13) Assinale com X, na alternativa correspondente, a sua resposta: SIM / NÃO

a) Possui computador para uso pessoal? () SIM () NÃO

b) Possui E-mail? () SIM () NÃO

c) Possui blog pessoal? () SIM () NÃO

d) Possui conta no Facebook? () SIM () NÃO

14) Marque com X a alternativa que corresponde à sua resposta.

a) Com que frequência utiliza o computador?

() Não utilizo () Até 3 horas por semana () 4 a 6 horas por semana () 7 a 10 horas por semana

b) Com que frequência utiliza a Internet?

() Não utilizo () Até 3 horas por semana () 4 a 6 horas por semana () 7 a 10 horas por semana

15) Já utilizou, em suas aulas, algum recurso tecnológico? () SIM () NÃO

16) Se respondeu SIM à questão anterior, informe qual ou quais:

17) Com que frequência utiliza o computador para preparar as suas aulas?

() Algumas vezes por mês () Algumas vezes por semana () Todos os dias () Nunca

18) Considera importante a utilização das tecnologias para o processo de aprendizagem dos alunos? () SIM () NÃO

19) Motiva seus alunos a usarem o computador e a Internet na resolução das atividades de casa? () SIM () NÃO

20) Você acha que a utilização do computador em sala de aula altera a relação do professor com os alunos? () SIM () NÃO

21) Se respondeu SIM à questão anterior, considera a alteração como:

() Favorável ao ensino-aprendizagem () Desfavorável ao ensino-aprendizagem

22) Na sua opinião, por que alguns professores ainda não utilizam as tecnologias em suas atividades pedagógicas? (Assinale a alternativa que expressa o motivo principal):

- Não perceber as possibilidades pedagógicas que as TICs oferecem
- Não possuir formação ou conhecimento específicos
- Falta de tempo para elaborar as atividades
- Falta de interesse
- Falta de suporte administrativo
- Quantidade insuficiente de recursos tecnológicos na escola

Muito obrigado!

Professor Evandro Alvares de Lira

ANEXO B – Questionário: Alunos (Sondagem sobre uso das tecnologias)

Prezado(a) aluno(a),

Antes de iniciarmos nossas atividades no Facebook e no Blog, gostaria que respondesse às seguintes perguntas:

1. Você tem computador em casa? () SIM () NÃO
2. Costuma acessar a Internet? () SIM () NÃO
3. Onde você usa a Internet? (Caso tenha respondido SIM à pergunta 2).
() Em casa () Na escola () Na Lan House
() Na casa de parentes () Na casa de amigos () No celular
4. Com qual frequência você usa a Internet? (Caso tenha respondido SIM à pergunta 2).
() Todos os dias () Duas vezes por semana
() Uma vez por semana () Às vezes
5. Você possui e-mail? () SIM () NÃO
6. Se respondeu SIM à questão anterior: Usa com frequência? () SIM () NÃO
7. Você possui conta no Facebook? () SIM () NÃO
8. Se respondeu SIM à questão 7: Com qual frequência você usa o Facebook?
() Todos os dias, várias vezes () Todos os dias, uma vez
() Poucas vezes por semana () Às vezes
9. Por que você usa o Facebook?
() Porque gosto () Porque quase todo mundo usa
() Por necessidade () Para ficar atualizado(a)
9. Você sabe o que é 'Blog'? () SIM () NÃO
10. Você acredita que é possível usar as Redes sociais (Facebook), E-mail, Blog em atividades escolares?
() SIM () NÃO
11. Você acredita que o uso das tecnologias nas atividades escolares o(a) ajudaria a melhorar sua aprendizagem?
() Muito () Pouco () Não
12. Você gostaria que os professores usassem recursos tecnológicos nas atividades escolares (em sala de aula e em atividades para casa)?
() SIM () NÃO

ANEXO C – Matriz Curricular do Curso de Letras da UFRPE/UAST

MATRIZ CURRICULAR DO CURSO DE LETRAS DA UFRPE/UAST

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º
Introdução aos Estudos Lingüísticos 60h	Lingüística I 60h	Lingüística II 60h	Lingua Portuguesa III (Lexicologia e Semântica) 60h	Lingua Portuguesa IV (Análise do Discurso) 45h	Lingua Portuguesa V (Sociolingüística e Pragmática) 45h	Literatura Inglesa I (Medieval, Clássica e Romântica) 60h	Literatura Inglesa II (Moderna e Contemporânea) 60h	Literaturas Africanas em Expressão Portuguesa 60h
Introdução aos Estudos Literários 60h	Teoria e Crítica Literária I 60h	Teoria e Crítica Literária II 60h	Lingua Inglesa III (Lexicologia e Semântica) 60h	Lingua Inglesa IV (Análise do Discurso) 45h	Lingua Inglesa V (Sociolingüística e Pragmática) 45h	Literatura Americana I (Colonial e Romântica) 60h	Literatura Americana II (Moderna e Contemporânea) 60h	Optativa II 60h
Organização do Trabalho Científico 60h	Lingua Portuguesa I (Fonética e Fonologia) 60h	Lingua Portuguesa II (Morfosintaxe) 60h	Literatura Brasileira I (Colonial) 60h	Literatura Brasileira II (Imperial) 60h	Literatura Brasileira III (Republicana) 60h	Estágio Supervisionado Obrigatório (Lingua Portuguesa I) 75h	Estágio Supervisionado Obrigatório (Lingua Portuguesa II) 75h	Estágio Supervisionado Obrigatório (Lingua Portuguesa III) 60h
Leitura, Interpretação e Redação 60h	Lingua Inglesa I (Fonética e Fonologia) 60h	Lingua Inglesa II (Morfosintaxe) 60h	Literatura Portuguesa I (Medieval) 60h	Literatura Portuguesa II (Renascentista e Romântica) 60h	Literatura Portuguesa III (Moderna e Contemporânea) 60h	Estágio Supervisionado Obrigatório (Lingua Inglesa I) 75h	Estágio Supervisionado Obrigatório (Lingua Inglesa II) 75h	Estágio Supervisionado Obrigatório (Lingua Inglesa III) 60h
Lingua Latina I 60h	Fund. Filos. Hist. Socio. da Educação 60h	Psicologia do Desenvol. e da Aprendizagem. 60h	Lingua Brasileira de Sinais I 60h	Teoria Didática e Pedagógica 45h	Prática de Ensino I (ensino fundamental) 45h	Informática Aplicada ao Ensino 60h	Optativa I 60h	Optativa III 60h

Carga horária total: 3.190 h
Atividades Complementares 210h

ANEXO D – Texto: ‘Celular: mocinho ou vilão?’

Nas últimas décadas tem se intensificado o uso de tecnologias diversas no cotidiano das pessoas. A cada dia novas tecnologias são lançadas no mercado e essa efemeridade provoca uma popularização de seu uso. Esse é o caso do celular, que até a década passada era considerado um artigo de luxo, mas passou a fazer parte da vida das pessoas, independentemente da sua classe social. Entretanto, na medida em que se torna acessível essa tecnologia, torna-se relevante a preocupação quanto aos limites de sua utilização.

O celular, cuja função era inicialmente de realizar e receber chamadas, passou ser um aparelho versátil, dotando-se de utilidades como a de fotografar, filmar, assistir a vídeos, acessar a internet, entre outras. Dessa forma, torna-se prática e econômica a aquisição de um aparelho com tantos predicados, embora nem sempre todos os recursos disponíveis sejam utilizados a contento.

Diante da infinidade de recursos, a utilização do celular vem sendo discutida por educadores, em virtude de este ser visto como um meio de dispersar a atenção em sala de aula, além de poder propiciar a transgressão da privacidade e a apologia à violência, uma vez que filmar brigas entre alunos por meio das câmeras de celular e disponibilizar o vídeo na rede se constitui prática comum.

Entretanto, o espetáculo em que se transforma a violência no ambiente escolar e, também, o desvio de atenção dos alunos não devem ser atribuídos à posse do celular, mas à falta de limites impostos pelas instituições família, principalmente, e escola em relação ao uso dessa tecnologia. Os pais se isentam da educação dos filhos porque eles mesmos não têm limites em se tratando do uso de tecnologias, e as escolas têm sido, o que pode ser notado em ocasiões em que há desrespeito às regras de sociabilidade.

Não cabe ao Estado disciplinar o uso dos celulares, mas aos próprios pais educarem seus filhos e se educarem quanto ao uso ético do aparelho e, ainda, à escola delimitar suas regras. Proibir o uso seria medida insana, devido à indiscutível relevância do celular na atualidade, sendo esta uma invenção capitalista, que tenta suprir uma necessidade do homem contemporâneo: de se comunicar independente do lugar onde estiver.

Portanto, o celular não pode ser considerado vilão, mas é vilã sua utilização imprópria. Deve esse aparelho nos servir nos momentos convenientes. É necessário que tenhamos maturidade para usá-lo e isso implica dizer que, para presentear nossos filhos com um aparelho, devemos saber se estes já podem utilizá-lo com consciência. Assim, cabe aos pais e à escola regulamentar o uso e aplicar medidas que visem corrigir vícios decorrentes do uso indiscriminado do celular.

(Texto elaborado por internauta que desenvolveu a proposta apresentada pela UOL para o mês de janeiro de 2010.)
DISPONÍVEL EM: <http://educacao.uol.com.br/bancoderedacoes/redacao/ult4657u631.jhtm>. Acesso em 10 jul. 2014

ANEXO E – Texto: ‘Etiqueta no Facebook: o que postar?’ (Leonardo Bortoletto)

O Brasil é o quinto país mais conectado do mundo e o segundo mais presente nas redes sociais. Em média, o brasileiro passa 10 horas e 26 minutos por dia navegando pelas redes, de acordo com levantamento do Net Insight, do Ibope Media. A pesquisa também revela que, em janeiro deste ano, 72,4 milhões de brasileiros acessaram a Internet pelo computador de casa ou do trabalho. Desse total, 53,5 milhões estavam com perfil ativo, ou seja, visitaram as redes sociais nesse período.

Cada vez mais presentes na rotina dos brasileiros, seja para lazer ou por motivos profissionais, as redes sociais tornaram-se um meio de comunicação eficaz e democrático, principalmente com o advento dos smartphones e dos tablets. Em contrapartida, a facilidade e a rapidez no envio de mensagens e no compartilhamento de textos, de fotos e de imagens têm gerado a exposição exagerada da vida pessoal na rede. O resultado é, muitas vezes, a vivência de situações constrangedoras, como fotos indiscretas, mensagens ofensivas, spam e até conteúdo ilícito.

Por isso, portar-se bem nesses ambientes é o novo desafio. Para quem inicia a vida virtual a dica é: antes de criar um perfil, pondere se deseja um perfil profissional ou somente pessoal. Respondida essa questão, o próximo passo é avaliar o conteúdo que será publicado. No entanto, o que o indivíduo deve ter em mente é que todo conteúdo publicado na rede reflete diretamente na sua imagem, ou seja, em como as pessoas irão vê-lo. O ideal é transportar a etiqueta convencional para o mundo virtual. Ter educação e respeito com o próximo são alguns dos cuidados para manter as relações virtuais, além, é claro, de controlar a quantidade de mensagens publicadas e de retuites, de selecionar os tipos de imagens postadas e de evitar convites para jogos.

Basicamente, o bom relacionamento no Facebook segue duas regras, impreterivelmente, das relações convencionais: sempre tratar seus amigos e demais usuários da rede como você gostaria de ser tratado e jamais postar ou fazer o que você não faria em outro lugar. As redes sociais se tornaram uma extensão de nossas vidas, mas é preciso ter bom senso e critérios para postar conteúdo, construindo uma plataforma mais interessante e segura.

DISPONÍVEL EM: <http://inteligenciadigital.soubh.com.br/plus/modulos/noticias/ler.php?cdnoticia=17>. Acesso em: 1 ago. 2014.

ANEXO F – Questionário: Alunos (Após aplicação da atividade)

Prezado(a) aluno(a):

1. A atividade de debate e interação realizada no grupo do facebook foi interessante?

SIM NÃO

2. Você se sentiu mais motivado em produzir texto no facebook?

SIM NÃO SÓ UM POUCO

Por quê?

3. Gostaria de realizar outras atividades escolares, utilizando as redes sociais?

SIM NÃO

Por quê?

4. Sentiu dificuldades em realizar as atividades propostas no facebook?

MUITA NENHUMA SÓ UM POUCO

Por quê?

5. Sentiu dificuldades em realizar as atividades propostas no blog?

MUITA NENHUMA SÓ UM POUCO

Por quê?

6. Gostou de usar essa ferramenta?

SIM NÃO SÓ UM POUCO

Por quê?

6. Você acredita que realizar atividades escolares utilizando as tecnologias, como as redes sociais, melhora o interesse dos alunos pelos estudos e sua aprendizagem?

SIM NÃO

Por quê?

ANEXO G – Termo de Anuência

ESCOLA ESTADUAL ROTARY

Alto Nossa Senhora do Amparo, s/n – Livramento

Vitória de Santo Antão – PE

Fones: 3526-8883 / 3526-8884

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaro para os devidos fins de direito que estamos de acordo com a execução da pesquisa intitulada “REDES SOCIAIS: FERRAMENTAS MOTIVADORAS DE PRODUÇÃO DE TEXTO DE OPINIÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL”, que será realizada pelo aluno mestrando Evandro Alvares de Lira sob orientação do professor Doutor Jorgevaldo de Souza Silva, o qual terá apoio desta Instituição.

Esta Instituição está ciente de suas co-responsabilidades como co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso em verificar seu desenvolvimento para que possa cumprir os requisitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e suas complementares, como também, no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, assegurando a infraestrutura necessária.

Vitória de Santo Antão, 02 de abril de 2014.


Cristiane Cavalcanti de Oliveira
GESTORA
Mat 138 723-5 Port. N° 583 de 12/01/12

ANEXO H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Alunos)

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL CAMPUS CAJAZEIRAS – PB	
---	---	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ALUNOS)

Você, _____, está sendo convidado (a) para participar como voluntário (a) de uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar sua participação no estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino Fundamental**

Pesquisador Responsável : **Professor Evandro Alvares de Lira**

Telefones para contato : **(81) 3526-8883 / (81) 3526-8884**

Local de coleta dos dados: **Escola Estadual Rotary**

Objetivo do Projeto de pesquisa

- ◆ Investigar as motivações proporcionadas pelas redes sociais no processo de aprendizagem, especificamente, em relação à produção de textos de opinião, nos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

IMPORTANTE:

- ◆ A pesquisa terá duração de 2 MESES: julho e agosto de 2014.
- ◆ Suas respostas serão tratadas de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário, utilizaremos codificações.
- ◆ Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.
- ◆ Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.
- ◆ Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder a perguntas de um questionário relacionado ao uso das redes sociais e prática de leitura e produção de texto; realizar atividades de interação, leitura e produção de texto num grupo secreto no Facebook, criado com esse objetivo específico; e postagem de textos de opinião produzidos por você, no blog específico para essa atividade. Os questionários ficarão guardados por cinco (05) anos e incinerados após esse período.
- ◆ Você não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**.
- ◆ O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área da Educação contribuindo para elaboração de políticas públicas relacionadas a um aprimoramento das práticas de leitura e de escrita na sala de aula com a inserção das novas tecnologias.
- ◆ Desde já, muito obrigado!

Professor Evandro Alvares de Lira

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, concordo que meu filho (a) participe do estudo acima citado como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo na instituição em que ele (a) estuda.

Vitória de Santo Antão, __/__/__

Assinatura do responsável direto: _____

ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Professores)

	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS PROFLETRAS – MESTRADO PROFISSIONAL CAMPUS CAJAZEIRAS – PB	
---	---	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROFESSORES)

Você, professor (a), está sendo convidado (a) para participar como voluntário (a) de uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar sua participação no estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: **Redes sociais: Possibilidades mediadoras de produção de texto de opinião no Ensino Fundamental**

Pesquisador Responsável : **Professor Evandro Alvares de Lira**

Telefone para contato : **(81) 3526-8883 / (81) 3526-8884**

Local de coleta dos dados: **Escola Estadual Rotary**

Objetivos do Projeto de pesquisa

- ◆ Investigar as motivações proporcionadas pelas redes sociais no processo de aprendizagem, especificamente, em relação à produção de textos de opinião, nos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental;
- ◆ Investigar os usos que os professores já fazem das novas tecnologias em suas práticas pedagógicas, caso não façam, averiguar os motivos, as dificuldades e expectativas.

IMPORTANTE:

- ◆ Questionário aplicado no mês de junho de 2014.
- ◆ Suas respostas serão tratadas de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário, utilizaremos codificações.
- ◆ Os **dados coletados** serão utilizados apenas **NESTA** pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.
- ◆ Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.
- ◆ Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder a perguntas de um questionário relacionado ao uso das tecnologias nas práticas pedagógicas, sua formação acadêmica e continuada, experiência profissional, perspectivas em relação ao uso das novas tecnologias como ferramenta pedagógica, etc. Os questionários ficarão guardados por cinco (05) anos e incinerados após esse período.
- ◆ Você não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**.
- ◆ O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área da Educação contribuindo para elaboração de políticas públicas relacionadas a um aprimoramento das práticas de leitura e de escrita na sala de aula com a inserção das novas tecnologias.
- ◆ Desde já, muito obrigado!

Professor Evandro Alvares de Lira

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, concordo em participar do estudo acima citado como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer prejuízo na instituição em que trabalho.

Vitória de Santo Antão, __/__/__

Assinatura do (a) professor (a):
